



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Centro de Educação e Humanidades**

**Faculdade de Formação de Professores**

**Marcelo Solino Christino**

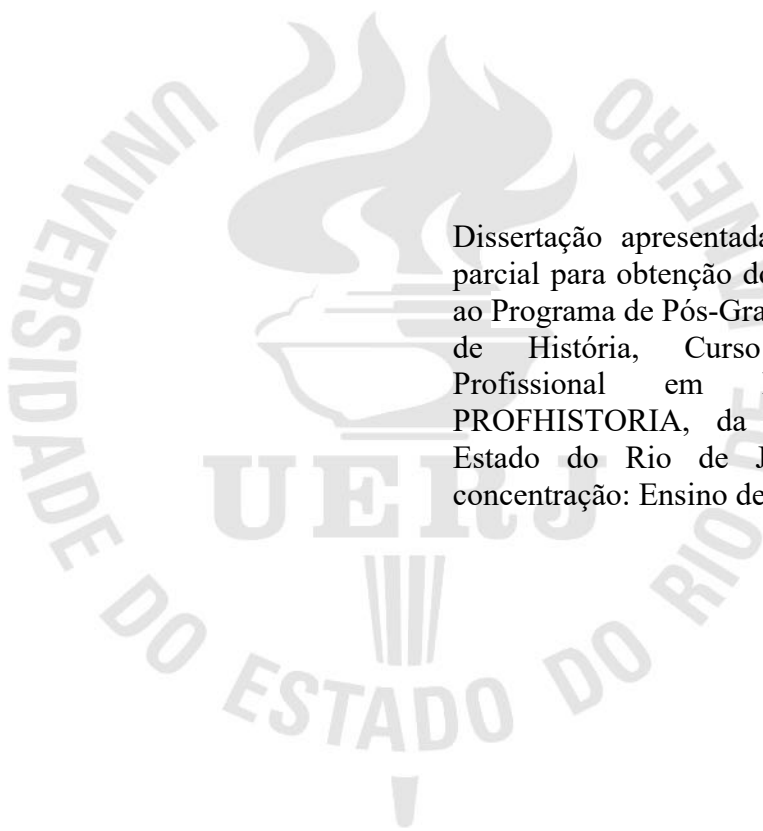
**Criando caminhos outros na Educação de Jovens e Adultos (PEJA) na  
cidade do Rio de Janeiro: experiências que transformam docentes**

**São Gonçalo**

**2024**

Marcelo Solino Christino

**Criando caminhos outros na Educação de Jovens e Adultos (PEJA) na cidade do Rio de Janeiro: experiências que transformam docentes**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gouvea de Sousa

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C555  
TESE

Christino, Marcelo Solino.

Criando caminhos outros na Educação de Jovens e Adultos (PEJA) na cidade do Rio de Janeiro: experiências que transformam docentes / Marcelo Solino Christino. – 2024.  
214f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gouvea de Sousa.

Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade do Estado Rio de Janeiro. Faculdade de Formação dos Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. Educação de jovens e adultos – Teses. 3. Prática de ensino – Teses. I. Sousa, Francisco Gouvea de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6150

CDU 93(07)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Marcelo Solino Christino

**Criando caminhos outros na Educação de Jovens e Adultos (PEJA) na cidade do Rio de Janeiro: experiências que transformam docentes**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 19 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Franscisco Gouvea de Sousa (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores - UERJ

---

Prof. Dr. Henrique Pinheiro Costa Gaio

Faculdade de Formação de Professores - UERJ

---

Prof. Dr. Thiago de Abreu e Lima Florencio

Universidade Regional do Cariri

São Gonçalo

2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essas palavras a todos os professores e professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que ousam lutar incansavelmente por uma educação de qualidade, que ousam refletir constantemente sobre suas práticas pedagógicas, que ousam dialogar com a heterogeneidade de experiências e saberes trazidos pelos discentes, e que, todos os dias, transgridem o *modus operandi* para oferecer aos discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) um sentido de pertencimento social, lutando para ter assegurado a esses discentes o direito público subjetivo à educação pública e de qualidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento por aquilo que se recebe.

Uma das coisas que mais aprendi durante o curso de mestrado e o contato com os discentes da Educação de Jovens e Adultos é que devemos sempre agradecer.

Por isso, sou extremamente grato ao programa de mestrado profissional do ProfHistória, sem o qual nem sequer pensaria em cursar o mestrado depois de mais de 20 anos fora da academia.

Agradeço aos discentes que me possibilitaram enxergar o que não estava tão claro, pela troca de experiências e saberes, não necessariamente escolares, mas que se complementaram com esses.

Sou grato também aos colegas docentes entrevistados, que me permitiram conhecer um pouco de cada um deles, assim como a dedicação e sabedoria adquiridas nas aulas com os discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além da coragem de compartilhar um pouco de suas experiências, possibilitando a realização desta pesquisa.

Agradeço a todos os professores e professoras do ProfHistória com os quais convivi nas aulas de suporte à pesquisa, pela dedicação, entusiasmo e carinho que tiveram comigo e com meus colegas da turma de mestrado 2022.

Aos meus colegas de turmas, cujo espaço de diálogo esteve sempre aberto para a troca de experiências, desabafos e sonhos, tanto durante as aulas quanto nos intervalos, degustando aquele cafezinho que nos mantinha acordados após um exaustivo dia de trabalho.

Ao querido professor Francisco Gouvea de Sousa, meu orientador, pela paciência comigo, pela leitura crítica, pelas correções necessárias, pelas sugestões feitas e pelo incentivo dado ao longo do processo de elaboração desta pesquisa. Sabendo da minha falta de conhecimento teórico para determinadas áreas, ele esteve sempre atento e, pacientemente, me incentivou em diversas oportunidades durante nossas conversas.

À minha família por entender meu afastamento, por diversas vezes, para estudo e elaboração desta pesquisa de mestrado, além do constante incentivo e apoio nos momentos que eu pensei em desistir. Meu agradecimento eterno!

À Pollyana de Oliveira Vargas Costa, Chefe de Seção – Secretaria da Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória da Faculdade de Formação de Professores (FFP) – UERJ, pela paciência pelas inúmeras vezes que enviei perguntas e dúvidas, sempre respondendo de forma atenciosa.

Ao sistema Capes, que fomentou este processo e me possibilitou reduzir as horas extras, permitindo-me dedicar mais tempo às leituras necessárias. Meu muito obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Veja  
Não diga que a canção está perdida  
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida  
Tente outra vez  
Beba (beba)  
Pois a água viva ainda tá na fonte (tente outra vez)  
Você tem dois pés para cruzar a ponte  
Nada acabou, não, não, não, oh  
Tente  
Levante sua mão sedenta e recomece a andar  
Não pense que a cabeça aguenta se você parar  
Não, não, não, não, não, não  
Há uma voz que canta, há uma voz que dança  
Uma voz que gira (gira) bailando no ar  
Queira (queira)  
Basta ser sincero e desejar profundo  
Você será capaz de sacudir o mundo  
Vai, tente outra vez  
Tente (tente)  
E não diga que a vitória está perdida  
Se é de batalhas que se vive a vida  
Tente outra vez

*Raul Seixas / Marcelo Motta / Paulo Coelho*



## RESUMO

CHRISTINO, Marcelo Solino. *Criando caminhos outros na Educação de Jovens e Adultos (PEJA) na cidade do Rio de Janeiro: experiências que transformam docentes*. 2024. 214f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

O presente estudo tem como tema o encontro entre o ensino de História e as práticas de letramento racial envolvidas no processo de ensino na Educação de Jovens e Adultos. Essas práticas não apenas possibilitam a transformação dos discentes, mas também promovem a mudança nos docentes, a partir dos diálogos estabelecidos entre o saber histórico-escolar e os saberes e experiências de vida trazidos pelos alunos. No contexto específico da pesquisa, o objetivo foi compreender a relação entre as práticas de letramento de estudantes do ensino básico da Educação de Jovens e Adultos, e a troca de experiências e saberes que transformam os docentes nas aulas de História.

Palavras-chave: ensino de História; educação de jovens e adultos; saberes e práticas no espaço escolar; narrativa vivencial; saber experiência feito.

## ABSTRACT

CHRISTINO, Marcelo Solino. *Creating new paths in Youth and Adult Education (PEJA) in the city of Rio de Janeiro: experiences that transform teachers*. 2024. 214f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

The theme of this study is the encounter between the teaching of History and the racial literacy practices involved in the teaching process in Youth and Adult Education. These practices not only enable the transformation of students, but also promote change in teachers, based on the dialogues established between historical-school knowledge and the knowledge and life experiences brought by students. In the specific context of the research, the objective was to understand the relationship between the literacy practices of basic education students in Youth and Adult Education, and the exchange of experiences and knowledge that transform teachers in History classes.

Keywords: History teaching; youth and adult education; knowledge and practices in the school space; experiential narrative; knowledge from experience.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Chamada para o XVIII Encontro de alunos e alunas EJA Rio 2024 ..	65
Figura 2 –	Faixa XVIII Encontro de alunos e alunas EJA Rio 2024 .....	65
Figura 3 –	Trabalho apresentado no XVIII Encontro de alunos e alunas EJA Rio 2024 sobre a luta Antirracista .....	66
Figura 4 –	Trabalho apresentado no XVIII Encontro de alunos e alunas EJA Rio 2024 sobre o ECA e a Lei Maria da Penha .....	66
Figura 5 –	Trabalho em cartolina sobre a Cidadania e Democracia apresentado no XVIII Encontro de alunos e alunas EJA Rio 2024 .....	67
Figura 6 –	Trabalho em cartolina sobre o Estatuto da Juventude apresentado no XVIII Encontro de alunos e alunas EJA Rio 2024 .....	67
Figura 7 –	Trabalho em cartolina sobre Cidadania e Democracia desde a escola: projetos de participação cidadã apresentado no XVIII Encontro de alunos e alunas EJA Rio 2024 .....	68
Figura 8 –	Chamada para o VII FALAPEJA 2023 com o tema: Lugar de memórias e histórias .....	68
Figura 9 –	Cartaz com o tema do VII FALAPEJA 2023: Lugar de memórias e histórias .....	69
Figura 10 –	Chamada para o XXIV EXPOEJA 2023 com o tema - Identidades e representatividade: potências indígenas e negras na EJA .....	70
Figura 11 –	Banner com o tema da EXPOEJA 2023 - Identidades e representatividade: potências indígenas e negras na EJA .....	71
Figura 12 –	Banner apresentado no XXIV EXPOEJA 2023 sobre respeite a minha cor .....	71
Figura 13 –	Trabalho apresentado no XXIV EXPOEJA 2023 sobre costurando identidades .....	72
Figura 14 –	Painel de entrada do XXIV EXPOEJA 2023 .....	72
Figura 15 –	Trabalho apresentado no XXIV EXPOEJA 2023 sobre varal de personalidades negras .....	73

Figura 16 – Chamada para o VIII FALAPEJA 2024 com o tema: Espaço de Re(s)(x)istência .....	74
Figura 17 – Imagens com exemplo de mulheres que fizeram história nacionais ou estrangeiras .....	83
Figura 18 – Imagens com alunas vestindo jaleco representando-as como mulheres cientistas do futuro .....	83
Figura 19 – Imagem do trabalho feito sobre Mulheres cientistas que marcaram o mundo .....	84
Figura 20 – Alunas ao lado de suas autobiografias .....	85
Figura 21 – Sala de aula com os discentes assistindo ao curta “Vista a minha pele”	85
Figura 22 – Frase de um discente sobre o seu conceito de Racismo .....	89
Figura 23 – Texto de um discente sobre o racismo no seu cotidiano .....	90
Figura 24 – Letra de uma música escrita por um discente sobre o racismo vivenciado .....	90
Figura 25 – Imagens das discentes em roda discutindo assuntos sobre violência doméstica, feminicídio, entre outros assuntos .....	91
Figura 26 – Capa do livro de autobiografia dos discentes do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega .....	92

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCBB	Centro Cultural Banco do Brasil
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CF	Constituição Federal do Brasil
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CME	Conselho Municipal de Educação
COOEPE	Cooperativa de Professores e Especialistas
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
CREJA	Centro Municipal de Referência da Educação de Jovens e Adultos
CRIAAD	Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente
DEGASE	Departamento Geral de Medidas Socioeducativas
DR	Dupla Regência
EAD	Educação a Distância
EFOMM	Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Escola Municipal
EXPOPEJA	Exposição de Trabalhos da Educação de Jovens e Adultos
FALAPEJA	Dialogando sobre as Práticas Docentes em Educação de Jovens e Adultos
FFP UERJ	Faculdade de Formação de Professores da UERJ
GEJA	Gerência de Educação de Jovens e Adultos
GERER	Gerência das Relações Étnico Raciais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
IF UFRJ	Instituto de História

INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MG	Minas Gerais
OBMEP	Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
PEJ	Projeto de Educação Juvenil
PEJA	Programa de Educação de Jovens e Adultos
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNE	Plano Nacional de Educação
PNPIR	Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial
PROFHISTÓRIA	Mestrado Profissional em Ensino de História
RJ	Rio de Janeiro
SEEDUC RJ	Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro
SEPPIR	Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial
SESI	Sistema Social da Indústria
SME RJ	Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UP	Unidade de Progressão
URCA	Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>AUTOBIOGRAFIA E ALGUNS DEBATES EM TEORIA E ENSINO ..</b>	<b>22</b>
1.1	Minha trajetória de vida até a escola .....	22
1.2	Quem eu era em 2005 e quem eu sou em 2024? Permanências? Mudanças? .....	27
1.3	Por que o meu interesse na branquitude e onde o tema apareceu na minha trajetória escolar? .....	33
1.4	Minha infância e a questão racial que me permeava .....	38
<b>2</b>	<b>DESCRIÇÃO DO PEJA E SUA IMPORTÂNCIA .....</b>	<b>42</b>
2.1	A Educação de Jovens e Adultos na cidade do Rio de Janeiro – o PEJA, uma história de construção .....	42
2.2	A educação de jovens e adultos na cidade do Rio de Janeiro: a estrutura	46
2.3	Dissertações de mestrado do ProfHistória sobre a modalidade de ensino EJA: 2016 a 2021 .....	48
<b>3</b>	<b>ENTREVISTAS COM DOCENTES, ANÁLISE DELAS INTERCALADAS COM VOZES DISCENTES .....</b>	<b>52</b>
3.1	O falar de si como ponto de mobilização para a compreensão do outro ...	52
3.2	A trajetória dos professores entrevistados, suas lutas e o que esperavam do PEJA: o acolher e o afeto com os estudantes .....	55
3.2.1	<u>Entrevista com o professor 1, uma trajetória de vida e uma experiência de luta</u>	57
3.2.2	<u>Entrevista com o professor 2, uma trajetória de vida de Minas Gerais ao Rio de Janeiro, seu encontro com a EJA e depois com o PEJA .....</u>	64
3.3	A trajetória dos estudantes do PEJA até chegar à escola e o que esperam dela: o quanto a escola transforma suas vidas .....	78
<b>4</b>	<b>AS ATIVIDADES DISCENTES .....</b>	<b>81</b>
4.1	Oficinas como lugar de fala e escuta tanto para professores quanto para estudantes .....	81

4.2	<b>Qual seria o papel do (a) (s) professor (a) (s) da EJA dentro da diversidade do PEJA e das dificuldades que ela possui? .....</b>	<b>93</b>
	<b>CONCLUSÃO: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA .....</b>	<b>97</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE – Roteiro de entrevistas .....</b>	<b>106</b>
	<b>ANEXO A – Lâminas dos trabalhos .....</b>	<b>113</b>
	<b>ANEXO B – Trabalhos realizados .....</b>	<b>128</b>
	<b>ANEXO C – Apostila das autobiografias dos discentes .....</b>	<b>130</b>
	<b>ANEXO D – Questionário OBMEP .....</b>	<b>211</b>
	<b>ANEXO E – Questionário PEJA .....</b>	<b>212</b>



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata da relação entre o ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e uma possível transformação dos docentes por meio do contato e do diálogo com os discentes dessa modalidade de ensino, com o objetivo de contribuir para a transformação e a construção cidadã desses discentes da Educação de Jovens e Adultos, assim como oferecer alguns subsídios para os docentes iniciantes da EJA.

A troca de experiências que ocorre nesse processo tem um impacto nas vidas dos discente e nos profissionais que com eles convivem diariamente – profissionais que chegam algumas vezes desorientados (como foi meu caso e de outros colegas) quanto ao conteúdo a ser ensinado, como lidar com a diversidade da EJA, e que passam a dialogar, ressignificando suas identidades e modificando suas visões de mundo.

O título da dissertação com o trecho "caminhos outros", poderia estar relacionado a uma visão epistêmica do que alguns autores chamam de decolonialidade. Porém, aqui está inserida não apenas em relação aos discentes que se modificam e se transformam com a educação, mas também ao docente, quando este se abre para o diálogo e para a troca de experiências sem se sentir absoluto no seu conhecimento, transformando-o em prática. Pois nunca é tarde para voltar aos estudos, para aprender, aprender ao longo da vida.

Essa frase reflete bastante os discentes da EJA, pois apesar das dores e do cansaço de um dia de trabalho, eles e elas estão lá à noite, alegres e sorridentes, desejosos do conhecimento. Alguns, mais que outros, buscam pela certificação; outros, nem tanto, apenas o desejo de serem ouvidos e ouvidas, possibilitando que suas vozes e sonhos se tornem visíveis.

Na linha sobre os saberes históricos na sala de aula, que a pesquisa procurou refletir, busco formas de aprender e mudar em um processo de transformação do fazer docente, sobre o papel da branquitude no processo de identidade do docente, afetando negativamente ou positivamente as escolhas ao entrar em contato com os alunos da Educação de Jovens e Adultos ao longo do tempo de diálogo e troca de experiências. E o quanto essa interação entre discente e docente afeta positivamente o discente, mas também o docente, fazendo com que este saia da sua zona de conforto e passe a perceber o quanto tem também aprendido com esses discentes e com essa modalidade, a ponto de mudar sua visão de mundo, criar afetos, reconstruir-se como educador e reconstruir sua identidade.

Diante disso, torna-se necessário destacar a importância do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) para esta pesquisa, pois possibilitou a escuta desses discentes,

muitas vezes "silenciados" ao longo da vida. Silenciados aqui no sentido de não serem ouvidos nas suas experiências, nos saberes construídos ao longo da vida, que se acrescentam, complementando o saber acadêmico como construção da aprendizagem.

É importante salientar também que as reflexões sobre o ensino de História na educação básica, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, não foram amplamente debatidas no curso de História da minha formação. Apenas após ingressar na modalidade da EJA que comecei a realizar uma série de formações nas quais pude conhecer melhor a Educação de Jovens e Adultos, tendo sido necessário também uma especialização no campo da EJA.

Mas, mesmo com essas formações e com a especialização em EJA, o contato diário com os discentes da EJA é que se dá propriamente a formação, que ocorre com a fala, a escuta e o relacionamento dialógico, como nos chamou a atenção o educador Paulo Freire, para que haja possibilidades de práticas libertadoras.

Resumindo, mesmo com isso tudo, nada substitui a prática do dia a dia com os estudantes, tornando-a mais significativamente poderosa do que algumas das formações, complementando-se.

Ao ingressar no mestrado pelo ProfHistória, comecei pensando em trabalhar a questão do racismo na sala de aula, a partir de uma pergunta de uma aluna durante as aulas do projeto Aceleração (processo de aceleração da aprendizagem com alunos com defasagem idade e ano de escolaridade) em uma escola pública municipal da cidade do Rio de Janeiro, sobre eu questionar e debater o racismo no Brasil, apesar de ser uma pessoa branca.

Isso somou-se no meu contato com os discentes da Educação de Jovens e Adultos, muitos dos quais vêm de várias partes desse grande país que é o Brasil, trazendo a multiplicidade de culturas, falas, gestos, gostos e uma possibilidade grande e coragem para continuar a luta, mesmo longe de seus familiares, de sua terra natal, de sua origem.

Porém, ao longo do curso de mestrado, conversando com os docentes do ProfHistória e depois, mais especificadamente, com o meu orientador, que me propôs, a partir das nossas conversas, que eu partisse da minha história de vida. Isso é contado no capítulo 1.

Nesse capítulo além de narrar minha trajetória, meus empregos anteriores ao magistério e minha mudança de lá até agora, utilizo o conceito de branquitude, tentando explicar como cheguei e ainda estou enfrentando meus privilégios, que eu vejo como uma barreira que me impediu de perceber a realidade dos discentes da escola pública para além do pedagógico, mas que interfere neste de forma significada.

Com isso, ao buscar na memória o processo de entrada no magistério, minha vida anterior a essa entrada e esses quase 20 anos de magistério na educação básica, passei a refletir

sobre as mudanças que ocorreram em mim ao longo desses quase 20 anos em sala de aula e o quanto a educação tem me transformado e mudado minha visão de vida e mundo.

A palavra "transformar", em sua etimologia, vem do latim *transformare* e significa: como verbo transitivo direto - dar nova forma a; passar a possuir uma nova forma; alterar o estado de; converter; mudar; transfigurar. Como verbo pronominal – aparecer com outro aspecto, aparência; disfarçar-se.

Aqui, uso o significado da mudança, uma mudança interior que se reflete em atitude exteriores, pois a partir do que eu era no início do magistério e hoje, consigo olhar por trás daquilo que os discentes trazem em sala de aula, com suas lágrimas, pesos e dores; mas também com suas resiliências, com suas vontades de mudar, de aprender, de crescer.

O que eu achava que só era possível com os discentes, estava ocorrendo comigo: a minha modificação e a transformação de vida e visão do mundo através da educação.

Mas como foi se dando essa reconstrução da minha identidade?

Isso eu conto um pouco no capítulo 1, quando relato, através do que Grada Kilomba vai descrever como "narrativa vivencial", sobre a construção da identidade. Segundo Kabengele Munanga, é importante dizer que a identidade não se solidifica sem o outro, pois é a partir dele, do outro, que nos formamos ideológica e politicamente. Ou seja, falar de identidade remete à organização social e comunitária da qual fazemos parte, e esse outro, exerce sobre nós influências que estruturaram a nossa identidade. A identidade não é construída no isolamento, mas nasce “a partir da tomada de consciência das diferenças entre nós e os outros” (Munanga, 1986, p.14).

Por isso, para que eu pudesse fazer a pesquisa. No ano de 2021, conversando com alguns colegas na escola em que trabalhava em Santa Cruz, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, um colega da mesma área me falou do mestrado profissional no Ensino de História. Ele foi da turma de 2016 e falou muito bem do mestrado. Eu já tinha ouvido falar, cheguei até a me inscrever uma vez, mas não fui realizar a prova de ingresso ao mestrado, pois no mesmo dia eu tive outra prova para fazer. Na ocasião da nossa conversa, o professor compartilhou comigo como o ProffHistória foi importante para ele, o quanto ele gostou do curso e do acréscimo de conhecimento que as aulas do mestrado o ajudaram na sua prática pedagógica.

Então, com o incentivo desse meu colega para fazer o exame de seleção, que estava com as inscrições abertas, resolvi me inscrever.

No início, hesitei um pouco por achar que não possuía mais domínio sobre alguns assuntos do campo acadêmico, já que havia terminado o curso de história há mais de 20 anos. Entretanto, conhecendo melhor o edital e verificando as provas anteriores, busquei coragem e

resolvi tentar. Observei que seria uma grande oportunidade para melhorar minha prática; me lançar no desafio da pesquisa e escrita, algo que na atuação docente, não tive oportunidades de realizar; além de ser uma possibilidade de melhoria financeira dentro do plano de carreira.

Atraiu-me, ainda, a questão de poder realizar uma pesquisa que pudesse contemplar o meu lugar de trabalho, com a possibilidade de abrir diálogos acerca das concepções e práticas do ensino de História e dos inúmeros questionamentos feitos nas aulas pelos discentes e por mim mesmo sobre minha prática pedagógica, que se aprofundaram após aquela pergunta da aluna durante as aulas do projeto Acelera.

Assim, após a espera do resultado, veio a feliz notícia da minha aprovação e com ela, certamente, muitas novidades e desafios. Realmente, retomar as leituras, com o pouco tempo que me sobrava do trabalho, foi algo novo e desafiador, pois teria que fazer o mestrado ainda dando aulas, sendo que um dos requisitos para o mestrado profissional no ProfHistória é de que o professor deve estar atuando em sala de aula no ensino básico.

Pensar em possibilidades de publicações e participações em congressos nacionais sem ter a licença para estudos, além de conciliar tudo isso com a minha vida pessoal, foi um imenso duelo a ser vencido comigo mesmo. Mas, incentivado por minha esposa, meus filhos e colegas, eu aceitei o desafio.

Além do título, o mestrado representa uma evolução bem maior, relacionada ao meu campo formativo como pessoa. Realmente, para a minha realidade de vida, não fiz planos profissionais concretos; fui aprendendo a perceber e abraçar as oportunidades que iam surgindo em meu caminho. Este passo para o mestrado profissional em Ensino de História considero uma grande conquista.

No que diz respeito à realização da pesquisa, sei que ela representava outro gigante que tentaria vencer. Nesse ponto, vejo como uma das maiores contribuições do mestrado para mim. Tive a oportunidade de estimular a competência da escrita, que, por sua vez, realmente necessita de muitos treinos para que se alcance melhorias (esse foi, e ainda é um dos maiores medos durante a pesquisa, pois conseguir expressar na escrita tudo aquilo que, muitas vezes, está no campo do abstrato e do sentimento, algo que exige um esforço contínuo para lembrar e organizar, o que não é tão fácil).

Em relação a esses desafios, busquei no educador Paulo Freire, patrono da educação brasileira, a fonte de inspiração para as minhas reflexões, devido aos seus estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos. Freire acreditava na libertação por meio da emancipação como forma de tornar um povo livre. Contudo, para que a educação realize essa prática da liberdade,

faz-se necessário pensá-la como uma ação com o povo, e não simplesmente ofertada para o povo (Freire, 1967 apud Almeida; Fontenele; Freitas, 2021).

Para Paulo Freire, é preciso dar destaque à visão crítica, assumindo a conscientização e a cultura como categorias analíticas, que são a base de sua argumentação no processo de apropriação não só da leitura e da escrita, mas também da tomada de consciência das pessoas. Em todo o seu trabalho, Paulo Freire busca a coerência entre a razão e consciência, pela qual podemos nos transformar, assim como transformar nossos contextos sociais. Consciência, ao longo desta dissertação, será entendida como definida por Paulo Freire, ou seja, um compromisso que implica a compreensão de que somos sujeitos atuantes e construtores da história.

Então, como se daria essa formação do homem verdadeiramente livre para Freire? Para ele, para ser livre, é preciso ir à origem das coisas, não permitindo ser manipulado, já que submete sua ação à reflexão, não permitindo massificar-se, ou seja, pela formação da consciência crítica, em que o ato de educar conduz à liberdade, combatendo a alienação dos homens por meio da compreensão do indivíduo como um ser autêntico, desenvolvendo suas potencialidades e humanizando-se no exercício da responsabilidade que tem frente às mudanças sociais (Freire, 2006 apud Schram; Carvalho).

Exige-se, portanto, exercício consciente da ação, o que requer reflexão sobre o próprio ato de existir. Para Paulo Freire, exercer a consciência é ter clareza sobre o aspecto dialético da educação, onde

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (Freire, 2006, apud Schram; Carvalho, p. 30).

A Educação, enquanto sinônimo para a emancipação, sempre foi a intensão do educador Paulo Freire. Ele acreditava que a libertação se daria por meio da emancipação como única forma de tornar um povo livre. Porém, para que a educação realize essa prática da liberdade, é necessário pensá-la como uma ação com o povo, e não simplesmente ofertada para o povo (Freire, 2015).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino voltada para jovens, adultos e idosos da classe trabalhadora que, ao longo de suas histórias e trajetórias, interromperam ou não iniciaram seu percurso escolar em algum momento de suas vidas.

Em relação à interrupção nos percursos escolares, os discentes da EJA são, em sua maioria, jovens e adultos trabalhadores, subempregados, pobres, negros, oprimidos, invisibilizados e excluídos. Mas também são sujeitos de saberes, de leitura de mundo, de valores, de luta, de resistência e de sobrevivência. Assim, trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino muitas vezes esquecida e marginalizada dentro das prioridades educacionais, representa um verdadeiro privilégio e um aprendizado contínuo.

No capítulo 2, relato a trajetória da implementação da EJA no espaço público no município da cidade do Rio de Janeiro, seus números atuais, o direito à educação e da EJA existir e seus desafios que ainda enfrenta. Também destaco as capacitações realizadas ao longo do ano letivo incentivo, que incentivam o diálogo constante com os colegas docentes e com os discentes, por meio de encontros regionais e locais e troca de experiências de trabalhos realizados nas escolas. Esses encontros procuram trabalhar o diálogo das histórias de discentes e docentes, por meio da diversidade que o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA – como é chamado na Educação Pública da cidade do Rio de Janeiro) apresenta, além de proporcionar leituras semanais durante os centros de estudos que acontecem semanalmente às sextas-feiras nas escolas.

Além das capacitações e dos centros de estudo semanais, há incentivo a projetos que trabalham a diversidade e o diálogo sobre os saberes trazidos pelos discentes, como o Encontro de alunos, o FALAPEJA e o EXPOPEJA. Nesses encontros, são trabalhados temas que incentivam a diversidade e a troca de experiências entre docentes, entre discentes e entre docentes e discentes. A cada ano, um tema geral é escolhido para ser trabalhado diretamente pelos discentes, como ocorreu em 2021, durante a III semana da EJA Rio, que foi exposto na XII EXPOPEJA: a mostra de cartas a Paulo Freire<sup>1</sup>, um trabalho que incentivou a participação de discentes e docentes.

Ainda hoje, no cotidiano das aulas de História na modalidade regular, é possível notar a persistência de práticas pedagógicas centradas no “repassar” de informações, como se o saber fosse estanque e devesse apenas ser memorizado, não sendo passível de críticas ou mesmo de relações próximas que se interligam com as realidades dos estudantes.

Nessa perspectiva, de prática docente e de acesso ao aprendizado histórico, há uma ilusão de que as interpretações dos conteúdos devem ser feitas de maneira única e estática. Nesse sentido, é compreensível que os discentes não consigam fazer relações entre o que

---

<sup>1</sup> XVII ExpoPeja – Cartas a Paulo Freire. <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/series/serie/17401-xxii-expopeja-cartas-a-paulo-freire>. Acesso em: 10 out. 24.

discutem nas aulas de História e suas vivências sociais ou mesmo suas projeções de futuro, dificultando a participação ativa, o que não ocorre no PEJA.

Aproveitando esse pensamento e dialogando com as especificidades inerentes à Educação de Jovens e Adultos, aprendi que, sobretudo, é preciso considerar os saberes dos discentes, advindos das suas vivências e experiências. Isso é muito estimulado em encontros que acontecem anualmente no Programa de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, como demonstrado no capítulo 2.

Os problemas que envolvem a EJA são muitos, e esses encontros ainda possibilitam que as questões referentes às práticas docentes, na sua relação com o aprendizado histórico, sejam colocadas em questão.

Esses desafios da EJA não são apenas para os discentes que frequentam essa modalidade, mas também para os profissionais que nela atuam. Na maioria dos casos, esses profissionais também se transformam e passam a se engajar mais política e socialmente com a luta diária da EJA, buscando melhorias para a modalidade e se envolvendo na luta antirracista nas escolas, modificando suas visões de mundo e reconhecendo o poder transformador da educação.

Para isso, utilizei a pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas com dois docentes que atuam na EJA na disciplina de História, para que eu pudesse também perceber neles transformações significativas, como as que eu tenho experimentado. Essas entrevistas estão apresentadas no capítulo 3, intercaladas com as vozes e falas dos discentes da minha escola durante atividades e projetos sobre as questões raciais e de gênero.

Algumas atividades estão descritas no capítulo 4, como sugestão de oficinas a serem utilizadas por outras escolas e docentes, tanto na modalidade EJA quanto na modalidade regular do ensino básico, em escolas públicas ou privadas. Essas propostas de diálogo permanente na EJA e participação ativa entre discentes e docentes podem ser aplicadas também na modalidade regular, o que muitas vezes, não acontece.

Espero que essa experiência seja uma contribuição valiosa para o contexto da EJA, e que os diálogos que emergiram com os sujeitos participantes dessa pesquisa possam ajudar a repensar o ensino de História dentro do universo escolar, que agora é foco desta pesquisa no ProfHistória.

Em relação ao futuro, espero ser uma profissional melhor. Que todas as vivências, mesmo aquelas mais difíceis, contribuam para o amadurecimento, crescimento e aprimoramento da minha prática, pois sei que tenho muito ainda a aprender. Aprender sem nunca cansar, sem nunca se arrepende de aprender.

## **1 AUTOBIOGRAFIA E ALGUNS DEBATES EM TEORIA E ENSINO**

### **1.1 Minha trajetória de vida até a escola**

Ao pensar na minha trajetória de vida e sobre um assunto que eu pudesse desenvolver no mestrado, vários temas vieram à minha mente. No entanto, todos me levavam a um tema em comum e que me atravessa desde criança, a questão do racismo.

O exercício de rememorar minhas lembranças e organizar uma narrativa de vida foi um trabalho complexo, pois lembrar não vem de forma cronológica e linear, muitas vezes vem misturadas e de difícil separação, entre o passado e o presente.

Já se vão quase 20 anos que estou nessa jornada do magistério, desde que pisei a primeira vez em uma escola pública como professor. Porque, como aluno, eu estudei em escola pública grande parte de minha vida.

Eu não havia pensado em ser professor durante meu período escolar como discente. Na verdade, eu nem gostava muito de história. Decorar dezenas de perguntas para responder 10 perguntas, entre datas e nomes. Não era muito o que eu desejava para mim. Só pensei em fazer história a partir do momento em que comecei a trabalhar em um banco privado no centro da cidade do Rio de Janeiro e ter começado a frequentar o sindicato dos bancários. Lá que eu conheci sobre a exploração do trabalho e passei a me interessar pela história para poder discutir com meus colegas e não ficar sem entender o que estava sendo discutido.

Não tem sido uma jornada fácil e nem tão valorizada. Muitas vezes, a vontade é de largar tudo, procurar outras formas de sobreviver e pagar minhas contas. Isso tudo passa agora pela minha mente. Os anos passaram tão rápido que parece que foi ontem que pisei pela primeira vez em uma escola.

Olhar a nossa trajetória traz lembranças boas e lembranças ruins, arrependimentos e ao mesmo tempo certeza nas decisões tomadas. Porém, a que mais me ocorre hoje é quanto a educação me transformou e o quanto ainda me transforma. Muitas vezes, pensamos e falamos para os alunos que a educação abre portas, possibilita mobilidade social, mas esquecemos o quanto a educação transforma a vida do professor, não só profissionalmente, mas como ser humano, tornando-o mais crítico, mais consciente historicamente, mais engajado política e socialmente com a vida em todas as suas dimensões.



Talvez essa tenha sido a minha primeira ação antirracista (mesmo sem ter noção disso) que foi compreender essa transformação a partir do engajamento com o ensino que não para de acontecer e que atua como bateria para as variabilidades e os obstáculos da vida diária, pois o contato relacional com outras pessoas, profissional e socialmente tem sido de bastante aprendizado e troca.

Sempre achei que o professor é aquele que ensina, mas depois de começar a trabalhar na área, hoje eu percebo que ele também aprende muito, mas muito mesmo. Às vezes, não percebemos o quanto crescemos como pessoas, com os indivíduos que trocamos experiências a todo momento, não só na vida escolar, mas também no cotidiano.

Já há algum tempo eu penso sobre isso. Mais ainda, a partir de um olhar mais demorado junto às minhas práticas pedagógicas, ainda aprendo todos os dias. A cada nova turma, uma nova experiência, uma nova troca, um novo relacionamento.

Olhando um pouco sobre essa experiência, fica evidente que hoje sou melhor (eu espero) do que eu era quando deixei meu antigo trabalho e entrei na educação em abril de 2005.

A entrada no mestrado em 2022 também é um fator que tem mexido bastante comigo. Tanto por conhecer novas abordagens quanto para me atualizar dos debates na academia, pois já se vão mais de 20 anos de formado. (novamente o número 20, parece que é meu número: 20 no magistério, 20 de formado).

Desde o fim da minha formação acadêmica, só fiz capacitações via secretaria municipal de Educação. Muitas delas, eu me inscrevendo para melhorar como professor e muitas delas só a partir da minha entrada no PEJA – SME RJ (Programa de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro).

Eu não fiz vestibular, eu entrei através de um processo seletivo composto por prova e entrevista (reingresso), pois eu já tinha um diploma universitário. Eu tinha estudado na EFOMM (Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante). Lá obtive o grau de bacharelado em Ciências Náuticas, hoje equiparado também a um bacharelado em Administração.

Por que eu estou relatando isso? Como parte da minha juventude foi dentro de uma escola militar, a estrutura que me formou mais fortemente foi a militar. Isso vai ter um impacto grande lá na frente quando eu me deparar com o chão da escola e perceber na minha trajetória o quanto a educação me modificou em relação a um novo olhar sobre o mundo, diferente daquele que eu fui obtendo na juventude dentro de um convívio de relações militares.

Eu, na minha trajetória como aluno, nunca gostei muito de história por causa dos questionários que eu tinha que decorar. Ao viajar pelo mundo, durante minha estada na Marinha

Mercante, eu acabei me interessando muito por conhecer as transformações e permanências que os homens fazem em suas vidas e nas sociedades ao longo do tempo. À princípio, eu quis fazer história por causa da minha curiosidade em conhecer as histórias e as culturas pelas quais eu havia visitado nas minhas viagens, mas também porque o IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, hoje Instituto de História - IH) era próximo à agência em que eu trabalhava e o horário/distância não afetaria minha jornada laboral e porque era também gratuita. Penso que se fosse pagar para estudar história, eu não pagaria.

No começo da universidade, eu não tinha nenhuma intenção de atuar no magistério, pois estava com perspectiva de ascensão profissional e eu nem imagina o que seria ser professor, visto que eu era muito calado e quase não me relacionava socialmente. Além disso, eu tinha 24 anos na época e eu achava que já estava velho para atuar no magistério.

Entretanto, mesmo estando numa perspectiva de ascensão profissional no banco, eu ficava meio inseguro por causa da instabilidade em ficar desempregado com uma certa idade mais avançada. Na época era comum um banco não admitir funcionário de outro banco. No banco em que eu trabalhava, por exemplo, a carreira era fechada, ou seja, começava-se como escriturário e poderia a partir desse cargo chegar ao cargo de gerente regional, diretor regional etc.

Meu medo piorou quando eu já atuava como gerente administrativo e comecei a receber ligações do gerente regional, perguntando se na agência onde eu atuava tinha algum(a) funcionário(a) com mais de 40 anos e em que setor esse funcionário(a) atuava. Simplesmente, passava alguns dias da minha resposta, vinha um e-mail da diretoria para que eu demitisse tal funcionário(a). Parei e pensei: preciso buscar uma forma de estabilidade, pois com um enteado e pagando aluguel, seria complicado ser demitido naquele momento.

Por causa da insistência de alguns colegas de turma, além do bacharelado em história, eu acabei fazendo a licenciatura também, pois na UFRJ era separado a licenciatura do bacharelado. Assim, seria um plano B trabalhar no magistério, pois não era a minha primeira opção, na época. Por sorte, no embalo ainda do término do bacharelado e da licenciatura em 2000, um ano após, em 2001, saiu um edital para o magistério na prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Acabei me inscrevendo sem muito acreditar e, para minha surpresa, fui aprovado. Fiquei bem longe das vagas. Voltei para minha vida normal no banco e até tinha esquecido que eu havia prestado o concurso em 2001.

No ano seguinte, meu filho nasceu e eu acabei me mudando para Itaboraí para ficar perto da minha sogra para que ela pudesse nos ajudar com nosso filho. Um ano depois, já mais folgado, voltei para o Rio de Janeiro.

Naquela época, não havia como você acompanhar a chamada e acabei deixando de lado, como mencionara. Para minha surpresa, fui convocado em 2005, quatro anos depois do concurso realizado, através de um telegrama no endereço da minha sogra em Itaboraí. Ela me ligou e me avisou do telegrama. Se não fosse ela, não estaria aqui hoje contando tudo isso.

À princípio, relutei muito, pois estava com um filho de apenas 3 anos e no banco eu ganhava mais do que seria o salário na prefeitura com apenas uma matrícula. Sentamos eu e minha esposa para conversarmos. Depois de muita discussão e com o apoio dela, resolvi sair de licença médica no banco para fazer os exames médicos que a prefeitura exigia. Iniciou-se a partir desse momento um período de muitas incertezas e muito medo.

Depois de fazer o exame médico e ser convocado para tomar posse, fui alocado para atuar na 10ª CRE (10ª Coordenadoria Regional de Educação)<sup>2</sup>, que abrange os bairros próximos a Santa Cruz. Ir para Santa Cruz foi bem complicado. Não havia aplicativos de GPS (sigla em inglês para sistema de posicionamento global)<sup>3</sup> como o *Waze* ou *Google Maps* (aplicativos de GPS) para pesquisar o local. Essa foi um dos primeiros problemas a enfrentar.

Lá, em Santa Cruz, no dia da escolha da escola, eu conheci um outro professor que tinha feito uma carreira parecida com a minha, pois ele também tinha sido gerente no banco. Colei nele e fiz várias perguntas a ele. Ele me aconselhou, de forma bem enfática, a largar realmente o banco e ficar na prefeitura. Estabilidade, menos estresse, menos perturbação e medo de ser mandado embora foram alguns dos argumentos defendidos pelo professor, que estava assumindo sua segunda matrícula. A fala dele contrastava com a fala das profissionais que me deram posse. Essas me questionaram o porquê de largar uma carreira para entrar para o magistério. Foram falas bem diferentes para aquele momento de grandes incertezas e grandes mudanças na minha vida.

O impacto inicial foi muito grande! Acabei ficando lotado em Santa Cruz mesmo, a primeira escola para onde me enviaram era no Cesarão (é um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, próximo a Santa Cruz). Pedi a professora que me atendeu na CRE para me explicar como chegar ao local. Chegando na escola, mostrei minha carta de encaminhamento e a diretora pediu para eu esperar. Mas antes, ao entregar o documento, ela me perguntou quem eu era e eu disse que era a primeira vez que entrava numa escola e que eu trabalhava em um banco. Mesmo sabendo que eu estava escutando, a diretora falou alto quase gritando para quem estava na sua

---

<sup>2</sup> Na cidade do Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Educação (SME RJ) divide as escolas em 11 áreas ou regiões que são chamadas cada uma delas de Coordenadoria Regional de Educação (CRE).

<sup>3</sup> GPS é um sistema de navegação que fornece, em tempo real, as coordenadas geográficas de qualquer ponto na superfície terrestre

sala: - “Que droga me mandaram um professor que nunca deu aula”. Isso só pode ser brincadeira! A minha reação foi pegar o papel da mão dela e voltar na CRE. Fiquei muito indignado com a péssima recepção. Fui encaminhado para outra escola.

Imagina, eu estava em um local que nunca tinha visitado, não tendo uma recepção boa. Já estava querendo voltar atrás na minha decisão. Eu estava acostumado com o centro financeiro, uso de terno, uma organização melhor, tempo pequeno para ir e voltar de casa, ônibus com ar-condicionado, local de trabalho com ar-condicionado, material de escritório em abundância, conforto. O centro do Rio de Janeiro fervilhava naqueles anos: vários teatros próximos, Teatro Municipal, Casa França-Brasil, CCBB, bares etc. Foi numa dessas atividades culturais que conheci minha esposa, Adriana. Outubro de 2000.

Fui encaminhado para a EM (escola municipal) Francisco Caldeira de Alvarenga, cuja diretora na época, a professora C., me recebeu muito bem. Ela foi muito atenciosa e desde o início me mostrou alguns caminhos para essa nova empreitada. Talvez se não fosse o apoio dela, eu teria saído, abandonado. Hoje ela é aposentada e eu tenho um carinho muito especial por ela pelo acolhimento que ela me proporcionou, o que foi bastante positivo nesse período de adaptação e muito estranhamento

Para chegar a Santa Cruz, comecei a acordar 4h para ir para a escola. Como eu não sabia chegar lá, pegava um ônibus da minha casa (Andaraí) para a Leopoldina, depois pegava um até Campo Grande e, por fim, uma Van até o local da escola. A dificuldade para chegar à escola me deixava em conflito comigo mesmo e me perguntava o tempo todo se eu tinha tomado a melhor decisão.

Depois, aos poucos, ao ir conhecendo os demais colegas, eles foram me auxiliando para como ir e chegar sem tantas conduções. Passei a ir e a voltar só com ônibus e trem. O tempo foi bem mais reduzido, mas oscilava muito de horário, atrasava muito e, muitas vezes, chegava na escola atrasado.

A escola ficava e ainda fica perto da estação de trem Tancredo Neves (ramal Santa Cruz), penúltima estação antes de Santa Cruz. Eu nunca havia andado de trem antes. Essa experiência de trem me abalou bastante no começo, depois fui me adaptando, com a ajuda dos meus colegas professores que também iam de trem e acabávamos nos encontrando dentro do trem. O local da escola era e, ainda é bastante abandonado e de difícil acesso. Relutei em ficar, mas pensei na estabilidade.

Isso tudo me causava bastante incerteza ainda, muito medo e estranhamento. Era um mundo que eu desconhecia, apesar de ler nos jornais sobre as estações de trem, sobre como era a vida de professores. Mesmo tendo uma irmã professora também da prefeitura e sendo, minha

esposa, professora de primário e depois de Artes (na época em escolas particulares). Sendo assim, só quando passei a vivenciar o espaço escolar e que, realmente, senti o que passa um professor em sala de aula com falta de estrutura, salários defasados e desvalorizado socialmente.

## 1.2 Quem eu era em 2005 e quem eu sou em 2024? Permanências? Mudanças?

Outro impacto muito grande foi entrar em sala sem nenhuma experiência do que seria um espaço escolar e tendo me deparado com uma quantidade enorme de alunos, a maioria afrodescendentes, em uma localidade deixada de lado pelo poder público e vulnerável ao tráfico e à milícia. Fora toda essa mudança de trabalho, eu tive muita dificuldade inicial, eu não tinha mais nada da época da universidade. O que trabalhar, então? Ainda havia o caso de como ser novo, pegar as “piores” turmas.

Foram alguns anos usando cópias de livros didáticos que outros professores me emprestaram e uma volta aos estudos em casa para planejar as aulas. Eu nem sabia qual era o conteúdo para cada ano e para cada bimestre. Foi aos trancos e barrancos, com a ajuda de alguns colegas, da minha esposa e da minha irmã.

Em sala de aula, não havia ninguém para te aconselhar, ninguém para te acompanhar, para te observar, era você e os alunos. Ainda bem que eles achavam que eu sabia tudo (rs...).

Acontecimento bem diferente, tanto da época do banco quanto da Marinha, pois sempre havia alguém que lhe passava o serviço e você ia aprendendo aos poucos junto com aquele que lhe ensinava até você se sentir mais seguro. Variava o tempo, mas sempre havia alguém para lhe ensinar.

A experiência inicial foi tão ruim que eu estava inclinado a largar a escola e voltar para o banco. Na verdade, tudo me incomodava. Entretanto, eu estava de licença médica pelo banco e houve uma greve de mais ou menos 8 meses do INSS (Instituto Nacional da Seguridade Social)<sup>4</sup>. Acabei ficando na escola enquanto a greve não termina para eu poder ter alta do INSS e voltar para o banco. Porém, quando acabou a greve, eu novamente pensei em voltar para banco, mas um colega de lá me avisou que pela demora na licença, eu seria demitido. Eu fiz,

---

<sup>4</sup> Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) é uma autarquia do Governo do Brasil vinculada ao Ministério da Previdência Social que recebe as contribuições para a manutenção do Regime Geral da Previdência Social e executa atribuições pertencentes ao núcleo das Atividades Exclusivas de Estado

então, um acordo e sai do banco com meus direitos. Sem opção, acabei ficando na escola em Santa Cruz.

Na escola que fui me deparando com a realidade do ensino no Brasil, muito mais complexo do que eu lia nos jornais, bem diferente. Você ouvir e ler, infelizmente, não é a mesma coisa que vivenciar o interior da escola, seus avanços e suas contradições, seu ambiente diverso, com suas transformações e permanências. Mas isso não quer dizer que tudo no ambiente escolar seja ruim. Era ruim para mim naquele instante de mudanças. Com o tempo, eu fui percebendo um outro lado, um lado da troca, das relações afetivas, do aprendizado, da diversidade. É nesse espaço que fui percebendo, aos poucos, que pode haver uma mudança estrutural apesar de ser um espaço de manutenção das estruturas racistas.

Já que com a definição de ficar na prefeitura, minha primeira intenção foi sair de Santa Cruz o mais rápido possível e trabalhar em uma escola mais perto de casa. Consegui logo no fim do ano de 2005, ao escrever por e-mail para a Coordenadora da 10ª CRE, uma cessão. Mas havia uma condição: eu fazer DR (dupla regência – hora extra) na escola que me cederia. Acabei ficando lá em Santa Cruz na mesma escola fazendo DR e levei a matrícula para a EM Bahia (4ª CRE), em Bonsucesso, na entrada do complexo da Maré. Como precisava de dinheiro para me equiparar ao que ganhava no banco, eu aceitei.

Lá me deparei com a mesma situação: alunos na sua maioria afrodescendentes e, agora somando, alunos de origem nordestina. Ambos frequentemente discriminados na sociedade. Eu achava que saindo da Zona Oeste, sendo mais próximo da minha casa, isso não aconteceria.

No meu segundo ano de magistério, eu agora atuando em duas escolas, comecei a perceber o universo que era o espaço escolar e as diferenças gigantes dentro de duas escolas do mesmo município. Isso já foi uma primeira mudança significativa mais positiva depois dos primeiros meses fora do banco e encarando uma nova rotina profissional. Apesar de ser um mundo ainda muito desconhecido, diferente, mas ao mesmo tempo um lugar de relacionamentos, conversas, diálogos e muita diversidade. Não havia uma rotina propriamente, pois entrar em cada turma era pedaço diferente com reações diferentes, o que também me motivava.

Conhecer a Escola Municipal Bahia (EM Bahia) e seus profissionais foi muito gratificante. O diretor também foi muito receptivo e a turma de professores era bem animada. Eu sempre calado, observando tudo. Isso também era novo para mim e, apesar, de ter feito formações no banco para liderança, o mundo escolar tem a fala como um lado todo especial e importante. Muitas vezes, eu me sentia distante daquele mundo, por não falar como meus colegas e não ser tão espontâneo.

Ainda tenho algumas dificuldades nesse campo até hoje. Lembro do meu primeiro Conselho de Classe, quando entrei na sala para a reunião e todos conversando alto, lendo jornal, a diretora pedindo para falar para começar a reunião. Bem diferente da época do banco, onde só falávamos se nos permitissem.

A Escola Municipal Bahia era um local de muita troca, bem diferente da outra escola, em Santa Cruz. A escola tinha verba da Petrobrás, tinha vários projetos, inclusive um Museu pertíssimo: o Museu da Maré<sup>5</sup>. Mais tarde, fui percebendo o quanto a escola de Santa Cruz me fez refletir do quanto aqueles alunos ficavam mais longe da cultura, do lazer, renegados e deixados de lado pelo poder público e pela sociedade.

Foi uma experiência nova, pois comecei a conviver com alunos e ter outras experiências pelo fato de os alunos agora serem discriminados não só pela cor, mas também pela origem nordestina. Lá eu conheci o Museu da Maré e aprendi muito no meu fazer pedagógico.

Penso que observando as duas escolas, nasceu ali meu primeiro olhar sobre a educação popular e minha percepção de mundo já um pouco afetada por isso. Lá em Santa Cruz, não havia nada de lazer, tudo era longe. A cidade das crianças ficava longe, Campo Grande ficava longe. Era e é ainda um mundo que o único local de socialização e um pouco de liberdade é o espaço da escola. Pena só perceber isso bem mais tarde. Antes só pensava em mim mesmo, eu conseguir dar minhas aulas, sem perceber o distanciamento que eu tinha com os alunos e deles com o conteúdo. Eu só pensava em passar o conteúdo.

A partir do que fui aprendendo na EM Bahia é que fui, bem depois, levando esse aprendizado para a escola em Santa Cruz, apesar de tantos obstáculos e diferenças.

Em 2010, participei de um processo de remoção da minha matrícula, pois eu apenas era cedido à EM Bahia. Entretanto, para minha surpresa, eu não consegui ficar nessa escola. Acabei indo, muito indignado, para a EM Padre Manuel da Nóbrega, que fica no complexo do alemão, em 2011.

Perdi um pouco da minha referência que era a escola Bahia e isso me deixou muito triste com a educação. Eu estava na escola Bahia quase 5 anos, conhecia a estrutura, os alunos, participava das festas, dos projetos.

Mas, em 2012, a escola na qual eu agora estava abriu um PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) noturno. A diretora me convidou e eu aceitei. Iria trabalhar todas as noites com alunos mais velhos e ganharia mais, pois a carga horária aumentou.

---

<sup>5</sup> O Museu da Maré é um conjunto de ações voltadas para o registro, preservação e divulgação da história das comunidades da Maré na cidade do Rio de Janeiro, em seus diversos aspectos, sejam eles culturais, sociais ou econômicos

A EJA (Educação de Jovens e Adultos) é uma modalidade diferenciada, pois atende alunos que ou nunca estudaram, ou deixaram de estudar para trabalhar, ou foram excluídos do regular por indisciplina etc.

Nessa modalidade comecei a ter contato com a educação realmente popular e vi a necessidade de melhorar minha prática e minhas falas com eles. Vi que era diferente do regular, pois havia uma heterogeneidade muito grande.

Foi um começo de aprendizado, pois era uma outra modalidade com outros tipos de aluno. Alunos que tiveram uma má experiência no diurno, deixaram de estudar anos ou nunca tinham frequentado uma sala de aula.

Porém, também sofriam os mesmos dilemas: baixa estima, discriminação, preconceito, falta de atenção, de afeto. Isso não era só no processo pedagógico, mas também no espaço físico. A escola a noite era e é ainda deixada ao relento, suja. Muitas vezes, chego e vejo os banheiros sujos, as mesas sujas. Os alunos reclamam com razão, mas isso não muda, como se o PEJA fosse uma obrigação por si mesmo sem interesse, que era apenas ofertado por obrigação em lei.

Penso que a partir de então, minha percepção de escola e de sociedade começou a mudar de forma mais significativa ou com uma consciência maior. Pois ali que eu vi realmente o papel da educação e o dever do Estado em proporcionar uma escola gratuita e de qualidade.

Lembro de uma colega professora que atua comigo no PEJA que já até escutou durante uma reunião no regular que uma professora, que não atua no PEJA, que essa modalidade não deveria existir, pois quem não estudou na época adequada nem deveria mais ter acesso à educação e que no PEJA, os professores ganham mais e trabalham menos, assim o PEJA seria uma perda de tempo. Infelizmente, é uma mentalidade de muitos outros professores que desconhecem a EJA, por ignorância talvez, pois atuar na EJA me faz ser a cada dia uma pessoa mais reflexiva com o pensar pedagógico e a humanização dos seres humanos.

A EJA é um lugar de muitos invisibilidades e silêncios também, um lugar onde muitos foram excluídos por necessidades econômicas para se alimentar, para cuidar dos filhos e, acabaram voltando ou começando depois de criar os filhos, os netos, os sobrinhos. Conseguindo aprender a ler e participar mais do mundo como alguns nos contam quando se formam. Uma batalha externa e principalmente, interna para enfrentar os desafios do estudo. Estudar à noite depois de um dia de trabalho, enfrentando os preconceitos e os obstáculos de se alfabetizar e se sentir mais parte da vida. O objetivo principal da EJA é democratizar o acesso à educação, facilitando o retorno aos estudos para pessoas de diferentes idades e classes sociais.



Esse novo olhar para educação mudou minha forma de pensar o conteúdo, minhas práticas pedagógicas. Foi um grande impacto pedagógico. Lá passei a ter uma liberdade maior para planejar e trazer novos conteúdos. É claro que isso foi com o tempo e as experiências que fui adquirindo ao longo dos anos e com as diversas turmas que foram passando.

Esse primeiro contato com a EJA, modificou-me quase por completo e até influenciou minha maneira de ver a modalidade regular também. Eu lembrei de algumas leituras que fiz de Paulo Freire sobre educação popular e sua concepção de educação libertadora, ao deixar transbordar o verdadeiro sentido da ajuda, aquela em cuja prática os que nela se envolvem se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar.

Em 2009 prestei um novo concurso e fui chamado em 2011 ficando lotada na mesma escola em Santa Cruz, a qual eu ficara fazendo DR (dupla regência, ou seja, hora extra por falta de professor).

Em 2017, eu fui convidado pela diretora da escola em Santa Cruz para atuar em um projeto de aceleração que tinha como objetivo trabalhar com alunos com defasagem série/idade. Nesse projeto, eu passei a atuar ministrando quase todas as disciplinas (com exceção de língua estrangeira e Educação Física), fazendo com que eu ficasse com os discentes por 4 horas por dia, nas segundas, terças, quintas e sextas-feiras. Primeiro que isso foi uma mudança radical na minha forma de ensinar e atuar. Fiquei com muito medo, mas arrisquei porque iria ganhar mais um salário e eu estava precisando desse dinheiro extra.

À princípio, eu só pensei no dinheiro, mas com o tempo, fui percebendo que essa forma mais generalista de aula, ministrando diversas disciplinas, sem ser especialista, fez-me ter que estudar mais para e me aproximou bastante dos alunos devido à convivência quase que diária e, aos poucos, fomos criando laços de afeto. A experiência anterior na EJA já tinha me proporcionado um olhar mais atento aos discentes e um espaço para refletir sobre a atuação mais humanizada na escola.

Fui observando que esses alunos, que se encontravam em defasagem ou que eram indisciplinados, eram considerados os piores alunos da escola e muitos professores não queriam pegar o projeto por causa dessa ideia. Entretanto, os alunos do projeto tinham bastante carências: emocional, de afeto.

Comecei a pensar melhor no meu fazer pedagógico e como eu poderia ajudá-los além da minha função de professor, com humanidade e afeto, pois via neles uma baixa autoestima muito grande, principalmente, nos alunos afrodescendentes, que eram a maioria.

Porém, por mais que tentasse me aproximar deles, eles me viam de forma diferente, como se eu fosse “melhor”. Falavam dos meus olhos azuis, da minha cor, mas eu não pensava na minha cor, apenas em como ajudá-los para além do ensino formal. Não consegui ajudar muito na autoestima deles, infelizmente. Acabei ficando no ano seguinte e depois mais dois anos (2017 a 2020) no projeto.

Mas essa experiência me marcou bastante também, pois ao ficar com eles praticamente a semana toda, passamos a nos conhecer e eu mais ainda ia aprendendo a conviver com eles, com suas dificuldades, seus problemas familiares, suas condições sociais etc. Eles carregam muitos problemas para a idade que eles têm, problemas que eu nunca tive e nem saberia como enfrentar com a idade deles.

Isso me fez pensar nas desigualdades e a refletir na falta de oportunidades e que talentos são desperdiçados todos os dias nas escolas públicas de todo o país. Dentro disso, a desigualdade está bastante relacionada à questão da pele. Por isso, passei a me interessar mais ainda sobre o racismo e depois sobre as relações de poder que se originam da branquitude e na conscientização dos meus privilégios.

Até então, eu só via nos alunos a questão da vulnerabilidade, não percebia o impacto do racismo na vida deles. Eu nem me via como homem branco, só pensava na questão social e não percebia a interseccionalidade do gênero, raça e social.

Trabalhar com a EJA e o projeto me fizeram ser um novo professor, não mais um conteudista, mas um professor mais próximo da realidade deles. Apesar da estrutura da escola impor um currículo eurocentrado e distante dos alunos, essas duas modalidades me permitiram buscar ser um professor mais flexível, mais humano e menos elitista.

Mesmo ainda subjetivamente tendo muitas coisas parecidas, não sou mais a mesma pessoa antes e depois da educação. É claro que isso não ocorreu da noite para o dia, foram anos de mudanças em relação a minha percepção de mundo a partir da minha prática docente e do convívio diário com alunos e colegas de trabalho.

Hoje ao tentar falar um pouco de mim, tanto agora para a qualificação quanto nas aulas das disciplinas do mestrado, percebo o quanto a Educação transforma a vida do professor, o quanto ela tem me transformado. A partir dessas reflexões que surgiu a ideia de entrevistar outros professores da EJA para que ele(a)(s) possam mostrar o que foi sendo modificado e se essa modificação alterou suas percepções de mundo e suas práticas pedagógicas e, qual o impacto dessas mudanças nas aulas de história no PEJA, que podem contribuir para um ensino mais democrático voltado para a formação de cidadãos críticos e reflexivos sobre a realidade a qual vivenciam.

### 1.3 Por que o meu interesse na branquitude e onde o tema apareceu na minha trajetória escolar?

Pesquisar e refletir sobre o conceito de branquitude nasceu das relações em sala de aula entre alunos e professor a partir de vários questionamentos. Desses questionamentos, um acabou me provocando um mal-estar e me fez pensar sobre mim mesmo e meu papel como professor de história, educador, pai e cidadão.

O evento que deflagrou esses questionamentos aconteceu em uma das aulas durante uma turma de aceleração em um debate sobre questões relacionadas ao conceito de preconceito, discriminação e racismo. Esse debate foi realizado depois dos alunos terem visto o filme “*Escritores da liberdade*”<sup>6</sup>, filme este sugerido durante uma capacitação que realizei para atuar no projeto.

O filme impressionou a maioria dos alunos e as conversas eram acaloradas. Em dado momento, uma das alunas presentes, que estava quieta desde o início da discussão e não havia se manifestado, fez-me a seguinte indagação: *Professor, por que o você quer falar de racismo se você é branco?*

Foi um impacto forte que senti naquele momento e fiquei estático. Eu não consegui encontrar uma resposta que pudesse, naquele momento, satisfazer a indagação da aluna. Eu também não havia percebido até aquele instante como a minha cor podia interferir na minha fala e no olhar que os estudantes têm sobre o tema ligado ao racismo. Fiquei constrangido com a indagação e fiquei sem poder responder tal questionamento levando-me a refletir bastante e por muito tempo.

Eu fui para casa pensativo e me peguei a buscar respostas. Até aquele instante, eu pensava que bastava eu não ser racista nas minhas falas e atitudes acreditando que isso bastaria e proporcionaria algo que me aproximasse dos alunos em relação aos seus sofrimentos e angústias. Eu nunca havia refletido sobre o papel do branco no processo de produção do racismo. Para falar sobre o papel do branco é preciso falar sobre o conceito de branquitude.

Segundo alguns autores, como a professora de Psicologia Social Lia Schucman (Schucman, 2012) e o professor Lourenço Cardoso (Cardoso, 2008), o conceito de branquitude tem diversas dimensões que tratam de uma narrativa hegemônica de manutenção de um poder,

---

<sup>6</sup> Filme: **Escritores da liberdade** (FreedomWriters, 2007). Direção e Roteiro de Richard LaGravenese, baseado no livro de Erin Gruwell. Distribuidora Paramount Pictures. Alemanha/Estados Unidos: 2007. Colorido. Legendado. 123 min.

tendo como marcador um tempo histórico através da chave da modernidade a partir do século XVIII. Um discurso, uma construção ideológica e histórica de superioridade a partir do discurso de humanidade pensada pela questão da ideia de raça. Mas quem se autodefiniu humano? O próprio europeu homem e branco. Esse discurso está marcado por quem tem privilégios e quem não os têm.

Essa ideia de branquitude toma força como conceito e entra no Brasil nos discursos das relações raciais a partir da luta dos movimentos negros que ganham mais força a partir das décadas de 80 na conquista de direitos por igualdade de oportunidades, ganhando concretude no início do século XXI.

Entre outras referências possíveis, os estudos de W.E.B. Du Bois<sup>7</sup> e Frantz Fanon<sup>8</sup> possibilitam um pensar crítico sobre a branquitude como uma posição de poder, por demonstrarem os impactos da construção social da ideia de raça no contexto da modernidade ocidental de formação dos Estados-Nação sobre a população de origem africana, a partir de um projeto colonial racista que codificou a branquitude como modelo universal de humanidade.

O branqueamento é entendido como um conjunto de normas, valores e atitudes associado aos “brancos” que as pessoas não brancas adotam ou incorporam, a fim de assemelhar-se ao modelo “branco” dominante e, assim, construir uma identidade racial positiva (Piza, 2008 apud Schucman, 2010). Assim, a branquitude é uma construção social e histórica, que se refere à forma como os sujeitos brancos se apropriam da categoria raça e do racismo na constituição de suas subjetividades e ao se apropriarem acreditam que “ser branco” determina características morais, intelectuais e estéticas dos indivíduos que os distinguem de outros (Arruda, 2020).

Ademais, é uma posição simbólica e material de poder, de privilégio racial, econômico, político e social, cercada pelo silêncio, ou seja, por um pacto narcísico entre os brancos de invisibilidade e omissão diante das desigualdades raciais e imposição do modelo do grupo racial branco como referência da condição humana (Bento, 2011; 2014). Fanon chega a citar: "Sou branco, quer dizer que tenho para mim a beleza e a virtude, que nunca foram negras. Eu sou da cor do dia [...]". (Fanon, 2008, p. 56).

Enfim, trata-se de trazer à tona a necessidade de desconstrução dos significados da branquitude silenciosa e presente nas instituições e práticas sociais. Em razão disso, sublinha-se que as políticas educacionais antirracistas precisam focar a atenção na invisibilidade e

---

<sup>7</sup> DUBOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

<sup>8</sup> FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

neutralidade da branquitude nas políticas públicas educacionais, a fim de revelar e confrontar o processo continuado e silenciado de diferenciação e hierarquização racial e os regimes racializados de representação ressaltam a necessidade da reeducação das relações étnico-raciais em conformidade com o que propõe as Leis 10.639/2003<sup>9</sup> e 11.645/2008<sup>10</sup> e as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana<sup>11</sup> intercambiada pela chave interculturalidade na construção de uma igualdade de oportunidades para todos e todas.

Para colocar isso tudo em prática, parto do conhecimento crítico daquilo que se vai se chamar de branquitude. O estudo da branquitude serve como chave interpretativa da hierarquização racial da sociedade que permanece mesmo após o processo de descolonização e que ainda tem um impacto significativo dentro do ambiente escolar.

No Brasil, o campo de Estudos da Branquitude (*Critical Whiteness Studies*) se consolida nas pesquisas acadêmicas brasileiras à luz do século XXI. Segundo Cardoso<sup>12</sup>, “A branquitude não seria um tema ausente, muito embora tenha estado afastada no período de 1960 a 2000, neste início de século, a branquitude é uma emergência na produção acadêmica brasileira” (Cardoso, 2008).

Ainda segundo Cardoso,

o panorama caracterizado por pesquisas acadêmicas indica para a necessidade de ampliar o foco de estudos na área da educação das relações étnico-raciais e infância/adolescência considerando perspectivas ainda não contempladas, tais como: a branquitude carece questionamento dos lugares de poder, “indagar a relação entre direitos e privilégios arraigados em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade” (Cardoso, 2008, p. 34).

Ela nasce a partir da ideia de raça como construtor social, percebendo o papel da branquitude nos estudos das relações raciais participando mais ativamente para a redução do racismo, quiçá sua eliminação, sendo que o racismo como ideologia que sustenta a tese da

<sup>9</sup> A **Lei 10.639/2003** é uma alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no ensino fundamental e médio. A lei também incluiu o dia 20 de novembro como o "Dia Nacional da Consciência Negra" no calendário escolar.

<sup>10</sup> A **Lei nº 11.645**, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas).

<sup>11</sup> As **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER)** foram instituídas pela Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, do Ministério da Educação (MEC).

<sup>12</sup> CARDOSO, L. **O branco “invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre relações raciais no Brasil. (Período: 1957-2007). 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

superioridade e inferioridade entre pessoas e grupos que de fato promove desigualdade entre brancos e negros na sociedade, tendo reflexos imensos dentro das escolas.

A ideia de raça está localizada em um espaço histórico social que se configura a partir do surgimento da categoria raça na modernidade, tornando-se uma ideologia necessária para justificar o processo de escravidão dos povos africanos, a colonização e a expansão do capitalismo (Schucman, 2012), resultando na hierarquização dos povos europeus em relação às outras populações. Assim, o racismo é mais especificamente entendido como uma construção ideológica que começa a se esboçar a partir do século XVI com a sistematização de ideais e valores construídos pela civilização europeia, quando estes entram em contato com a diversidade humana nos diferentes continentes, mais especificadamente o contato com a América e o processo de escravização. Por um processo complexo, o conceito de raça se consolida por um repertório científico ao longo do século XIX (Mbembe, 2014).

O racismo serviu nesse momento para que os Estados-Nações exercessem um poder contra sua própria população, pois a ideia de purificação permanente da população torna-se uma das dimensões essenciais da normalização social.

No século XX, com o avanço das ciências biológicas e genéticas, os estudiosos deste campo chegaram à conclusão de que a raça como realidade biológica não existe, pois marcadores genéticos de uma determinada raça poderia ser encontrados em outras e, portanto, experiências genéticas comprovaram que: pretos, amarelos e brancos não tinham marcadores genéticos que os diferenciavam enquanto raça. Desta forma, mesmo que os patrimônios genéticos dos seres humanos se diferenciem, as diferenças não são suficientes para classificá-los em raças.

Portanto, é através desta categoria política da ideia de raça que a luta antirracista se articula, pois o racismo estrutural também atinge as escolas e o processo de formação dos brasileiros, atinge as crianças e adolescentes negros e negras diretamente na construção das suas identidades e das suas autoestimas, assim como atinge as crianças brancas no processo de construção de branquitude que, provavelmente, poderão elas vir a ser reprodutoras do racismo.

Na sala de aula isso fica visível pelo número grande de alunos e alunas afrodescendentes das escolas públicas do nosso país e como eles trazem consigo essas marcas da sociedade. Muitos são moradores de comunidades onde o poder público, nas suas ações sociais de emprego e assistência, não chega, ainda são bastante precários, onde o desemprego é altíssimo e o tráfico de drogas comanda a rotina diária.

Nesses locais, a escola passa a ser o único espaço de alimentação, de socialização, de divertimento e de liberdade, funcionando, às vezes, como escape da violência cotidiana familiar

e da exploração infantil. Em virtude disso, esses alunos já trazem em si uma baixa autoestima muito forte, reproduzindo no espaço escolar suas vivências de casa, da rua, de suas violências sofridas e seus apagamentos como sujeitos, acabando por refletir essas suas ações, ou melhor, reações no ambiente escolar.

A partir dessa reflexão mesmo, ainda sem ter conhecido esse conceito, eu resolvi me aventurar e depois de mais de 20 anos distante da academia (eu coleí grau em história na UFRJ em julho de 2000), consegui ser aprovado no curso de mestrado profissional no ensino de história do ProfHistória par em 2021.

Isso tudo ocorreu a partir da reflexão minha e o que parecia mais uma aula normal do dia a dia do ambiente escolar, tornou-se um verdadeiro marco de transição e o início de reflexão profunda na forma como eu enxergava a educação, a ideia de raça e o racismo nas minhas aulas. Foi como uma tomada de consciência crítica dali para frente em minha prática pedagógica e uma nova visão de mundo. Pois, conforme minha trajetória na adolescência, eu acreditava no mito da democracia racial e até a defendia.

Para Paulo Freire, exercer a consciência é ter clareza sobre o aspecto dialético da educação, onde

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (2006, p. 30).

O impacto que a educação tem nos estudantes é sabido e tem vasta literatura sobre isso, mas qual o impacto na vida do(a) professor(a)? Qual o impacto nas vidas dos profissionais que chegam sem conhecer bem o ambiente escolar e, ao longo da convivência, passam a dialogar internamente e externamente, ressignificando suas identidades e modificando suas visões de mundo, como tem acontecido comigo ao longo da minha vida no magistério?

Paulo Freire chega a escrever: "É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática" (Freire, 2006, p. 61). Aqui não é o que falo e tento usar na prática, mas a prática interferindo no que falo, mudando minha visão outrora defendida da democracia racial para combatê-la.

#### 1.4 Minha infância e a questão racial que me permeava

Nessa luta entre a recordação e o esquecimento, lembrei-me que ouvia de alguns pais de amigos várias piadas racistas que naquela época faziam parte do cotidiano, inclusive dos programas televisivos de comédia e como isso não interferia no meu olhar, não percebia as angústias por traz dessas piadas para as pessoas pretas.

Porém, uma em particular me chamou a atenção, a de um pai de um grande amigo de infância. Quando eu conheci esse meu amigo, lá pelos anos 70, o pai dele era chefe de uma torcida organizada de um grande clube carioca e ele tinha um amigo também da mesma torcida organizada que era negro. Eles tinham uma forte ligação e sempre os via juntos, inclusive eles eram compadres. Chupeta era como chamavam o amigo de pele negra. O nome verdadeiro dele, eu nunca soube.

Nessa tentativa de rememorar, lembrei de várias vezes, depois do término dos jogos, principalmente, nos jogos no Maracanã, de nós irmos para uns bares que ficavam perto do estádio. Eu e meu amigo, que éramos ainda crianças, ficávamos ali perto conversando e ouvindo as conversas deles, dos “mais velhos”. Havia muito papo furado, mas também eu lembro de ouvir muitas vezes o pai do meu amigo falando piadas racistas ao lado do seu amigo de torcida e, em outras ocasiões, quando o Chupeta não estava, as piadas e falas racistas eram mais fortes, como por exemplo, eu ouvi várias vezes: minha filha nunca vai namorar um “preto”; “aquele sujo”, “preto”, “macaco” etc.”.

Eu parava observando e ficava pensando como isso era possível tendo ele um amigo negro. Outras vezes, eu pensava no meu pai que também era amigo dele, o que ele falava quando eu não estava perto.

Durante os anos de universidade (1995 a 2000), só fiz uma disciplina optativa sobre África, com o professor Silvio Almeida (não o atual ministro) sobre Angola. Na época, não se discutia, ou eu não percebi, nas aulas sobre a questão racial como se discute hoje.

Ao tentar rememorar meu passado, passados esquecidos, apagados ou aparentemente perdidos, lembrei-me do texto da Lélia Gonzales<sup>13</sup> que tinha me chamado bastante atenção durante as reflexões em uma aula do mestrado. A autora, em tom provocativo, propõe uma inversão: a consciência exclui, enquanto a memória inclui. É nesse sentido que minhas

---

<sup>13</sup> GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Temas e problemas da população negra no Brasil. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223-244.



memórias estão sendo contadas, como um caminho para refazer a consciência, ou melhor, desfazer uma certa compreensão de consciência excludente típica da branquitude.

As provocações e debates de Lélia Gonzales deram forma a diferentes incômodos que me atravessam, pois durante o prosseguir da minha vida, volta e meia, o tema do racismo voltava, por alguma atitude racista no trabalho, na rua, seja onde for. Minha monografia do bacharelado de história foi sobre o tema racismo nas constituintes de 1934 e 1946. Estudei como a palavra racismo apareceu nos debates no Senado Federal, lendo os anais de várias sessões ordinárias da época das constituintes. Isso depois de 6 semestres estudando sobre Marcelo Caetano e o salazarismo em Portugal. Larguei tudo que havia acumulado para trabalhar com o tema do racismo.

Por conta dessa trajetória, quando cheguei na escola, logo surgiu a ideia de trabalhar com os alunos algo relativo ao racismo, interseccionando com os conteúdos necessários, o que fez eu ter que estudar um pouco mais sobre o tema do racismo, tentando identificar minhas inquietações da infância. Porém, não deu muito certo. Pouco consegui me aproximar dos alunos e eles poucos se identificaram comigo na minha narrativa sobre o assunto.

Durante esse período atuando no projeto de aceleração (Carioca I e Carioca II), eu, como já mencionei, já atuava como professor da EJA, em uma escola localizada no complexo do alemão (comecei lá em 2012), depois de um processo de remoção. Nessa escola, um dia sentado na sala dos professores comentei com um colega, professor alfabetizador da EJA, um professor negro. Falei sobre minhas inquietações e o que tinha acontecido comigo quando da tentativa de levar os assuntos do racismo para as aulas lá no projeto em Santa Cruz. Pedi a ele alguma sugestão para me ajudar a atuar melhor na minha prática escolar com esses assuntos. Ele comentou comigo sobre um coletivo em que ele atuava relacionado às relações étnico-raciais. Ele me falou de um livro da Robin Diangelo, chamado *Não basta não ser racista, sejamos antirracistas*<sup>14</sup>.

Já tinha ouvido falar sobre antirracismo, mas nunca tinha lido sobre ou apenas ficava no campo do debate nas salas dos professores, sem nada mais efetivo.

Comprei o livro sugerido pelo professor e o li muito rapidamente. Gostei muito da leitura e, então, comecei a pensar como ser um professor antirracista a partir de reflexões de leitura do livro. Comecei a pensar a partir da leitura, novos caminhos, alternativas no âmbito da educação que possam colaborar para o enfrentamento de algumas das mazelas trazidas pela exclusão? Passei a me perguntar quase que diariamente.

---

<sup>14</sup> DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista, sejamos antirracistas**. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

Uma outra coisa que me chamou muito a atenção no livro e que me fez refletir também, principalmente, sobre aquelas dificuldades encontradas para trabalhar de forma mais efetiva com os alunos, tentando minimizar o problema do racismo na sala de aula foi a questão da minha brancura, da minha branquitude. Pois de acordo com Lourenço Cardoso (2008), compreender a escola como espaço de embate político colocando o branco como sinônimo de normalidade é algo que precisa ser questionado. Faz-se necessário entender o que é branquitude, essa posição de privilégio, onde o branco, ao não se perceber enquanto raça, racializa todos os seus não semelhantes, colocando-os na condição de “outros”<sup>15</sup>.

Eu nunca tinha parado para perceber, de forma consciente, sobre meus privilégios, apesar de saber, por exemplo, que nunca fui revistado por polícias numa blitz. Eu sabia de forma inconsciente que isso era devido ao meu fenótipo branco. Como um papel de normalidade, sem perceber que eu não me questionava como branco, não me via racializado, contribuindo para a manutenção do que Maria Aparecida Bento denomina como Pacto Narcísico<sup>16</sup>. Bento conceitua o Pacto Narcísico como “um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (Bento, 2002, p.26).

No Brasil, o fato de o indivíduo ser socialmente reconhecido pelo fenótipo branco já lhe garante privilégios sociais (Bento; Carone, 2002; Cardoso, 2008). Dentro desse construtor de hierarquia, estamos pensando no silêncio da branquitude como forma de manter seus privilégios e reproduzir as formas de dominação.

Qual a lógica que rege o fato de que em uma país em que a maioria da população se declara negra, os lugares de poder estejam ocupados em sua quase maioria por pessoas brancas? Que mecanismos ideológicos estão em jogo para assegurar aos brancos a ocupação de posições mais altas na hierarquia social, sem que isso seja encarado como privilégio racial? Quais as crenças e discursos que sujeitos brancos produzem e reproduzem para que sejam beneficiados na estrutura social e, ao mesmo tempo, desresponsabilizam-se e se isentem dos problemas advindos da injustiça social que afetam os negros em nosso país?

A leitura me despertou para as causas de eu não estar conseguindo atuar de forma mais efetiva com os alunos sobre as mazelas do racismo.

---

<sup>15</sup> Aqui o termo “outro” é usado com a construção discursiva eurocêntrica criada com a chegada dos europeus nas Américas e nas Áfricas, tendo como origem o “eu” europeu e branco, designando todos aqueles que não se encaixavam neste “eu” com o termo “outro” (Azevedo, 2016 apud Andrade, 2018).

<sup>16</sup> BENTO, Maria Aparecida Silva. **Estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 147-162. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/branquitude-o-lado-oculto-discorso-sobre-o-negro-cida-bento/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

Como eu já mencionei, são quase 20 anos de magistério, entre altos e baixos, entre desânimos, vontade de largar o magistério, mas quando você entra em uma turma da EJA e possibilita o diálogo, você ouve as histórias de luta, de resistência dos discentes, você recarrega suas baterias e volta à luta.

Não só com os discentes que você tem o momento de recarregar as baterias, mas com o contato com outros colegas de outras disciplinas que em muitos momentos, de forma individual, persistem, ajudam, se esforçam além dos limites para trazer o diálogo com os discentes, transformando a vida desses como daqueles mesmos. Isso é engajamento, isso é o que compreendi por transgressão depois de ler bell hooks (hooks, 2013). Ao fim, hooks, Gonzales, Bento e Diangelo foram referências lidas antes e ao longo do ProfHistória que me ajudam a perceber o quanto a educação transforma quem ensina, o quanto foi no encontro com a diversidade viva na sala de aula que muitas perguntas vividas ao longo da minha encontraram algum caminho. Por esta compreensão, pelo reconhecimento da centralidade do diálogo, espero estar na direção da qual Paulo Freire falava.

## 2 DESCRIÇÃO DO PEJA E SUA IMPORTÂNCIA

### 2.1 A educação de jovens e adultos na cidade do Rio de Janeiro: o PEJA, uma história de construção

Antes de adentrarmos na pesquisa em si, faz-se necessário falar de como a EJA surgiu na cidade do Rio de Janeiro e como ela se estrutura, pois há uma estrutura diferenciada de outras prefeituras. Aqui vou falar um pouco de como a Educação de Jovens e Adultos surgiu na cidade do Rio de Janeiro e como ela é estruturada na Secretaria de Educação da cidade do Rio de Janeiro.

A EJA é uma modalidade da Educação Básica, que, no município do Rio de Janeiro, funciona no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) como uma política pública do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro<sup>17</sup> (SME), na etapa do Ensino Fundamental – anos iniciais e finais. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) atende aos estudantes a partir de 15 (quinze) anos completos que necessitam iniciar ou concluir a Educação Básica, na etapa do Ensino Fundamental. Está organizada na oferta dos Anos Iniciais (EJA I – Bloco 1, do 1º ao 3º ano e EJA I – Bloco 2, do 4º e 5º ano) e Anos Finais (EJA II – Bloco 1, do 6º e 7º ano e EJA II – Bloco 2, do 8º e 9º ano).

A política educacional do PEJA atualmente está ligada à Gerência de Educação de Jovens e Adultos (GEJA), que executa e monitora o processo de produção e implementação das Orientações Curriculares e de produção de material pedagógico ou didático para a Educação de Jovens e Adultos. Além disso, executa, em parceria com a Escola de Formação Paulo Freire e o Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA), as ações de formação para os profissionais que atuam na EJA.

Segundo documento da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro<sup>18</sup>, o processo de implementação da EJA na Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro,

---

<sup>17</sup> A **Secretaria Municipal de Educação (SME)** é o órgão da Prefeitura do Rio de Janeiro responsável por elaborar a política educacional do município do Rio de Janeiro. Oferecer educação para a vida, com aprendizagem na idade certa para todos os estudantes. Cabe à Secretaria cuidar das crianças e jovens da Educação Infantil (6 meses a 5 anos); do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) e da Educação de Jovens e Adultos.

<sup>18</sup> RIO DE JANEIRO, Secretaria Municipal de Educação, Gerência de Educação de Jovens e Adultos. Orientações Curriculares da Educação de Jovens e Adultos. 1. Ed. Rev. Ampliada. Rio de Janeiro: MultiRio, 2024.

teve seu início com o Projeto de Educação Juvenil (PEJ)<sup>19</sup>, em 20 Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), como parte integrante da proposta do Programa Especial de Educação implantado em 1985, no governo de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro.

O PEJ ofertava a alfabetização para o público entre 14 e 20 anos de idade. Constatando-se a procura pela EJA/ Ensino Fundamental, para além da alfabetização, o projeto foi sendo ampliado e passou a atender, em seu decorrer, a todo o Ensino Fundamental. Assim, foi organizado em PEJ I (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e PEJ II (Anos Finais do Ensino Fundamental), cada um com dois blocos.

O Conselho Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, por meio do Parecer CME nº 3, de 24 de março de 1999, oficialmente aprovou o PEJ na Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Com o aumento da procura, inclusive por sujeitos com faixa etária superior a anteriormente definida, representando uma ampliação nas matrículas de 7 892, em 1999, para 32 869, em 2004, o PEJ sofreu alterações aprovadas pelo Conselho Municipal de Educação do Rio de Janeiro, por meio do Parecer CME nº 6, de 25 de janeiro de 2005, inclusive passando a ser designado como Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA). Esse mesmo Parecer também reconheceu oficialmente o Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA), inaugurado em 2004. Isso marca uma vitória, pois deixou de ser um projeto para ser tornar um programa, fazendo parte da rede pública de ensino de forma perene.

Mais uma vez atendendo à demanda social do público-alvo da EJA, o agora PEJA passou por transformações e por meio do Parecer CME nº 2, de 29 de janeiro de 2013, aprovou a implantação dos Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) e a ofertada modalidade EJA com abordagem metodológica de ensino semipresencial e de educação a distância no Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA) e nos CEJA, como ofertas complementares à política de EJA municipal.

Atualmente, a partir de dados de junho de 2024, o quadro de escolas que possuem a modalidade EJA se encontra assim:

---

<sup>19</sup> O **PEJ (Projeto de Educação Juvenil)** foi projetado em 1983 pelo então vice-governador Darcy Ribeiro, para funcionar dentro dos CIEP, em horário noturno e com a proposta de alfabetizar jovens de 14 a 20 anos. Em 1985, o PEJ passou para a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), que deu prosseguimento à alfabetização de jovens. <<http://bdae.org.br/bitstream/123456789/1004/1/tese.pdf>> Acessado em 10 de jul. de 2024.

Tabela 1 – Escolas com a modalidade EJA

# TURNOS

## Total de alunos por segmento

Educação Infantil :  
Creche e Pré-escola

Ensino  
Fundamental

Educação Especial:  
Classe Especial

Projetos de  
correção de fluxo

Educação de  
Jovens e  
Adultos\*

Total

Rede

135.939

443.481

3.628

6.674

17.549

607.271

CRE

UNIDADES QUE  
OFERECEM  
EDUCAÇÃO  
INFANTIL

UNIDADES QUE  
POSSUEM  
TURMAS DE  
EDUCAÇÃO  
ESPECIAL

UNIDADES QUE  
OFERECEM EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS

1

58

4

7

2

98

15

12

3

91

20

16

4

75

30

16

5

85

22

15

6

71

13

8

7

106

23

15

8

108

26

17

9

88

37

12

10

101

29

14

11

29

7

3

CREJA

1

Total Geral

910

226

136

Fonte: Prefeitura do Rio.<sup>20</sup>

Antes da pandemia do Covid 19 o PEJA era composto por 23.550 alunos e 903 professores (dados de 2017), distribuídos em 130 escolas, além de duas escolas exclusivas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA): o Centro de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA), localizado na Rua da Conceição, 74, e o Centro de Educação de Jovens e Adultos da Maré (CEJA), localizada no Complexo da Maré onde antes funcionava o Sesi.

Percebe-se pelo quadro acima que a quantidade de matrículas na modalidade EJA representa apenas 2,88% do total de alunos matriculados na rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro.

Não existe idade própria para se educar e a legislação garante isso. Entretanto, a população não necessariamente compreende isso, as pessoas acabam trazendo a ideia da

<sup>20</sup> A Educação em números: <https://educacao.prefeitura.rio/educacao-em-numeros-x/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

educação como um favor e não exigindo esse direito. Por outro lado, não há uma chamada pública no sentido de avisar as pessoas onde estão as escolas, avisar as pessoas que elas têm direito à escola e isso acaba se refletindo nesse baixo número de matrículas apesar dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>21</sup> mostrarem que cerca de 11 milhões de pessoas são analfabetas, problemática social que perdura desde o século passado ainda sem um conjunto robusto e articulado de políticas públicas adequadas

O que se percebe também com esses dados é que houve um aumento de 4 unidades da EJA, mas um decréscimo do número de alunos matriculados de 23.550, em 2017, para 17549, em 2024. Ou seja, a rede aumentou para mais 4 escolas ofertando a modalidade, porém o número de alunos diminuiu mais ou menos 21%.

Ao observar a série histórica, compreende-se que as matrículas da modalidade vêm diminuindo sistematicamente desde 2017, dado que acompanha a sistemática queda nos investimentos públicos. O agravamento desses índices entre 2019 e 2020<sup>22</sup> apontam para a deterioração do contexto em razão da pandemia de covid-19.

Hoje, há estudos que a pandemia foi um momento muito difícil para todos e principalmente para os alunos que compõe o EJA, pois são alunos que trabalham e não tinham como conciliar trabalho e estudo durante a pandemia.

Isso dificultava no acesso para assistir e acompanhar as aulas, principalmente as atividades de modo remoto, pois alguns não sabiam manusear os aparelhos eletrônicos como celular ou computador ou tablet, e outros não tinham esses aparelhos por conta das condições financeiras e não tinham como ter contato com o professor. Por conta desses fatos, tudo isso faziam com que eles perdessem aula e acabavam evadindo da escola.

Também alguns alunos não possuíam internet em casa e usava a do vizinho para assistir a aula e o sinal era instável, outros não tinham realmente acesso à internet.

Com a retomada das aulas presenciais pós pandemia houve uma queda no número de matrículas e isso é verificado na tabela acima.

Ocorreram a partir desse momento muitas desistências. Alguns os alunos ficaram desmotivados e não conseguiam seguir em frente, pois perderam familiares e amigos para a covid-19 e pessoas bem próximas. Os professores também tiveram que se reinventar e readaptar

---

<sup>21</sup> **Conheça o Brasil – População Alfabetização:** <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/22321-alfabetizacao.html>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

<sup>22</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - **Censo escolar 2020:** Divulgação dos resultados:<[https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2020/apresentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_coletiva.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2024.

suas aulas durante a pandemia, revendo os planejamentos e conteúdo, aprendendo a usar aplicativos de vídeo, fazer vídeos, tentando motivar os alunos.

## **2.2 A educação de jovens e adultos na cidade do Rio de Janeiro – a estrutura.**

O Programa de Educação de Jovens e Adultos da Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro tem o currículo estruturado com apenas uma disciplina por dia, durante as quatro horas de aula – tempo considerado necessário para implementar a proposta político-pedagógica e, também, para possibilitar uma recuperação paralela, necessária a um aprendizado mais efetivo, de acordo com o que foi determinado pelo Conselho Municipal de Educação (CME).

Essa forma de estruturação se diferencia de outras prefeituras. Pois normalmente as aulas são feitas por horários e disciplinas diversas no mesmo dia. Aqui na EJA do Rio de Janeiro, como visto, é uma disciplina por dia.

A grade curricular do Peja está estruturada em duas etapas – PEJA I, referente à primeira fase do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), e PEJA II, referente à segunda (6º ao 9º ano). Ambas estão organizadas em dois blocos de aprendizagem, com duração média de um ano cada (3 trimestres – outro ponto que se diferencia de outras prefeituras, até das EJAs privadas), perfazendo um total de quatro anos para quem começa do zero.

Funciona como um ciclo, por exemplo: no PEJA II tem duas turmas no bloco I – 151 e 152 – para 3 trimestre em 3 níveis ou como se chama na prefeitura Unidade Progressão (UP1, UP2 e UP3). O aluno só passa para o bloco seguinte na UP3, podendo voltar a UP1 se não alcançar as habilidades e competências para cada bloco. Outra marca diferenciada na EJA Rio.

Ainda que o aluno apresente histórico de escolaridade anterior, todos os ingressantes devem passar por uma avaliação que indique a turma mais adequada, o que muitas vezes, por falta de funcionários, isso acaba não ocorrendo. Exceção feita caso o aluno seja egresso da própria modalidade EJA em outro sistema ou do próprio PEJA.

Os alunos regularmente matriculados e que frequentam as aulas do PEJA são ligados à rede pública do Sistema Municipal de Ensino e, como tal, têm todos os deveres e direitos que os demais pertencentes à rede. Os alunos do Peja fazem jus ao uniforme oficial, material escolar, livros do Programa Nacional do Livro Didático EJA e uma refeição completa diariamente – almoço ou jantar, de acordo com o horário das aulas. Também podem utilizar o sistema



eletrônico de passe livre, que garante gratuidade aos estudantes das redes públicas nos transportes coletivos. Além disso, têm direito a utilizar os diferentes espaços e equipamentos escolares, como laboratórios de informática, sala de leitura e outros.<sup>23</sup>

O meu primeiro contato com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocorreu no ano de 2012 quando ingressei como professor da disciplina de História e na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega que faz parte da rede municipal de educação.

A unidade de ensino está localizada em uma das ruas de acesso ao Complexo do Alemão, em Ramos, atendendo alunos das áreas próximas. Quase a totalidade dos alunos que frequentam são provenientes da Grotta, umas das mais violentas do Complexo do Alemão. Eles vêm andando, de mototáxi, alguns diretos do trabalho, de várias formas, para poderem completar seu ensino fundamental.

Eu comecei na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega no ano de 2011, ainda no ensino básico regular (6º ao 9º anos) quando pedi remoção da 10ª CRE no ano anterior. Quando eu entrei na escola em 2011, havia dois turnos compostas por turmas do fundamental 1 e do fundamental 2. Não havia o PEJA ainda. Havia a modalidade EJA à noite, mas o serviço de atendimento era prestado pela SEEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

No final de 2011, a diretora foi convocada à 4ª CRE e lá soube que o estado deixaria de prestar o serviço e passaria para a responsabilidade do município, ou seja, seria implementado o PEJA na escola a partir de 2012.

Eu era professor lá no turno da manhã e a diretora C. sabia que eu já estava procurando trabalhar no PEJA, pois eu mesmo já havia perguntado a ela se ela não conhecia algum diretor ou diretora que atuasse na EJA para saber se havia alguma vaga para história.

Quando ela teve a certeza de que a escola iria contemplar o PEJA no ano seguinte, ela me convidou apesar de na escola ter mais três professores de história, mesmo eu não sendo o mais antigo. Havia uma cultura que o professor mais antigo seria consultado primeiro. Como o primeiro já atuava no PEJA na sua 2ª matrícula e o segundo não quis, eu aceitei.

As dificuldades foram muitas! No primeiro dia de apresentação, só tinha eu e a professora L., que seria professora do fundamental 1. Começamos assim mesmo e depois ao longo dos meses, foram sendo apresentados os novos professores, primeiro o de Língua Portuguesa, depois o de Matemática, mais à frente o de Língua Estrangeira, depois de Artes Plásticas e finalmente o de Ciências. Sendo abertas as turmas 151 (6º ano), 152 (7º ano), 161

---

<sup>23</sup> Conheça o Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja): <<http://multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/13298-conhe%C3%A7a-o-programa-de-educac%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-adultos-peja>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

(8º ano), 162 (9º ano), estas completas representando o fundamental 2. As turmas 171 (alfabetização) e 191 (4º e 5º anos) ficaram com a professora L. Só mais ou menos 3 anos depois, com a aposentadoria da professora, que as turmas se separam com a chegada de dois professores, uma para a turma 171 e outro para a turma 191.

Era uma realidade bem distante do modelo de educação debatido na universidade, especialmente nas aulas voltadas à prática educativa. A aula ocorre no turno da noite com, na sua maioria, alunos adultos, tendo em vista a exigência legal da maioridade para a matrícula na modalidade da EJA. Diante deste quadro de poucas referências na formação para o trabalho com este segmento surge, na própria atuação profissional, as bases para o desenvolvimento das propostas pedagógicas do professor na EJA.

### **2.3 Dissertações de mestrado do ProfHistória sobre a modalidade de ensino EJA: 2016 a 2021**

Realizando uma pequena pesquisa no banco de dissertações do ProfHistória nacional<sup>24</sup>, encontrei 21 dissertações de 2016 a 2021 através da busca usando apenas o título *Educação de Jovens e adultos*. Dessas 21 dissertações, encontrei uma série de assuntos voltados para os alunos, desde uso de quadrinhos a livros didáticos. Algumas com objetos muito interessantes para uso dos professores de história que atuam em alguma EJA pelo Brasil afora. Duas me chamaram a atenção pela proximidade com um dos objetivos da minha proposta:

A primeira foi uma de 2018, realizada pelo professor Altair Hoepers, defendida na Universidade do Estado de Santa Catarina, que trouxe o tema “Ensino de história em EJA/EAD: uma investigação com professores para uma proposta de formação”<sup>25</sup>. O objetivo dessa dissertação foi fazer uma pesquisa com professores da Cooperativa de Professores e Especialista (COOEPE) por meio da aplicação de um questionário investigativo no qual foram interrogados sobre questões relativas à sua formação acadêmica e à docência na área de história na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade Ensino à Distância (EaD). Então, sua pesquisa voltou-se principalmente para capacitação e a formação do professor da EJA e foi

---

<sup>24</sup> **Banco de dissertações do ProfHistória**. Disponível em <https://www.profhistoria.com.br/articles>. Acesso em: 10 fev. 2024.

<sup>25</sup> HOEPERS, Altair. **Ensino de história em EJA/EAD: uma investigação com professores para uma proposta de formação** – Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431525>. Acesso em: 10 fev. 2024.

dividida em duas partes: na primeira foram apresentados aspectos da organização desta modalidade através de reflexões sobre a sua historicidade e juntamente à análise das leis que a organizam o ensino de EJA/EaD, bem como uma descrição de como ela acontece na COOEPE. Na segunda, o estudo foi dirigido para questões relativas à formação do professor.

A segunda dissertação que encontrei foi uma de 2020 feita pela professora Laila Cristine Ribeiro da Silva, defendida na Universidade Federal do Tocantins, cujo tema foi “A formação continuada de professores na educação de jovens e adultos em Araguaína-TO: espaço reflexivo e vivências histórica”.<sup>26</sup> O objetivo da pesquisa foi desenvolvido junto aos colegas profissionais do ensino de História, atuantes na Educação de Jovens e Adultos da rede municipal de Araguaína-TO, tendo como base uma nova perspectiva da Formação Continuada promovida em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Teve, pois, como objetivo, o desenvolvimento de uma metodologia que valorizasse as identidades dos estudantes da EJA para que estas pudessem vir a ser consideradas no aprimoramento do trabalho com o currículo escolar.

Assim, das 21 dissertações encontradas que tinham alguma ligação com a Educação de Jovens e Adultos, só duas estavam voltadas para o professor, sem excluir o mérito e a importâncias das outras 19 voltadas para os educandos. Essas duas voltadas para a formação dos professores de história da EJA estavam mais ligadas à formação docente cujo objetivo seria relacionada a capacitar os professores em relação ao conteúdo ministrado para as aulas propriamente do que a vivência desses professores no seu dia a dia e a possibilidade da autorreflexão destes em relação à sua própria forma de ver o mundo. Com isso, quero dizer que a minha proposta traz um olhar diferenciado, pois deixa que a voz do(a) professor(a) possa ser um veículo para compartilhamento da sua experiência em sala de aula na EJA e o quanto essa vivência o(a) transforma como profissional e como pessoa, principalmente, para aqueles colegas que estão ingressando na EJA sem nenhuma experiência. Essa é a proposta ao ouvir através de entrevistas semiestruturadas alguns profissionais da EJA de algumas escolas da cidade do Rio de Janeiro.

Sabe-se que no Brasil a Educação de Jovens e Adultos tem sido construída em meio a um cenário de lutas sociais e percepções reducionistas. As políticas públicas nacionais caminham a passos lentos para atender e operacionalizar integralmente essa modalidade de ensino que, por seu turno, transborda os limites da escolarização em sentido estrito.

---

<sup>26</sup> SILVA, Laila Cristine Ribeiro da. **A formação continuada de professores na educação de jovens e adultos em Araguaína-TO: espaço reflexivo e vivências históricas.** Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574483>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Compartilhando das reflexões fomentadas por Adair José Bernardino (2008), em sua dissertação acerca da *Concepção de cultura trabalho e tempo dos professores de EJA*<sup>27</sup>, é possível observar que, mesmo com as mudanças históricas educacionais, como por exemplo, a implementação de programas e políticas de “inclusão” de jovens e adultos que não tiveram acesso ao processo de escolarização em idade oportuna, ainda existe um grande efetivo populacional que não conseguiu acesso ao sistema de educação. Estes não obtiveram a efetivação desse direito positivado em tantos documentos legislativos – Constituição Federal do Brasil (CFB), Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Plano Nacional de Educação (PNE) etc. – que pretendem contemplar a todos.

Ao tratar do tema *Analfabetismo entre Jovens e Adultos no Brasil*, Sérgio Haddad e Filomena Siqueira (2015) reforçam que o avanço da erradicação do analfabetismo, nas últimas décadas, tem se dado de maneira muito frágil, evidenciando a magnitude da natureza do problema que se entrelaça na precariedade do universo escolar e nas diferenças socioeconômicas presentes no país.

A esse respeito, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-PNAD 2019) revelam o quantitativo de 11,3 milhões de analfabetos entre a população de 15 anos ou mais no Brasil, o número corresponde a 6,8% dessa população.

No ano de 2018, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Censo/INEP), o total de 3.598.988 brasileiros estavam matriculados na Educação de Jovens e Adultos, em escolas de áreas urbanas e rurais, em tempo parcial e integral, um universo que acolhe educandos de diferentes faixas etárias: adolescentes, jovens, adultos e idosos.

A formação docente para a EJA sofre diretamente os impactos do tratamento secundário e subalterno que permeia o histórico dessa modalidade de ensino. Na região norte do país, a maioria dos profissionais não possui nenhuma capacitação específica e, muitas vezes, atua em ensino de disciplinas que não exigem graduação acadêmica na área. A ausência de uma formação adequada acaba por solidificar ainda mais as dificuldades enfrentadas dentro do sistema educacional (Torres; Almeida, 2018).

Desse modo, é necessário pensar a EJA como um campo fronteiro entre o que é ofertado pelas políticas públicas e o que se pode realizar no chão da escola. Logo, o que de fato

---

<sup>27</sup> BERNARDINO, Adair José; GISI, Maria Lourdes. **Concepção de cultura trabalho e tempo dos professores de EJA**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008 Disponível em: [http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1170](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1170). Acesso em: 24 ago. 2024.

deve ser aproveitado como terreno fértil para a inovação prática e teórica em busca da reorganização dos saberes e permanência dos educandos? Defendemos que a Formação Continuada se apresenta como um valioso meio de aprimoramento coletivo dos saberes docentes, por permitir a reflexão dos aspectos pedagógicos e didáticos relacionados a teoria e a prática. A formação é, portanto, necessária para a melhoria do ensino, assim como também para desenvolver estratégias que visem sanar as dificuldades educacionais e instalar mudanças significativas nas práticas docentes.

Pensar sobre o fazer profissional docente implica refletir sobre si mesmo e sobre sua própria construção histórica. Nóvoa (1992), ao explicitar acerca dos pressupostos da profissão, reflete sobre o elo entre os percursos profissionais e pessoais e como esses avançam e evoluem ao longo da vida, explicitando como esse fazer se constrói conjuntamente com as experiências adquiridas e com as trocas de saberes entre as pessoas.

Nesse sentido, cabe promover, junto aos professores da EJA e, sobretudo, do ensino de História, ações que possibilitem o conhecimento articulado sobre a sua própria atuação em permanente troca com os colegas. É dentro do potencial formativo da prática que se torna importante promover reflexões com os docentes acerca da necessidade de valorizar as histórias de vida dos estudantes. Ao passo que, a partir das histórias de vida é possível entender suas memórias, trajetórias, anseios, cultura e expectativa de futuro, buscando um processo de aprendizado histórico significativo.

Dessa forma, é viável afirmar que “o ensino de história é um importante instrumento na (re)construção de identidades que trazem, muitas vezes, a marca do ser menos” (Nicodemos, 2017, p. 71).

O ensino de História na Educação de Jovens e Adultos se apresenta como um meio promissor para instigar os estudantes a desenvolverem sua consciência no sentido dado por Paulo Freire, como um compromisso histórico que implica na compreensão de que os seres humanos são sujeitos atuantes e construtores da história.

Defendo aqui que a narrativa das vivências pode ser utilizada pelos professores para a ampliação da consciência como capacidade de perceber e compreender a realidade dos discentes da EJA, tanto por parte dos professores contando e narrando suas vivências quanto as dos alunos e alunas contando suas experiências.

### 3 ENTREVISTAS COM DOCENTES, ANÁLISE DELAS INTERCALADAS COM VOZES DISCENTES

#### 3.1 O falar de si como ponto de mobilização para a compreensão do outro

Falar de si traz memórias, mas também reflexões sobre o que fizemos, sobre o que somos hoje, no presente. Não é uma tarefa fácil, pois precisamos lidar com o que pensamos ser e o que queremos ser ou o que pensávamos ser.

Essas questões recolocam o texto da Lélia Gonzales<sup>28</sup> como referência que, no meu ponto de vista, vai de encontro com o que o antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga<sup>29</sup> coloca, quando este diz:

A memória da escravidão no Brasil é ora esquecida ou negada, ora descrita negativamente como uma simples mercadoria ou uma força animal de trabalho sem habilidades cognitivas. A construção da memória da escravidão começa por justificativas ideológicas. Estas apresentam a escravidão como um gesto civilizador para integrar o africano na "civilização humana".

Apesar de falarem de memória, Lélia Gonzalez e Munanga não apresentam o mesmo conceito de um outro autor que trabalha também com o conceito de memória, o historiador português Fernando Catroga<sup>30</sup>, este também estudado nas aulas do mestrado. Aqueles falam do apagamento e inclusão, na forma de uma construção social imposta, centralizando a relação entre memória e racismo como faz também uma outra autora que será abordada mais adiante, a escritora e psicóloga portuguesa Grada Kilomba.<sup>31</sup>

Já Catroga escreve que a memória se erige no embate entre os diversos campos mnésicos (coletivos e individuais) e na tensão tridimensional do tempo (passado, presente, futuro). Assim, a memória é constituída a partir dessa numerosa rede relacional. Grande parte do que

---

<sup>28</sup> GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Temas e problemas da população negra no Brasil. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223-244.

<sup>29</sup> MUNANGA, Kabengele. **“Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?”**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, dezembro, 2015, p. 29.

<sup>30</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, história, historiografia**. Coimbra. Quarteto, 2001.

<sup>31</sup> Kilomba, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess oliveira. Rio de janeiro: cobogó, 2019.

somos hoje interage não somente com memórias próprias, mas com uma série de outras memórias de outros indivíduos e sociedades.

Essa construção não é resultado apenas de uma recordação, mas também de um esquecimento: a memória "não é um armazém que, por acumulação, recolhe todos os acontecimentos vividos pelo indivíduo" (Catroga, 2001). Para Catroga, escolhemos tanto o que queremos lembrar quanto o que desejamos esquecer. Nesse sentido, a memória não é um processo passivo, mas sim uma construção ativa, onde decisões conscientes e inconscientes moldam o que permanece e o que é apagado. A diferença entre os conceitos de memória usados por Lélia Gonzalez e Munanga, nesse contexto, se encontra na intervenção externa que impõe, muitas vezes, a preservação de determinadas memórias enquanto outras são silenciadas ou apagadas.

Este processo de seleção e apagamento se relaciona diretamente ao ato de falar de si, que considero um gesto corajoso. Falar de si não é simplesmente um exercício de exaltação do eu, mas uma oportunidade de refletir criticamente sobre nossas trajetórias. Esse ato exige uma consciência do que foi preservado na memória e o que foi perdido ou esquecido, e é nesse espaço de reflexão que se revela o quanto crescemos ou não como seres humanos. Ao se deparar com o próprio relato autobiográfico, somos forçados a encarar a tensão entre aquilo que lembramos com clareza e o que preferimos esquecer, muitas vezes para evitar o confronto com nossas limitações morais e filosóficas.

Esse processo de construção da memória se torna ainda mais desafiador na trajetória de um professor, uma vez que a profissão carrega uma cobrança extraordinária em relação ao seu papel moral e ético. O professor não só organiza aulas e diálogos, mas também se vê obrigado a desempenhar um papel exemplar diante de sua comunidade. A consciência dessa responsabilidade ética e moral pode tornar a tarefa de refletir sobre a própria trajetória ainda mais difícil, pois a memória, nesse caso, não é apenas pessoal, mas também social, moldada por expectativas externas que buscam apagar ou sublinhar determinadas experiências, de acordo com um ideal de conduta.

Entretanto, penso também que faz parte da profissão de educador, sendo a escola um espaço privilegiado para pensar, refletir sobre seus atos pedagógicos e se não, sobre seus atos e visões de mundo que refletem na sua prática pedagógica. Muitas vezes, deparo-me com análises que se estivesse numa outra profissão, certamente não refletiria.

Como lidamos com pessoas humanas, estudantes de várias idades em um espaço público que na sua maioria são frequentadas por pessoas de áreas conflituosas, onde a violência física impera, assim também como a violência do apagamento de suas vidas enquanto sujeitos, e que

trazem tanto a vulnerabilidade econômica quanto a vulnerabilidade social, esquecemos de perceber que elas não são só isso. Elas são muito mais do que simples estereótipos sociais, dados estatísticos, pois elas trazem lutas, vivências e experiências que mostram não poucas vezes espaços de resistências e buscam, com alegria e resiliência, enfrentar os obstáculos da vida cotidiana. Começando por saírem de suas origens e indo buscar em outro lugar, muitas vezes distante e sem a ajuda de familiares, melhorar suas vidas. Isso por si só é um ato de coragem e resistência.

Possuem tanta resistência e resiliência que estão na escola, depois de um dia de trabalho ou depois de criarem seus filhos e se aposentarem, sempre com um sorriso na boca e olhos curiosos sobre o que estão aprendendo, não percebendo que ensinam muito mais do que aprendem.

É a partir dessas reflexões iniciais sobre o quanto a educação transforma o educador que parto para analisar as entrevistas com os docentes que atuam na disciplina de História e Geografia também na Educação de Jovens e Adultos. Depois, serão analisadas as autobiografias de alunos e de professores das demais disciplinas, resultado de duas oficinas sobre o papel da escola na vida tanto dos professores quanto dos estudantes.

Em relação às entrevistas, parto da análise usando o conceito da Grada Kilomba, citada acima, sobre a narrativa biográfica, no seu livro intitulado "Memória da plantação", como forma de reflexão e chave de análise. Grada Kilomba assim define narrativas biográficas:

A abordagem da narrativa biográfica permite não apenas aprender sobre as experiências atuais de racismo dos entrevistados, mas também que as entrevistadas criem uma *gestalt* sobre a realidade do racismo em suas vidas. Possibilitando a reconstrução da experiência negra dentro do racismo (Kilomba, 2019, p.85).

Apesar de não tratar diretamente do racismo ao longo da análise das entrevistas e sim da possibilidade de transformação do docente ao longo da sua trajetória no magistério em diálogo constante na EJA, a abordagem utilizada por Kilomba me ajudou a compreender outras narrativas que também possibilitaram docentes contarem suas trajetórias e experiências que também os transformaram a partir da educação.

A forma como Grada Kilomba fala sobre a narrativa biográfica me chamou bastante a atenção, pois não foca diretamente nas perguntas pré-selecionadas diretivas, mas na não diretivas, deixando o entrevistado mais à vontade para narrar sua trajetória e a partir dessa fala reconstruir de que forma a branquitude de forma constante age no cotidiano da prática escolar



e como o professor consegue agir para “transgredir” (parafraseando bell hooks<sup>32</sup>), esse cotidiano e trazer abordagens que possam dialogar com o estudante da EJA sem estar tão distante da sua realidade.

Outro autor que me possibilitou usar a narrativa para análise foi o educador Paulo Freire ao ler trechos de seu livro: *Por uma pedagogia da pergunta*<sup>33</sup>. Esse livro rompeu com o formato individual da escrita para contar a vida de Paulo Freire e do chileno Antonio Faundez, em um diálogo narrativo da vida de ambos durante o exílio através de perguntas e respostas. Foi um dos primeiros livros lidos no meu início do mestrado no ProfHistória que eu não tinha lido antes e nem conhecia.

### **3.2 A trajetória dos professores entrevistados, suas lutas e o que esperavam do PEJA: o acolher e o afeto com os estudantes.**

Para mim, ser professor na Educação de Jovens e Adultos é um desafio que nos leva a refletir sobre a vida e também um espaço de grande privilégio, pois os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno; a baixa autoestima decorrente das trajetórias de desumanização; a questão geracional; a diversidade cultural; a diversidade étnico-racial; as diferentes perspectivas dos alunos em relação à escola; as questões e os dilemas políticos da configuração do campo da EJA como espaço e direito do jovem e adultos, principalmente os trabalhadores. Mas também como sujeitos de saberes, de leitura de mundo, de valores e experiências variadas de luta, de resistência, de sobrevivência, de transgressão àquelas/es que dizem que elas/es não vão conseguir.

Tudo isso em um espaço de diálogo permanente e constante em sala de aula permite uma troca intensa entre o docente e o discente, possibilitando novos olhares e novos aprendizados.

O professor da EJA tem um papel especial, pois busca repassar para os discentes temas que eles gostam fazendo com que ocorra a participação e chame a atenção do aluno para o assunto abordado. O educador faz com que os alunos se sintam indivíduos importantes dentro

---

<sup>32</sup> Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283 p.

<sup>33</sup> Freire, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta** / Paulo Freire, Antonio Faundez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

da sociedade exercendo o seu papel de cidadania e isso refletirá na sua autoestima. Para que isso ocorra, o espaço de diálogo é muito importante. Além de palestras e oficinas que são realizadas com o intuito de desenvolver a informação, o senso crítico e reflexivo do aluno. Sempre com esse objetivo de participação ativa do discente, pois acreditamos em uma educação compreendida como instrumento a serviço da democratização, no diálogo, para formar indivíduos participantes em todas as áreas da vida, não só no espaço escolar.

Compreender o indivíduo como um ser histórico e, portanto, capaz de construir sua história participando ativamente com os outros no mundo, tendo consciência que a escola não é a única responsável pelas transformações da sociedade, pois muitas vezes ela é orientada para a manutenção das estruturas sociais e econômicas dominantes, que impedem a transformação. Por isso a importância do espaço de diálogo, da discussão e do debate constante.

Nesta parte da pesquisa, escolhi duas entrevistas com professores que atuam no PEJA como professores de história e geografia. Escolhi a entrevista por ser uma técnica de investigação empírica que permite maior aproximação do sujeito, visando a compreensão de atitudes, valores e sentimentos que guiam comportamentos.

Ouvir o docente e buscar compreender os significados atribuídos à própria prática pedagógica e à transformação que essa possa causar tanto na vida profissional quanto na vida pessoal desse docente exige um contato mais próximo com esses sujeitos. Por meio dessa técnica, pude aprofundar respostas importantes, contextualizar a fala dos docentes, além de ter acesso à espontaneidade própria de cada um deles nas entrevistas no seu ambiente e na possibilidade da interação, tão trabalhada na Educação de Jovens e Adultos.

Pela dificuldade de tempo e disponibilidade a partir das distâncias e das poucas escolas de EJA, optei por me concentrar em duas entrevistas. Gostaria de ter feito mais uma, em especial, com alguma professora.

Na primeira entrevista com o professor 1 utilizei uma entrevista semiestruturada com algumas perguntas pré-estabelecidas (roteiro em anexo) o que me fez ficar mais engessado, direcionando mais as respostas. Já na segunda entrevista, utilizei o conceito que a escritora e psicóloga lisboeta Grada Kilomba traz sobre as narrativas vivenciais, que seriam narrativas autobiográficas, experiências subjetivas, possibilitando o poder de contar suas próprias histórias através de suas próprias palavras.

A entrevista apesar de levar pouco mais de 40 minutos, foi uma narrativa autobiográfica da trajetória do professor 2 desde a infância em Minas Gerais ao encontro da EJA através de um noticiário do jornal de concursos e empregos, a Folha Dirigida, que na minha adolescência era um dos poucos jornais que trazia notícias de concursos e vestibulares.

Analisando as falas dos dois professores entrevistados que atuam na EJA e levando em conta que a fala carrega em si a ideia da necessidade de coerência entre o que se realiza praticamente e o que se prega, como nos ensina Paulo Freire: “É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática” (Freire, 2006).

### 3.2.1 Entrevista com o professor 1, uma trajetória de vida e uma experiência de luta

Pensando como seriam as entrevistas com professores da EJA Rio, comecei fazendo uma delas com o professor do PEJA da escola em que trabalho na modalidade regular do ensino fundamental da própria SME RJ. Apesar de ele também trabalhar no PEJA há 10 anos, não tive nenhum contato antes com o professor 1, nem em capacitações do PEJA, que são muitas, mesmo estando a minha escola muito próxima do PEJA dele e pertencermos a mesma Coordenadoria de Educação (CRE), sendo que a minha se localiza em Ramos e a dele, em Olaria.

Não foi simples construir um roteiro de entrevista que contemplasse satisfatoriamente os aspectos que pretendia investigar. Aqui, para a elaboração do roteiro, a construção das perguntas surgiu a partir da minha própria vivência no PEJA e o quanto essa modalidade me transformou como pessoa e como docente em relação à minha visão de mundo a partir de então. Considerando se tratar de uma proposta de entrevista aplicada a partir de um certo número de perguntas abertas, enquadra-se na classificação entrevista semiestruturada.

O professor 1 era professor do PEJA noturno da Escola Municipal Brasil (infelizmente durante a entrevista a escola ainda possuía o PEJA, mas este PEJA foi fechado em março de 2024) e trabalhava lá desde 2009, bem próximo do momento em que comecei a trabalhar no PEJA da Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega, no início de 2012.

Antes dessa entrevista, tivemos várias oportunidades informais em que conversamos sobre o PEJA e sobre nossas relações com os estudantes, assim como dos nossos trabalhos desenvolvidos nesta modalidade. Conversamos sobre possíveis capacidades críticas e reflexivas feitas em sala com os alunos que possibilitam a contribuição para uma formação cidadã desses alunos do PEJA.

A entrevista com o professor 1 foi realizada no dia 30 de junho de 2023 e durou aproximadamente 34 minutos. Foi feita durante o intervalo entre o primeiro e segundo turno. O

professor 1, além de trabalhar no PEJA noturno, é professor de Geografia 40h no regular da mesma unidade escolar, como mencionado.

Eu desejava, à princípio, fazer essa entrevista que fosse fora do espaço escolar, evitando uma certa formalidade e para que a conversa pudesse ser mais descontraída, assim como foram nossas conversas tanto na sala dos professores quanto nos almoços em comum perto da escola.

Essa tentativa de uma entrevista mais solta acabou não ocorrendo, pois tanto eu quanto o professor acabamos almoçando dentro da escola. Isso refletiu um pouco nas falas mais formais durante a entrevista. Ressaltando que ambos, eu e ele, não tínhamos nenhuma experiência nesse tipo de conversa, mas ele sabia que era para um trabalho do meu mestrado. Isso acaba tendo um impacto mais formal na escolha das respostas.

Encontrar um lugar adequado e com um certo silêncio dentro de um ambiente escolar foi o primeiro desafio da entrevista. A hora que isso seria possível era somente na hora do almoço, entre o primeiro e segundo turno (que dura mais ou menos 1h40min) e dentro desse intervalo, teríamos que almoçar e depois arrumarmos uma sala para nossa conversa, o que pareceu ser um segundo desafio, pois era o momento em que os funcionários da limpeza entraram nas salas para efetuar a limpeza para que o outro turno entrasse com as salas limpas.

Assim, tendo pouco tempo para a entrevista, já que era também uma hora para descanso. Ambos estávamos dando aula desde as 07h30. Além disso, ainda iríamos trabalhar a tarde e à noite, no PEJA.

Sentamo-nos em uma sala da escola e apesar de eu ter feito um roteiro de perguntas, eu acabei não seguindo a ordem das perguntas como eu desejava e acabei misturando algumas delas, o que foi deixando o professor Carlos mais à vontade, possibilitando um clima mais informal.

Falar sobre a própria prática pedagógica e o modo como essa interfere no aprendizado do aluno e na transformação do ser docente não é uma tarefa fácil e pode provocar reações intensas e contraditórias nos participantes. Tendo isso em vista, parece fundamental oferecer ao sujeito que fala um ambiente acolhedor, de modo que a entrevista se destaca como técnica que possibilita esse acolhimento, dada a relação pessoal cara a cara, bem como permite que dificuldades e resistências decorrentes dessas reações, possam ser adequadamente trabalhadas e analisadas.

Entretanto, o silêncio que queríamos não aconteceu por completo, pois o barulho das crianças entrando e saindo na escola e andando pelos corredores por causa da troca de turno e do almoço atrapalhou um pouco nossa conversa. Além disso, alguns alunos entram em sala antes do horário para guardarem suas mochilas, o que nos interrompia, às vezes. Lembrando

que o espaço escolar é feito de conversar e diálogos e não um quartel que deveria permanecer em silêncio o tempo todo.

Um detalhe que é bom mencionar é que o professor 1 não é formado em História e sim em Geografia (na EJA da cidade do Rio de Janeiro, o(a) professor(a) ministra tanto Geografia quanto História, então a formação desse profissional pode ser tanto de História como de Geografia). Isso me fez lembrar das minhas aulas de Estudos Sociais durante o período escolar do ensino fundamental e depois OSPB durante o ensino médio, na fase final da ditadura militar. Resquícios desse tempo?

Depois de explicar o contexto em que a conversa ocorreu, vou entrar na entrevista propriamente dita. Começamos a entrevista com os dados mais formais do professor 1.

Ele se formou em 1997, em Geografia, e já, em 1998, com uma matrícula na SEEDUC RJ (Secretaria de Educação do estado do Rio de Janeiro) começou a lecionar:

Na verdade, quando eu entrei para o estado, eu trabalhei à noite também numa antiga escola estadual de ensino supletivo. Eu trabalhei de 98 até mais ou menos 2007 até aqui na escola Berlim que era do estado à noite. Aí depois eu pedi exoneração quando eu peguei uma outra matrícula na prefeitura e parei de trabalhar à noite. Mas aí depois eu fui para o Peja. Eu fui para o Peja acho que 2008 2009 mais ou menos, é 2009 por aí. Primeiro na escola Herbert Moses e depois quando apareceu uma vaga aqui na escola Brasil vim para cá e já estou direto deste então.

Essas perguntas iniciais demoraram pouco mais de 5 minutos e foram mais formais. Ele relatou que ainda na universidade, já estagiava sozinho e logo que se formou, começou a trabalhar.

A vivência no supletivo do estado é interessante, pois quando o professor 1 entra no município do Rio de Janeiro e depois passa a atuar no PEJA, ele demonstra que já tinha alguma experiência com a Educação de Jovens e Adultos. Assim, ao ser perguntado sobre sua experiência no supletivo do estado o ajudou quando ele entrou no PEJA e se ele conseguiu perceber se houve alguma semelhança ou diferença depois entre o EJA do estado e o PEJA do município, o professor comentou:

No supletivo do estado, o aluno fazia em um semestre, ele fazia uma série do fundamental. Então, em 2 anos ele terminava o fundamental. Já aqui no PEJA é trimestre né, têm as UP's (unidades de progressão), existe toda uma questão diferente de organização, mas em relação a recuperar esse tempo perdido tudo é mais ou menos parecido.

Relatou também a forma conteudista do estado em relação ao município e frisou que a tentativa de recuperação do “tempo perdido” era muito semelhante.

Interessante como o professor menciona sobre essa modalidade de Educação de Jovens e Adultos como uma recuperação do “tempo perdido”. A ideia perpassa o senso comum e, muitas vezes, é reproduzida pelos próprios alunos, de que o tempo que o estudante ficou fora de sala de aula foi um tempo perdido.

Segundo Paulo Freire, em uma perspectiva pedagógica dialógica e democrática, nenhum tempo é “perdido”, pois cada tempo possui sua própria aprendizagem. Paulo Freire traz um conceito, o conceito de “saber de experiência feito”. Esse conceito de “saber de experiência feito” se refere exatamente aos saberes acumulados pelos estudantes fora do espaço escolar, que devem ser valorizados e celebrados ao longo do processo pedagógico, sem ser menosprezados como inferiores ao saber científico. Para Freire,

possivelmente foi a convivência sempre respeitosa que tive com o “senso comum”, desde os idos de minha experiência no Nordeste brasileiro, a que se junta a certeza que em mim nunca fraquejou de que sua superação passa por ele, que me fez jamais desdenhá-lo ou simplesmente minimizá-lo. Se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do “senso comum”, também não é possível aceitar a prática educativa que, zerando o “saber de experiência feito”, parta do conhecimento sistemático do(a) educador(a) (Freire, 2008, p. 58-59).

Aqui cabe fazer alguns desdobramentos em relação a uma diferenciação entre supletivo e EJA. Apesar de haver uma semelhança entre EJA e supletivo, o termo supletivo dava a ideia de uma complementação dos anos que não foram concluídos. Já a EJA é mais apropriada para quem está voltando a estudar depois de uma certa idade. O termo revela, portanto, uma abordagem diferenciada dos professores e do próprio conteúdo. O objetivo principal da Educação de Jovens e Adultos é democratizar o acesso à educação, facilitando o retorno aos estudos para pessoas de diferentes idades e classes sociais.

Hoje tanto o estado quanto o município oferecem a EJA como modalidade. O estado para o ensino médio (mantendo o nome EJA mesmo) e o município para o ensino fundamental (como o nome de PEJA).

Como o professor já tinha tido uma experiência com EJA, eu perguntei a ele se houve alguma mudança quando de seu início na EJA da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A sua resposta foi mais demorada, levou uns 4 a 5 minutos:

Então, aqui na escola municipal Brasil, a gente teve ao longo desse tempo trabalhando, períodos diferentes em relação à questão dos alunos. A gente teve aqui no início um número significativo de alunos do CRIAAD, alunos que acabavam dando um pouquinho assim de dificuldade para a gente trabalhar e tudo. Mas a gente sempre teve aqueles alunos *mais velhos* com muito interesse, então, pelo contrário eles sempre facilitaram o nosso trabalho, sempre ajudaram o nosso trabalho. Alguns alunos com necessidades especiais, mas que tem muita vontade de aprender também. Agora já

tenho alguns anos que a gente acabou tendo uma diminuição aqui no número de alunos do CRIAAD, o que melhorou muito, ficou muito melhor. O mais difícil foi lidar com um número grande de alunos do CRIAAD durante um período.

O professor citou o CRIAAD em sua resposta. O Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente (CRIAAD) é uma unidade para cumprimento de Medida Socioeducativa de Semiliberdade do Departamento Geral de Medidas Socioeducativas – DEGASE RJ. Ele fez uma crítica a inclusão forçada pela justiça dos menores daquela unidade na EJA. Disse que eles atrapalhavam muito a aula e que as aulas melhoram muito com a ausência deles na escola.

Aqui eu discordo dele, pois para mim, independentemente de onde estão vindo, qualquer aluno tem direito à educação e uma possibilidade de reabilitação para integrar-se novamente à sociedade. Por ser uma modalidade de ensino com foco na juventude e na idade adulta, ela busca restaurar o direito ao acesso à educação e à aprendizagem violados durante a infância e a adolescência, um dos principais causadores dos índices de analfabetismo no Brasil.

Esse momento foi o mais tenso da entrevista, na troca de olhares e posições do corpo na cadeira. Percebi ali que ele não gostou muito da minha reação e divergência. Mas depois, com a continuidade da entrevista, a normalidade e a descontração voltaram.

A EJA nos proporciona esse tipo de divergência sem ódio, sempre o intuito é de aprendizagem e conhecimento, mesmo tendo uma divergência do nosso próprio pensamento em relação ao do outro. Assim, ao final, chegamos, eu e o professor I, à conclusão de que há uma necessidade urgente de desenvolvimento de políticas públicas que atendam o público da EJA de forma diferenciada, compreendendo suas especificidades.

Na EJA do município, o professor 1 relatou que vivenciou muito mais presente a vivência do aluno da sua experiência e o afastamento do conteúdo curricular dessa sua vida. Isso é marcante para o professor 1 que passou a discutir e a refletir com seus alunos os problemas presentes na sociedade, entre os assuntos, o racismo é um exemplo, fazendo ele e seus alunos tornarem-se agente de mudança e transformação. Assim, o PEJA apresenta possibilidades que não se limitam às especificidades da sua modalidade, podendo inspirar estratégias de ensino em toda a educação.

Isso fica claro na sua fala quando perguntado sobre se existe alguma diferença entre os alunos do regular e os alunos da EJA, tanto quanto à heterogeneidade quanto às idades. Professor 1 falou:

Existem diferenças significativas, mas eu acho que sempre para o lado positivo, porque acho que é aquela dificuldade que aquele poder que o aluno permite pensar

que vai encontrar, ele não encontra. A gente pode de repente não aprofundar tanto o conteúdo devido à turma não ser muito homogêneo né, já que a gente tem alunos com diferentes níveis. Esta heterogeneidade, pode ser até um ponto que dificulta, mas tem tantos pontos positivos que isso daí acaba se diluindo dos pontos negativos e, sem contar que a gente pode contextualizar trabalho. Os alunos têm uma bagagem de vida, uma bagagem cultural que facilita muito a gente trabalhar diversos temas. Com certeza a aula aqui é uma aula muito humana. A gente está lidando com temas ligados à vida das pessoas, a gente olha, a gente lembra do nosso passado, a gente lembra da nossa história, da nossa trajetória toda e isso faz com que a gente não nunca esqueça da nossa trajetória para a gente valorizar o que a gente tem, tentar melhorar mais ainda, a gente cresce. Os alunos aprendem, a gente aprende muito com eles, alunos aqui angolanos, alunos aqui que trabalham em diferentes atividades econômicas e que contam suas experiências.

É muito interessante essa fala do professor, pois ele não traz apenas a questão social do aluno, muitas vezes numa visão negativa, e sim, uma visão positiva desse aluno que traz além da questão da vulnerabilidade social e econômica, a sua bagagem de vida e sua história como marcas de experiência.

Ele fala do sentimento, da vivência desses alunos que, muitas vezes, são compartilhadas e se assemelham muito com as nossas próprias experiências. Experiências essas da construção do humano, da construção da nossa identidade. Essa construção da identidade é um processo multifatorial, onde as experiências de vida vão criando quem somos e que vai condicionar ou influenciar todas nossas experiências posteriores.

Também julgo interessante essa abordagem do professor 1, pois a construção da identidade docente se constrói a partir dessa troca, dessa vivência aluno-professor, como o professor falou: *Os alunos aprendem e a gente aprende muito com eles.*

Essas experiências individuais e coletivas com a sala de aula, na escola e fora dela, assumem assim o lugar de objeto investigação o tempo todo nessa pesquisa e são de grande importância para que eu possa responder o seguinte problema: qual a relação entre as experiências de vida e a formação da identidade docente?

Na entrevista com o professor 1, ele mostra nas suas falas o quanto o PEJA nos modifica como docentes, assim como nos faz refletir o tempo todo sobre nossas falas e atitudes.

Apesar do professor ter tido uma experiência anterior no supletivo do estado e de toda a sua trajetória de vida, ele, na sua fala, mostrou o quanto a EJA do município o fez e o faz refletir sobre sua visão de mundo e suas práticas pedagógicas. Penso que isso tem muito a ver com o público presente nessa modalidade: uma diversidade e heterogeneidade muito grande.

Isso pode, à princípio, causar um certo estranhamento, até porque eu e professor 1 somos da geração dos anos 70, 80 do século XX, ainda durante o período autoritário do regime civil militar que perdurou de 1964 a 1985. Essa nossa geração, em sua maioria, foi educada em



escolas públicas e privadas, mais afeita ao ensino bancário, homogêneo. É aí que está nossa transformação pela educação, pois não estamos reproduzindo conforme aprendemos, mas construindo novas formas de interação que nos transforma como docentes, provocando mudanças em nós mesmos e na sociedade, em especial, no nosso local de trabalho que é a escola.

O que foi falado no parágrafo anterior não parece tão simples assim. Pois, mesmo sendo ambos formados em Ciências Humanas, isso não nos impede de termos sido reacionários e conteudistas, como ainda os são vários colegas. Muitos desses, por desconhecerem o papel da escola pública e, principalmente, do papel importante da EJA para o público que ela abarca, desconsiderando as realidades sociais em nosso país, a desigualdade racial, econômica e de gênero aparece também no perfil das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), majoritariamente compostas por pessoas negras e trabalhadoras.

Fazendo com que, infelizmente, ainda hoje, alguns colegas discordem da implantação da EJA na cidade do Rio de Janeiro, como eu já ouvir de uma colega: "É uma perda de tempo o estado gastar com essas pessoas em vez de aumentar nosso salário". Esquece ela que a EJA é uma modalidade de ensino que cumpre um dever legal do Estado e, por conseguinte, não deve ser vista como filantropia ou "ação social". Esquecem essas pessoas que a EJA desde a Constituição Federal de 1988, a legislação prevê o direito à educação para toda a população, inclusive para aquelas pessoas que não tiveram acesso à escola em idade apropriada, na infância ou na adolescência.

Com base nisso, a importância é cada vez maior para trazer não só a necessidade de avanços no campo da EJA e o quanto essa modalidade transforma não só o aluno, mas também o docente e sua maneira de ver o mundo e as pessoas, como mudou e tem mudado a minha visão e meu olhar sobre o mundo.

Isso fica mais vívido com os relatos do professor 1 ao falar do seu aprendizado na EJA e o quanto isso também o faz refletir sobre sua prática docente quanto sobre seu olhar sobre o mundo a partir da sua vivência na modalidade EJA:

A gente valoriza mais os momentos. Às vezes, uma coisa simples, eles têm uma alegria tão grande de comemorar, às vezes, um aniversário de alguém. Mesmo com todas as dificuldades, eles são felizes, alegres. Às vezes, a gente fica em casa chateado com uma coisa tão pequena e aí depois você está indo embora, você pega o seu carro vai embora, você encontra assim na mesma rua mais ali a frente, eles indo feliz comemorando alegres, segurando suas bolsas e suas coisas. Se fosse a gente que estivesse indo embora andando pegando o ônibus, a gente ia sair dali chateado.

É interessante a fala do professor 1 sobre a felicidade, sobre os momentos felizes de um simples aniversário comemorado pelos alunos. O quanto os alunos trazem de leveza e agregam alegria nas suas atividades. Isso constrói a nossa identidade que está sempre em construção. A identificação acaba influenciando o conteúdo, dando um significado novo as práticas pedagógicas e dando um significado melhor as nossas vidas, possibilitando novos olhares, novos horizontes, novas vivências históricas. São formas de resistência e existência e isso é potencializado pela EJA, que os permitem a fala e a escuta dos alunos e alunas.

O que se percebe durante a entrevista com o Professor 1 é que a branquitude, que nos atravessa tanto a ele quanto a mim, por sermos vistos fenotipicamente como brancos e por nos percebemos como tal, acaba nos dando consciência dos nossos privilégios e nos tirando da zona de conforto. Mesmo ainda sendo insuficiente como aliados brancos na luta antirracista, saímos da zona de conforto, essas experiências com os alunos da EJA fazem com que percebamos que não adianta se somente falar "eu não sou racista", é necessário agir contra o racismo. Esse agir tem sido agregado pela troca de experiências com os discentes que nos ensinam muito mais do que eles pensam.

### 3.2.2 Entrevista com o professor 2, uma trajetória de vida de Minas Gerais ao Rio de Janeiro e seu encontro com a EJA e depois com o PEJA

A entrevista com o professor 2 deu-se não pessoalmente, mas através do aplicativo de reunião muito utilizado no período mais crítica da pandemia do Covid 19 (entre 2020 e 2021), o *Zoom*. Devido ao tempo nas diversas escolas, optamos pelo aplicativo.

Diferentemente do professor 1, que trabalha comigo no diurno, eu não tinha tido nenhum contato com o professor 2 a não ser em capacitações e festas do PEJA em comum. Nunca fomos apresentados e apenas nos cumprimentávamos.

Geralmente, a 4ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação) realiza uma festa junina na EM Suíça anualmente como uma forma de aproximar as escolas da EJA e seus respectivos alunos. As escolas de EJA da 4ª CRE vão para esse evento, que é muito aguardado pelos professores e pelos alunos. Momentos de lazer, de contato e troca de experiências e vivências, deixando o isolamento da escola e aproximando as escolas de vários bairros.

Anualmente também ocorre o Encontro de Alunos da 4ª CRE, geralmente no mês de junho. Em 2024 ocorreu o XVIII Encontro de Alunos na EM Mario Kroeff. É uma prévia do

que vai ser exposto no EXPOEJA, que ocorre anualmente no mês de novembro, com toda a rede da EJA da SME RJ.

Figura 1 - Chamada para o XVIII Encontro de alunos e alunas da EJA Rio 2024



Fonte: O autor, 2023.

Figura 2 - Faixa do XVIII Encontro de alunos e alunas da EJA Rio 2024



Fonte: O autor, 2023.

Figura 3 - Trabalho sobre a luta Antirracista



Fonte: O autor, 2023.

Figura 4 - Trabalho sobre o ECA e a Lei Maria da Penha



Fonte: O autor, 2023.



Figura 5 - Trabalho em cartolina sobre a Cidadania e Democracia



Fonte: O autor, 2023.

Figura 6 - Trabalho em cartolina sobre o Estatuto da Juventude



Fonte: O autor, 2023.

Figura 7 - Trabalho em cartolina sobre projetos de participação cidadã



Fonte: O autor, 2023.

Também há o FALAPEJA que ocorre nas escolas possibilitando a troca de escuta entre os estudantes nas escolas e a troca de escuta através de trabalhos apresentados pelos professores durante uma semana, geralmente no mês de outubro de cada ano. A partir dessa atividade que também nos aproximamos mais dos discentes, pois além do espaço de diálogo nas salas, há uma semana dedicada a ouvir tanto o discente nas escolas quanto os docentes na CRE junto a outros docentes, que mostram o trabalho que desenvolveram nas suas escolas.

Figura 8 - Chamada do VII FALAPEJA 2023



Fonte: O autor, 2023.

Figura 9 - Cartaz com o tema do VII FALA PEJA



Fonte: O autor, 2023.

Além dessas atividades, também anualmente, ao final de novembro de cada ano ocorre o EXPOEJA (Exposição de trabalhos dos PEJAs), que reúne, ou no prédio da sede da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro ou no clube dos servidores, ao lado do prédio da sede, todos as escolas das 11 coordenadorias de educação da prefeitura, que apresentam por CRE trabalhos desenvolvidos pelos alunos durante o ano letivo.



Figura 10 - Chamada para o XXIV EXPOEJA 2023



Fonte: O autor, 2023.



Figura 11- Banner com o tema da XXIV EXPOEJA



Fonte: O autor, 2023.

Figura 12 - Banner sobre Respeite a minha voz



Fonte: O autor, 2023.

É uma festa de muita cultura, de música, de poesia, de fotos, principalmente, de aproximação e troca de experiências. Reúne todas as escolas de EJA do município do Rio de Janeiro em um só lugar.



Figura 13 - Trabalho Costurando Identidades



Fonte: O autor, 2023.

Figura 14 - Painel de Entrada do EXPOEJA 2023



Fonte: O autor, 2023.

Figura 15 - Trabalho sobre Varal de Personalidades Negras



Fonte: O autor, 2023.

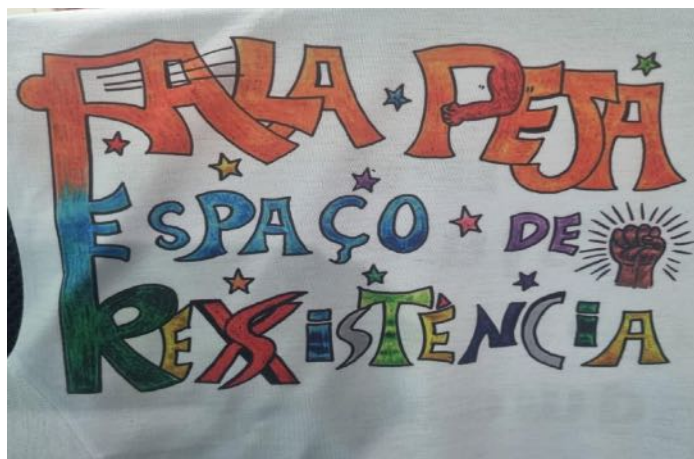
Foi do FALAPEJA de 2023, ocorrido em novembro de 2023 que conheci a história do professor 2. Ele se apresentou no dia em que fui liberado pela escola para participar do evento.

Nesse encontro, o professor contou sua história de vida e de como chegou ao PEJA, além do trabalho desenvolvido com os estudantes de sua escola através de autobiografias. Interessante que mesmo sem contato, minha escola também trabalhou durante o ano a escuta e foi elaborado no final um livro com fotos e a autobiografias dos estudantes, onde muitos destes contaram suas trajetórias de dificuldades para se chegar à escola e ao PEJA, depois de anos fora do espaço escolar ou outros que nem sequer havia tido a possibilidade de frequentar uma escola.

Também foi nesse encontro do FALAPEJA 23 que entrei em contato com o professor 2. Falei-lhe do meu objetivo no mestrado, que achava muito interessante a história dele e que gostaria de poder conversar para trocarmos experiências, além de saber como ele, professor de história, a partir de sua vivência, dialoga pedagogicamente com os estudantes da EJA, assim como foi e está sendo esse processo de vivência.

Este ano o FALAPEJA tem como lema a (Re)xistência e a (Re)sistência. E isso só é possível pela abertura dada pela Lei 10639 de 2003 e os movimentos de ouvir e escutar os discentes dentro e fora do espaço escolar.

Figura 16 - Chamada do VIII FALAPEJA



Fonte: O autor, 2023.

Fizemos essa entrevista no dia 22 de novembro de 2023, três meses depois da primeira entrevista com o professor 1 e uma semana depois do FALAPEJA, às vésperas do fechamento do ano letivo e na correria das atividades escolares entre avaliações e conselhos de classe, entre formaturas e despedidas. Todo mundo no limite e já muito pelo ano letivo. Porém, isso não afetou a entrevista.

Foram quase 40 minutos de um bate-papo, mais do que uma entrevista, uma conversa solta e alegre, além do professor ser um exemplo de vida e de otimismo.

Ele começa contando de sua saída da cidade onde nasceu no sul de Minas Gerais, aos 14 anos de idade, com objetivo de ser padre. Assim, ele fala:

Eu morava lá na cidade de Lavras no sul de Minas Gerais. Uma cidade de 4000 habitantes. É interessante que esses dias agora, eu levei as minhas filhas lá. Eu falei: aqui nessa casinha que papai morava. Para elas entenderem e aí para ver onde é que a memória pode ir [...] eu saí muito cedo de casa. Porque uma das questões que fez com que eu saísse de casa foi que em algum momento da minha vida, lá pelos 13, 14 anos eu decidi que eu queria ser padre, né? Com 14 anos de idade eu já saí de casa e nunca mais voltei. [...] sempre toquei minha vida independente. E aí, o que acontece? Uma das características assim que é marcante na minha história é a questão toda da pobreza.

Sua trajetória diz muito e se assemelha muito com a trajetória de alguns dos nossos estudantes da EJA. Como é o caso da estudante MAC, de 61 anos:

Meu nome é MAC, nasci em Natal no RN e vim para o Rio de Janeiro adolescente com 14 anos e sozinha para trabalhar. A minha família é adotiva e mora longe. As coisas que mais marcaram a minha vida foram aprender a ler e a escrever e o falecimento do meu filho. Hoje eu agradeço a Deus por ter aprendido a ler e a escrever e quero me formar no ensino médio.



Essa fala é bastante potente e mostra a importância da educação de jovens e adultos, pois a aluna buscou a escolarização justamente para poder se sentir pertencente a sociedade, para saber usar as letras e palavras para se comunicar de modo mais efetivo e satisfatório. Mesmo com perda do filho, ela agradece por aprender a ler e escrever, além de manter o objetivo e o sonho de concluir o ensino médio. A dor da distância da família e a perda do filho não a limitou ou a paralisou. E mesmo entre a dor da perda do filho e a alegria de aprender a ler e escrever, ela cita esses dois fatos como marcos em sua vida. Mostrando que a dor e alegria está em cada um de nós e em nossas escolhas de nos paralisar ou nos movermos para frente. Isso se assemelha com a partida do professor 2 de sua saída de Minas Gerais (MG) para o Rio de Janeiro (RJ).

Voltando a entrevista com o professor 2, eu estava mais consciente das falhas na primeira entrevista e tentei deixar o entrevistado mais à vontade, seguindo o conceito da Grada Kilomba sobre a entrevista não diretiva. Até porque eu o havia escutado lá no FALAPEJA e queria que ele contasse como foi sua trajetória sem intervenções minhas, uma narrativa biográfica. Ele contou o quanto a educação foi a grande responsável pela magia em lapidar, aprimorar, revitalizar, apresentar novos caminhos ao longo da sua trajetória de vida. Para ele o processo de transformação pela educação ainda está em curso, pois jamais está pronto, acabado. O processo, segundo ele, é interminável, ou, ao menos, assim deveria ser.

A aproximação das ideias minhas com as dele foi rapidamente acionada. A identificação foi rápida, apesar de eu nunca ter saído do meu estado em busca de uma vida melhor. Apesar da minha trajetória não ter sido de separação, distância e muitos obstáculos, mas sim de muitos privilégios. Mas não isenta de dores, de perdas e de conquistas, de alegrias. Hoje, a partir da vivência em sala de aula, consigo entender bastante com o professor e suas escolhas. A questão central da minha pesquisa e escrita é justamente refletir sobre esse processo de encontro na educação que desarticula lugares sociais de classe, raça e gênero. Aqui, a referência a Paulo Freire é central, pois o diálogo de fato transforma educadores e educandos.

O professor cita sua visão otimista de vida:

Todos nós somos agraciados por uma jornada em particular nesse caminhar rumo à felicidade. Não existe jornada fácil, tranquila, porém, ela precisa ser enfrentada individualmente, na maior parte do tempo. Como verá na nossa conversa que um pouco de intuição, de fé, de criatividade, de motivação, de insistência, de persistência, de algum modo, fez toda a diferença para que eu chegasse até aqui.

Essas palavras se assemelham muito com que escuto de alunos e alunas do PEJA. O que chama muito atenção é o lugar da felicidade como horizonte de realização da vida e relembra a

admiração do Professor 1 pela alegria de sua turma ao voltar para casa depois de uma aula. O objetivo não é apenas trabalhar ou estudar, mas encontrar um caminho. As qualidades para seguir o caminho talvez já seja a própria felicidade. Palavras como insistência, persistência estão vivas a todo momento também na luta diária dos alunos da EJA, como relato da aluna M.A.M.:

Nasci na roça no município de Recife no Estado de Pernambuco no dia 16 do mês de outubro do ano de 1964. Minha infância foi difícil pois fui criada sem pai e nem mãe. Fui criada pela madrastra da minha mãe. Tive que trabalhar desde cedo nas casas de família. Minha adolescência foi trabalhando para sobreviver. Minha família é pequena e unida moramos próximo e não nos encontramos com frequência, só em festas quando convidam. As coisas que marcaram a minha vida foram o nascimento do meu filho e da minha filha. Minha trajetória escolar foi com muita dificuldade pois não tinha horário para continuar. Agora está mais fácil, pois consigo conciliar o trabalho com os estudos. Hoje me defino como uma guerreira. Porque lutei para chegar até aqui e continuo lutando. Para o meu futuro espero ser uma pessoa melhor, ter mais conhecimento e ter uma vida melhor. Meu sonho é ler e escrever melhor e vencer na vida profissionalmente.

Eu conversando com o professor, percebi na sua fala o quanto ele se identifica com os alunos a partir da sua trajetória da sua própria trajetória, das dificuldades encontradas na sua vida, bem parecidas com as dificuldades relatadas por muitos alunos da EJA: separação da família, buscar outro lugar para seguir e caminhar para ajudar a família, muitas vezes sozinho/a.

Ele conta o processo que percorreu desde a pobreza extrema, passando pela necessidade de procurar materiais recicláveis nos lixões de Lavras – MG, até se tornar professor na cidade do Rio de Janeiro. Jamais se contentando em viver uma vida limitada, apequenada.

A fala do professor me remete a Paulo Freire quando este se coloca como aprendiz da própria experiência e chama a atenção ao processo de ensinar e aprender, propondo refletir as formas de abordagem com os estudantes, trazendo para as discussões a importância de o estudante reconhecer-se como tal e, portanto, compreender sua tarefa no processo de aprendizagem (Freire, 2003).

Para o professor 2, ele teve que aprender a conviver com os seus erros e acertos constantemente. Tento a capacidade de entender que somos humanos e que errar faz parte do processo. Ser inflexível ou agir como carrasco de si mesmo pode levar para caminhos extremamente sombrios. Com este pensar que ele acredita que, pedagogicamente, acaba passando para os seus estudantes da EJA. Ainda cita:

Não há uma receita de bolo para o sucesso e muito menos para a felicidade. Cada um de nós terá que encontrar o caminho, a trajetória por si mesmo dentro da sua realidade.

Não temos uma bola de cristal com as respostas certas, muito menos com as escolhas adequadas... No jogo da vida, errar e acertar fazem parte das jogadas.

O professor 2 continua, com seu otimismo, dizendo ainda sobre sua trajetória, que o medo existe, é real, e está sempre por perto. Ele está com ele há todo momento, e ele é seu companheiro de jornada:

Fiz um acordo com ele: desde que não me impeça de agir, desde que não permita a procrastinação, desde que não me impeça de pensar em novos projetos, desde que a minha vida não fique estagnada na mesmice de sempre por causa dele, eu permito que ele fique por perto. O melhor de tudo, ele aceitou o acordo.

O medo estagna, paralisa. Já senti e sinto isso até hoje. Penso que a trajetória dos estudantes da EJA é marcada por muitos medos, mas que são enfrentados como o acordo feito pelo professor. Cada dia uma luta, como cita um aluno sua trajetória:

Nasci no Rio de Janeiro no dia 30 do mês de agosto do ano de 1965. Minha infância foi muito boa porque eu não tinha muitas responsabilidades. Só trabalhava na obra com meu pai aos 15 anos. Minha família é pequena, mas moramos perto um dos outros nos encontramos apenas nos momentos de dificuldade e gostamos de conversar aos domingos. As coisas que mais marcaram a minha vida até hoje foram minha família, meus filhos e as pessoas que Deus colocou na minha vida. A minha trajetória escolar foi com muita dificuldade, mas eu vou vencer com a ajuda das pessoas que participam comigo aqui juntas. Hoje vou vencendo a cada dia porque não é fácil estar nesse mundo sem luta. Para o futuro espero estar buscando o meu melhor. Os meus principais sonhos são ter uma boa saúde e viver bem. Minhas metas são ter um emprego em que eu me sinta bem de acordo com o meu problema.

Nisso eu penso: qual a diferença entre o aluno não escolarizado e nós, professores, escolarizados? Todos nós estamos sujeitos a determinada dificuldade dentro de um sistema perverso de exclusão da sociedade capitalista e muitas vezes, nossos alunos enfrentam muito mais dificuldades e barreiras do que nós e continuam na sua trajetória, alegres, otimistas e esperançosos. Isso mostra o quanto a interculturalidade e a multiplicidade agregam quando, como professores, estamos dispostos a renunciar a nossas identidades e aprendermos com os alunos sobre outras formas de (re)xistências.

### **3.3 A trajetória dos estudantes do PEJA até chegar à escola e o que esperam dela: o quanto a escola transforma suas vidas**

Esta modalidade de ensino é composta por homens e mulheres com rumos marcados pela falta do espaço escolar em suas vidas ou a necessidade de abandoná-la cedo, pois desde a infância precisaram trabalhar e não tiveram a oportunidade de estudar, mas com as modificações da sociedade eles precisam dar continuidade aos estudos para a busca de emprego melhor. São indivíduos que se sentem inferiorizados pela sociedade, uma vez que não podem participar das práticas sócias que necessitam de escrita e leitura.

Os alunos dessa modalidade de ensino são sujeitos que buscam ensino toda instante para não ficar fora da sociedade e procura esses saberes fora da faixa etária de ensino em razão que não tiveram a oportunidade de buscar na idade apropriada.

Apesar de não possuir os conhecimentos escolares eles têm uma variedade de saberes, que adquiriu no decorrer da sua vida.

Os educandos da EJA na maioria são adultos e são indivíduos que trazem consigo experiências de vida, como filhos, trajetória de trabalho, perdas e ganhos e separações, são pessoas que vivem com exclusões sociais.

Na maior parte dos casos, é o migrante, com passagens curtas e não sistemática pela escola, trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, geralmente após trabalho rural na infância e adolescência. (Leite, 2013).

Leite (2013) menciona que, o fato do aluno que volta à escola, na maioria das vezes eles sofrem restrição, em primeiro momento não se pode estudar, em razão de que, necessitam ajudar a família no sustendo da casa. E quando na fase adulta procura uma escola para voltar a estudar.

É importante mencionar que o jovem e adultos da atualidade necessita concluir o ensino regular, cada vez mais a evoluções tecnológicas e este aluno precisa ser capacitado, pois é cobrado deste indivíduo para que ele seja incluído na sociedade. Atualmente o ensino, o desenvolvimento da EJA está amplamente ligado ao processo de democracia, do direito a igualdade social, do desenvolvimento socioeconômico e político, além dos critérios estipulados como a visão de se viver em um mundo melhor. (Ribeiro, 2001).



Um adulto quando procura uma instituição de ensino, ele não visa apenas aprender a ler e a escrever, ele quer fazer parte de todo o contexto ao qual está inserido e faz parte dele socialmente.

Paulo Freire nos ensina que não se pode ser professor sem que se exponha diante dos estudantes sem revelar em facilidade ou relutância a sua maneira de ser e de pensar politicamente. Não se pode escapar à apreciação dos estudantes. E a maneira como eles percebem os professores tem importância fundamental para o desempenho deles e delas.

Assim, ao contar minha história e os demais colegas as suas, nós professores da EJA nos aproximamos dos estudantes e eles de nós, mostrando que estamos em construção sempre, mesmo estando em posições diferentes em dado momento da vida. A troca de experiências nos dá aprendizado e soma-se aqueles já conquistados, fazendo-nos novos em olhar, em sabedoria, em humanidade.

Que o conceito de interculturalidade crítica<sup>34</sup> levantada por Candau (2008) e pelas professoras Fanny e Miranda (2016), juntamente com pensamento de compreensão e a memória<sup>35</sup> desenvolvidas pelas professoras Helena e Monique (2017), conceitos esses que estão interligados, pois a interculturalidade crítica exige uma compreensão profunda das memórias e das histórias individuais e coletivas, levando a uma maior reflexão sobre as dinâmicas de poder, identidade e relação entre as culturas, possam trazer uma tentativa de diálogo entre diferentes culturas e valores, possam ser também uma possibilidade de construção de alternativas no âmbito da educação, possam colaborar para o enfrentamento das mazelas trazidas pelo pensamento eurocentrado, que reproduz uma falta de afeto nas nossas escolas e na sociedade como um todo. Que suas análises possam produzir de maneira coletiva, instauradora de diálogos e comunicação dialógica, a existência de um outro ativo e concreto, com afeto e sentimentos.

É necessária uma educação para a valorização das relações étnico-raciais não só no papel da lei, mas nas práxis cotidiana da ação pedagógica em sala de aula, no papel do(a) professor(a) que possa afetar a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, a relação com a comunidade, as relações entre os

---

<sup>34</sup> Trata-se de uma abordagem que vai além do simples contato entre culturas, focando nas relações de poder e desigualdade entre grupos culturais. A interculturalidade crítica busca promover uma reflexão sobre as estruturas de opressão e discriminação, favorecendo o diálogo entre diferentes culturas de maneira mais equitativa e consciente.

<sup>35</sup> Esse conceito se refere ao papel da memória na construção da identidade e do conhecimento, considerando a forma como as experiências passadas influenciam as interpretações do presente. A memória não é apenas um repositório de fatos, mas um processo ativo de construção de significados e compreensão, essencial para a formação do sujeito e para a reflexão crítica sobre o contexto social.

próprios professores e professoras etc. Uma educação, como nos diz Candau, para a negociação cultural, orientada à construção de uma sociedade democrática, plural e humana.

## 4 AS ATIVIDADES DISCENTES

### 4.1 Oficinas como lugar de fala e escuta tanto para professores quanto para estudantes

Minha pretensão ao elaborar esta sequência didática sobre a EJA (Educação de Jovens e Adultos) é convidá-los a uma reflexão sobre nossa prática docente, buscando novos caminhos para solucionar os velhos problemas enfrentados na realidade escolar. A transformação do pensamento é essencial, assim como o compartilhamento de conhecimento.

Ao dividir minhas preocupações com outros educadores da EJA, espero contribuir ao oferecer questões a serem refletidas, visando que os objetivos educacionais sejam alcançados de forma adequada e efetiva, resultando em melhorias na qualidade da aprendizagem dos estudantes.

Em nosso dia a dia escolar, trabalhamos com uma modalidade de ensino cuja especificidade é marcada pela diversidade: diferentes perfis de alunos, idades, histórias de vida, aspirações e metodologias. Sabemos também que a nossa formação acadêmica inicial para atuar na EJA (Educação de Jovens e Adultos) é praticamente inexistente, já que apenas recentemente os cursos de Pedagogia passaram a oferecer disciplinas que abordam a temática ensino-aprendizagem de jovens e adultos.

Dessa forma, acredito na importância da troca de experiências com outros educadores. Os saberes (pedagógico - resultantes da prática pedagógica, quanto científicos - referentes às diferentes disciplinas) que cada educador traz são valiosos e devem ser compartilhados. Isso contribui para reflexão e o enriquecimento da prática profissional, tornando o trabalho pedagógico mais eficiente e mais bem preparada para enfrentar a diversidade cultural dos alunos com o objetivo de melhorar a aprendizagem desses estudantes.

Assim, para esta proposta de produção educacional, eu achei interessante elaborar sugestões, embora o material esteja intitulado como cartilha, voltadas aos novos profissionais que ingressam na EJA da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, ou em qualquer outra instituição de EJA. O encontro com a EJA, muitas vezes, gera estranhamento devido à forma como somos graduados, o que não nos permite compreender de imediato o contexto diverso desses estudantes e nos identificar imediatamente com ele.

Eu e meus colegas aprendemos ao longo da experiência e ainda estamos aprendendo como fazer essa troca de experiência, pois a cada novo trimestre ou menos ainda por causa da

matrícula aberta ao longo do ano que muda muitas vezes com a entrada de um ou mais alunos. Tudo é novo no contexto da EJA e novas experiências são colocadas para debate e troca.

A EJA, por diferenciar-se da educação regular devido as suas especificidades, requer um quadro de professores preparados para atuar de forma que não venha apenas suprir ou compensar a escolaridade perdida do aluno, mas como forma de garantir sua permanência na escola e a continuação de seus estudos. Sendo assim, faz-se necessário que a ação docente seja voltada para atender esse diferencial e que a realidade e a subjetividade desses alunos sejam o ponto de referência para a prática docente.

Bem diferente do que acontece durante a chamada modalidade *regular* cujos estudantes estão quase que na mesma faixa etária e, muitas vezes, vieram juntos desde o fundamental I e tem pouca experiência de trabalho, mesmo tendo história e vivência de certas experiências.

Como nos ensina Paulo Freire na obra *Educação como prática da liberdade*: a “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 2015, p.84).

Por exemplo, em um trabalho desenvolvido pelos professores durante o primeiro semestre de 2023, trabalhou-se com a categoria identidade.

Neste mesmo ano organizamos uma semana durante o mês de março de 2023 dedicado à mulher em homenagem ao Dia Internacional da Mulher (8 de março) e o papel da mulher na sociedade atual, intitulada: *Qual o papel da mulher hoje?*

Foi um trabalho coletivo do grupo do PEJA todo, entre o PEJA 1 e o PEJA 2, ou seja, envolveu não só as aulas de história, mas todos dos professores e professoras durante uma semana.

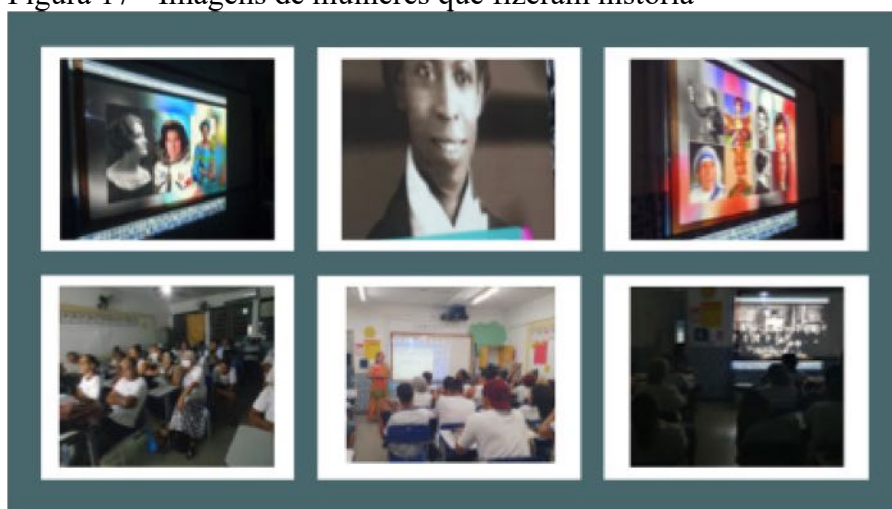
A atividade foi dividida em 4 encontros, começando na segunda-feira e terminando na quinta-feira, com a culminância da atividade. Nesse último dia, as turmas foram separadas por sexo: homens foram para sala com os professores de Educação Física e História, e as mulheres para o pátio com as professoras de Matemática, Língua Portuguesa, Ciência e as professoras do PEJA 1, alfabetizadoras.

Os temas foram desenvolvidos a partir da mulher e caminhou para a questão racial e de gênero, interseccionando os temas. Temas como: as mulheres que fizeram e fazem história, mulheres negras na história, estatísticas de mulheres na ciência, a questão do racismo e da mulher, a história de mulheres negras na ciência, padrões de beleza na sociedade, representações simbólicas a partir do corpo e da cor da pele.

O tema trabalhado pelas professoras de Língua Portuguesa e Matemática levou as turmas a debaterem o papel das mulheres na ciência. Muitas ali no debate não conheciam que mulheres pudessem ser cientistas e nem tinham ouvido falar de cientistas mulheres negras.

Em um primeiro momento, foi apresentado exemplo de mulheres que fizeram história, nacionais e estrangeiras, analisando dentre os exemplos, algumas mulheres negras. Quantas somos? Foi elaborada uma estatística de mulheres na ciência e esclarecido como se faz ciência, pedindo aos alunos que se eles pudessem, o que inventariam, como cientista, que seria bom para a humanidade.

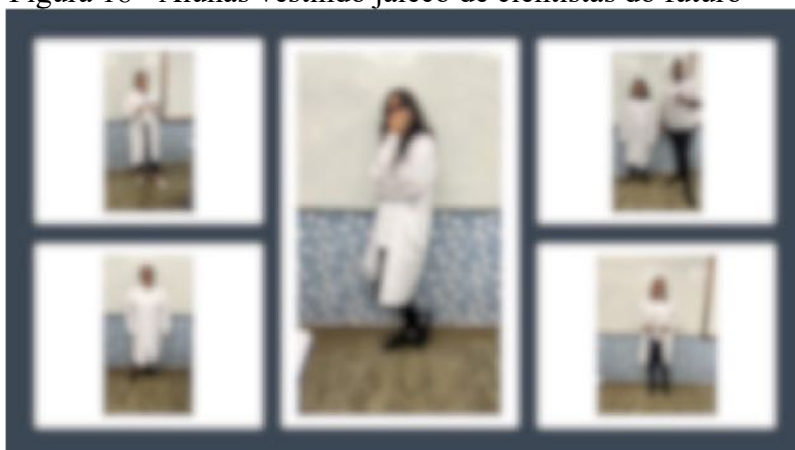
Figura 17 - Imagens de mulheres que fizeram história



Fonte: O autor, 2023.

Foi apresentado uma série de fotos das cientistas e depois, os alunos e alunas vestiram uma beca de cientista e tiraram fotos como possíveis cientistas futuramente. As professoras estimularam as alunas a se verem como cientistas e o que fariam se fossem.

Figura 18 - Alunas vestindo jaleco de cientistas do futuro



Fonte: O autor, 2023.

Algumas alunas escreveram caso elas fossem cientistas ou se tornem cientistas, o que fariam:

Se eu fosse cientista, eu gostaria de poder ajudar todos os moradores de rua e criar também mais trabalho para as mulheres negras, além de criar um centro de estudos para aqueles que não tivessem recursos.

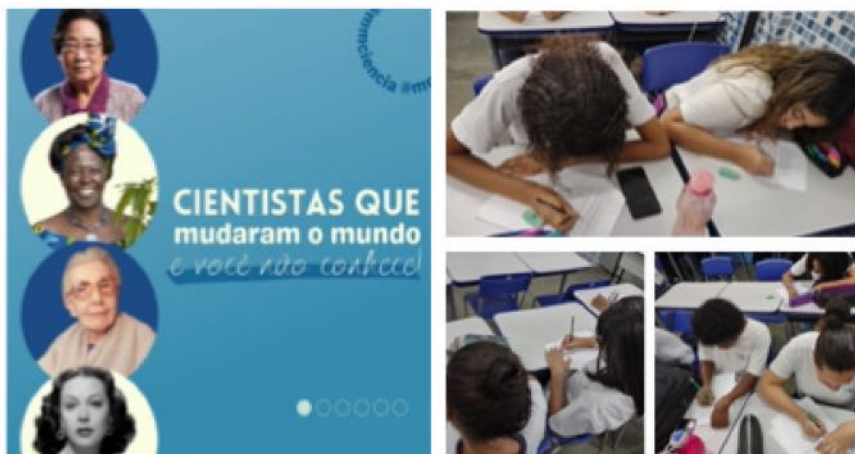
Outra escreveu:

Gostaria de ser cientista e criar na área social um projeto educacional no ensino fundamental para jovens ter mais estudo e cultura e assim ter um futuro melhor.

Interessante como os objetivos na maioria das vezes está ligado à educação e ao futuro.

As professoras também trabalharam sobre “Mulheres cientistas que marcaram o mundo”. Depois, foi feita uma apresentação de vídeos curtos sobre o aumento do número de mulheres em diversas esferas da sociedade (recorde de mulheres em ministérios), abrindo um debate sobre o assunto. E, por fim, foi pedido que os alunos elaborassem um pequeno texto sobre uma figura feminina importante na vida dos alunos.

Figura 18 - Trabalho feito sobre mulheres cientistas



Fonte: O autor, 2023.

Diante da história de grandes personalidades femininas brasileiras, foram criadas as próprias histórias dos alunos de acordo com a identidade de cada um através de redações produzidas por eles mesmos e, por fim, a confecção de cartazes com as biografias dos alunos e alunas.

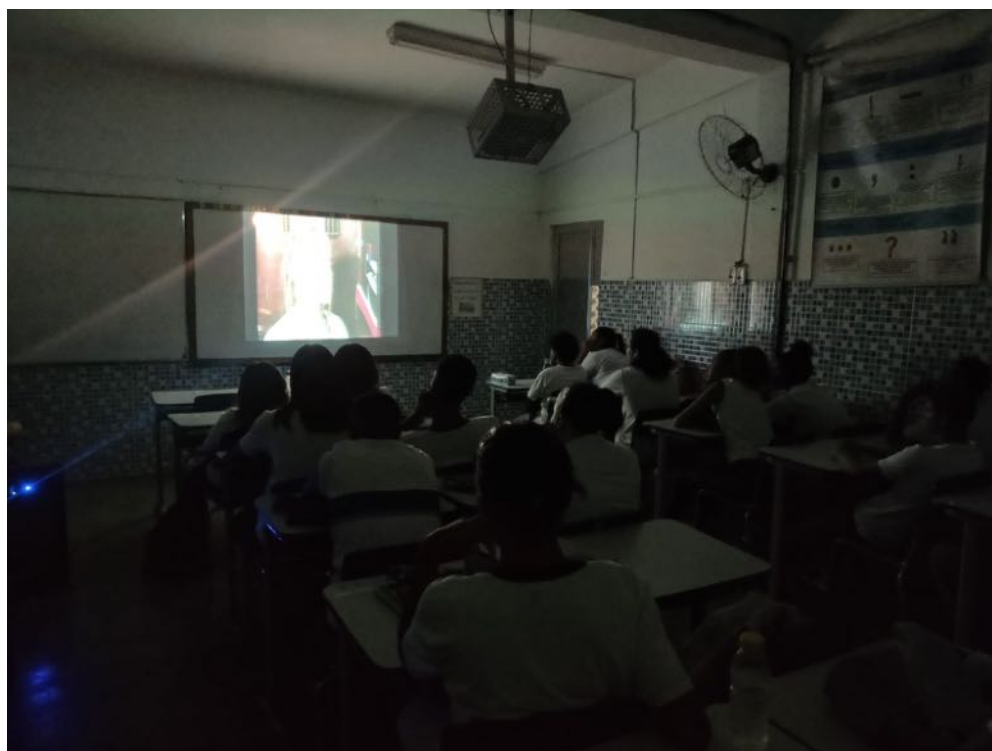
Figura 19 - Alunas ao lado de suas autobiografias



Fonte: O autor: O autor, 2023.

Já eu e a professora de Ciências, em um primeiro momento, a partir do curta *Vista a minha pele*<sup>36</sup>, fizemos um debate sobre a questão racial.

Figura 20 - Alunos assistindo ao curta "Vista minha pele"



Fonte: O autor, 2023.

---

<sup>36</sup> Direção de Joel Zito Araújo e tem roteiro de Dandara e Joel Zito Araújo. Filme brasileiro de 2003, produzido pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CeeRt). 27 min.

Depois foi assistido 3 vídeos da série *Projeto Pixaim*<sup>37</sup> e foi discutido o sobre o papel do corpo e da beleza instituídos na sociedade atual.

No terceiro momento foram assistidos dois vídeos: um sobre a prisão de *George Floyd* e outro sobre prisões feitas por foto de jovens negros no Brasil, utilizando uma reportagem falando que 83% dos presos injustamente por reconhecimento fotográfico no Brasil são negros e negras. Foi então, discutido o papel do racismo na desigualdade social, mutilando jovens negros e, principalmente, afetando mulheres negras.

Usou-se também o conceito de Necropolítica trazido por Achille Mbembe e como este conceito demonstra que os efeitos da escravidão e do colonialismo continuam sendo vistos hoje nos países periféricos. Para Mbembe, o racismo se constitui enquanto elemento de controle e dominação nas relações de poder e desenvolve o entendimento do conceito por meio de suas leituras do filósofo francês Michel Foucault e do filósofo italiano Giorgio Agamben. Mbembe apresenta reflexões teóricas afirmadas em Foucault para explicar o período colonial como o primeiro experimento biopolítico da modernidade:

A formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico – do qual toma o controle e no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) de racismo (Mbembe, 2018, p. 18).

Já com Agamben, Mbembe dialoga no que se refere a categoria *Estado de exceção*, para explicar as formas repressivas desenvolvidas pela política ocidental. Para Mbembe, essas práticas sociais sustentam as hierarquias raciais e nesse processo, as ações empreendidas pelo Estado em nome da “segurança” revelam outras violações de direitos. Esse contexto permite a emergência de situações marcadas pela violência:

[...] Viver sob a ocupação contemporânea é experimentar uma condição permanente de “viver na dor”: estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar; construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos; toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites do anoitecer ao amanhecer; soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras; crianças cegadas por balas de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias [...] (Mbembe, 2018, p. 68-69).

---

<sup>37</sup> Canal Thyago Mourão. **Projeto Pixaim 1**. YouTube, 09 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TL1IMqQGuMM>. **Projeto Pixaim 2**. YouTube, 09 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AffBe8q6LDg>. **Projeto Pixaim 3**. YouTube, 09 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U57jMiADBzE>. Acesso em: 6 mar. 2023.



O racismo<sup>38</sup>, como nos apresenta Mbembe em *Necropolítica*, traz uma resposta para os dois casos mencionados acima. O tratamento dado de forma bem diferenciada a ambos marca como funcionam as atitudes racistas em nossa sociedade. Um tipo de relação que demonstra como o racismo está estruturado na sociedade brasileira, apesar da narrativa da democracia racial. Além disso, Brasil tem em sua história um legado da escravidão ainda muito presente, tendo sido o último país a abolir a escravidão, somente em 13 de maio de 1888. Sendo um país multicultural e com uma imensa diversidade étnica e racial, entretanto é atravessado por uma desigualdade marcada pela construção de uma narrativa sobre o processo de sua identidade nacional.

Sobre isso, a leitura do ensaio escrito por Achille Mbembe sobre a *Necropolítica*<sup>39</sup> acrescentou bastante, pois o ensaio apresenta uma reflexão sobre o conceito de necropolítica efetuada pelo Estado como *o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer*. Desse modo, entende-se que violência está ligada à estrutura que organiza as relações sociais, reproduzindo-se no cotidiano dos diversos grupos e, aqui especificamente, no cotidiano da população negra.

Por fim, em um 4º momento, foi assistido dois vídeos, um de uma entrevista de *Muhammad Ali* em 1971 para a BBC e outro do *Bluesman* que mostra um jovem negro correndo e como criamos estereótipos a partir de preconceitos.

Foi novamente debatido a questão no racismo na sociedade atual e de que modo isso afeta a vida das pessoas negras, principalmente, as mulheres negras.

Essa oficina colabora para o aprofundamento do estudo sobre o racismo e o conceito de embranquecimento e da importância do estudo da questão da obrigatoriedade do ensino da África e cultura afrodescendente através da Lei 10639/03.

A partir da análise do questionário socioeconômico para a EJA feito durante a prova da OBMEP de 2023, de 12 questionários respondidos havia uma pergunta sobre como o estudante se via em relação à sua cor a partir das categorias do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia. O estudante deveria marcar entre: preto, pardo, amarelo, indígena e branco. Dos questionários 12 respondidos, responderam:

Preto – 3 estudantes

---

<sup>38</sup> O **racismo** consiste na atribuição de uma relação direta entre características biológicas e qualidades morais, intelectuais ou comportamentais, implicando sempre em uma hierarquização que supõem a existência de raças humanas superiores e inferiores.

<sup>39</sup> MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p.

Pardo – 8 estudantes

Branco – 1 estudante

Essas respostas foram feitas diretamente pelo estudante durante a prova ou ao final dela e apesar de ser um campo de dados pequeno, esses dados refletem um campo maior quando se analisa as fichas de matrículas onde há um campo para marcar a cor do aluno. Se pegarmos essas fichas ali também estará exposto que a maioria marca o campo pardo, contrariando o que se vê na maioria das salas de aula, ou seja, pessoas com pele mais escura que não se identificam como pretos ou pretas, sem falar quando há a autoidentificação.

No começo do ano letivo de 2023 foram feitos questionários da própria escola com perguntas elaboradas pelos professores e pela coordenação da escola. Em uma dessas perguntas, foi feita o mesmo questionamento em relação à cor, também seguindo as categorias do IBGE: preto, branco, amarelo, indígena e pardo. Novamente a maioria dos alunos optou por marcar a cor parda. Apesar do movimento negro e do IBGE conceituarem negro como a soma de pardos e pretos, há um evidente marcador de tentativa de embranquecimento na tentativa de se distanciar do preto e se aproximar da cor branca.

Segundo dados de 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, 55,9% dos brasileiros se declararam como negros (soma de pretos e pardos) enquanto 42,8% se declararam brancos.

Entretanto, ao final das oficinas os alunos se identificam como negros e saem mais potentes em suas falas e mais empoderados. Isso mostra a importância da Lei no cotidiano e na possibilidade de escuta e diálogo, permitindo não só aos alunos uma conscientização, mas também ao professor refletir sobre suas práticas.

Há exatos vinte e um anos foi aprovada pelo governo federal, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei nº 10.639/2003. Ela determina que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil”. A norma também estabelece que esses conteúdos devem ser ministrados em todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A Lei nº 10.639/03 foi mais um dos avanços rumo a uma sociedade efetivamente antirracista e teve como influência a ação do movimento negro brasileiro. Ela foi criada em um período em que a igualdade racial e a famosa ideia da democracia racial, tão enraizada em nossa sociedade, foram muito discutidas.

Pode-se citar passos que levaram até a aprovação da lei, mas sem esgotá-los: em 2003 foi criada a Secretaria de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial (Seppir). Com status

de ministério, foi extinta em 2015 como órgão de assessoramento direto da Presidência da República, passando a uma secretaria especial do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. Também em 2003 foi instituída a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), por meio do Decreto nº 4.886.

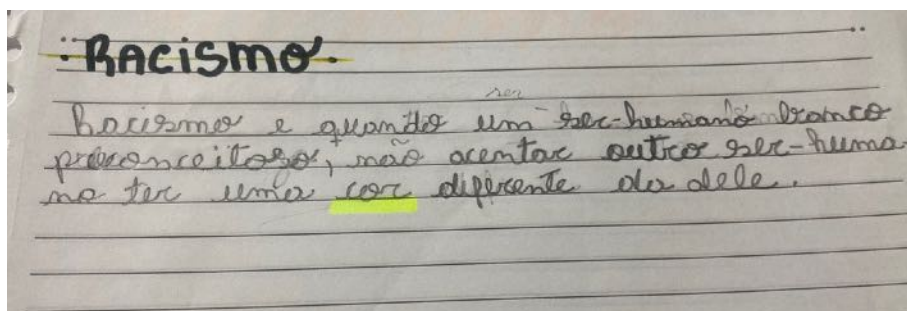
Segundo Vanessa de Almeida da Silva,

Engana-se quem acredita que datam dos anos 2000 as iniciativas do movimento negro brasileiro para que a história da África fosse introduzida nos currículos das escolas. Em 1984 entidades do movimento negro da Bahia elaboraram e assinaram um documento solicitando a inclusão da disciplina Introdução aos Estudos Africanos em escolas de ensino fundamental e médio (antigos 1º e 2º graus) da Secretaria de Educação do Estado. Em 1985 a Secretaria determinou a inclusão da disciplina por meio da Portaria nº 6.068<sup>40</sup>. (2023)

Todas essas iniciativas, e tantas outras que foram realizadas graças ao poder de articulação do movimento negro, escancaravam à sociedade brasileira que o racismo era uma questão e que ele precisava ser combatido, inclusive no âmbito da educação. As ações que buscam contribuir com uma sociedade antirracista também jogam por terra a ideia de que o Brasil é o país da igualdade racial, em que todas as raças convivem em perfeita harmonia. Essa harmonia não existe e são necessárias ações alternativas e políticas públicas para oferecer direitos e dignidade às raças que foram historicamente subjugadas.

Depois da discussão os alunos, em grupos, debateram entre eles sobre os episódios e deixaram algumas frases:

Figura 21 - Frase de um discente sobre Racismo



Fonte: O autor, 2023.

Outro grupo fez uma pequena redação discutindo a questão cotidiana do racismo, além da temática dos corpos e da beleza, abordados nos vídeos:

<sup>40</sup> SILVA, Vanessa de Almeida da. **20 anos da Lei nº 10.639: a obrigatoriedade de ouvirmos outras histórias.** Conexão UFRJ, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <<https://conexao.ufrj.br/2023/11/20-anos-da-lei-no-10-639-a-obrigatoriedade-de-ouvirmos-outras-historias/>>. Acesso em 10 set. 2024.

Figura 22 - Texto de um discente sobre o racismo no seu cotidiano

A pessoa que faz racismo normalmente faz isso para se sentir superior  
contra. Ela quer trazer inferior da pessoa como cor do cabelo e a cor  
da pele. Lembrando, aqueles negros e que os negros tem a morte. O racismo  
normalmente acontece com pessoas negras exemplo: hoje em dia na socie-  
dade as pessoas negras não predominam nas lojas com brancos, porque as  
pessoas que estão na loja acham que o negro vai roubar a loja, então  
comandado de loja não quer perder ou ser confundido e acusado por  
policiais brancos por um crime que não cometer. Mulheres sofrem  
por não terem o padrão de beleza que a sociedade exige como: o  
cabelo cacheado ou crespo, a pele mais clara ou mais escura. Precon-  
ceito na escola e discriminação de mal gosto machucam e mudam  
as crianças que acabaram de chegar no mundo. Onde bonecos  
e super heróis são brancos de olho azul.

Fonte: O autor, 2023.

No último dia de encontros, em sala de aula, os homens assistiram aos dois primeiros episódios da série *Olhos que condenam*, da Netflix, que conta a história de cinco adolescentes do Harlem que vivem um pesadelo após serem injustamente acusados de um ataque brutal no Central Park. A série é baseada em uma história real.

Após a exibição, foi realizado um debate sobre os dois episódios. Durante a roda de conversa, um dos alunos compôs uma música inspirada pelos sentimentos que os episódios despertaram nele.

Figura 23 - Letra de uma música escrita sobre o racismo vivenciado

NÃO AO RACISMO  
CHAMAM NÓS DE **CARIÃO** <sup>SEM</sup> ~~SEM~~ <sup>CONHECE</sup> ~~CONHECE~~ <sup>AM</sup>  
~~SEM~~ <sup>UNITE</sup> ~~UNITE~~ <sup>CHAMAM</sup> ~~CHAMAM~~ <sup>NÓS</sup> ~~NÓS <sup>DE</sup> ~~DE <sup>POBRE</sup>  
ISSO <sup>DA</sup> ~~DA~~ <sup>NA</sup> ~~NA <sup>GENTE</sup>  
CHAMAM DE **PRETO** <sup>DE</sup> ~~DE~~ <sup>PRETO</sup> ~~PRETO~~ <sup>E TAL</sup>  
É O AMOR DE DEUS  
ISSO NÃO É NORMAL!!  
O RACISMO HAZER EM DIA  
RECORRENDO EM TODO LUGAR  
NA ESCOLA, NA IGREJA, NO TRABALHO OU SEJA LA  
CÊS PRECISAM SABER ISSO CERTO NÃO ESTAR  
NÓS NEGROS SURTOS, LUTAMOS, CHORAMOS  
PRA ALGUMA COISA PODER CONQUISTAR!!  
HÁ MUITO TEMPO VOCÊS NÃO TEM NOÇÃO  
TOMAMOS **MACHUCAM**  
VEGOU A VISAÇÃO??  
MINHA MÃE SEMPRE ME DIZ:  
"APRENDA A SE AMAR"  
AMO MINHA COR, AMO QUEM SOU  
QUERO VER QUEM VAI ME MUDAR!  
**RACISMO NÃO!**  
**NÃO AO RACISMO!**  
**RACISMO NÃO!**~~~~~~

Fonte: O autor, 2023.

As mulheres se dirigiram ao pátio e, em roda, sentaram-se junto às professoras. As docentes de Português, Matemática, Língua Estrangeira, Ciências, Artes, além das professoras do PEJA 1 - Alfabetização, começaram a falar sobre suas vidas a partir de palavras selecionadas previamente e seus significados: amor-próprio, sororidade, empoderamento, equidade de gênero, feminicídio, feminismo, objetificação, misoginia, machismo, sexismo, gaslighting, mansplaining.

A partir de cada palavra, uma das professoras explicava o que entendia do seu significado e compartilhava um pouco de sua própria história relacionada a esse conceito. Aos poucos, as discentes começaram a falar sobre si mesmas e, com o tempo, se sentiram mais à vontade para se abrir, contando casos de violência que haviam sofrido.

Foi um momento rico, de intensa troca de experiências, tanto por parte das professoras quanto das alunas, muitas das quais expressaram gratidão pela oportunidade de serem ouvidas.

Figura 24 - Discentes em roda discutindo sobre a violência doméstica



Fonte: O autor, 2023.

Em seu livro *Narrativa de (re)existência: antirracismo, história e educação*, no capítulo 2 intitulado *Narrativa de (re)existência e educação antirracista*, o professor Amílcar Pereira (UFRJ) começa:

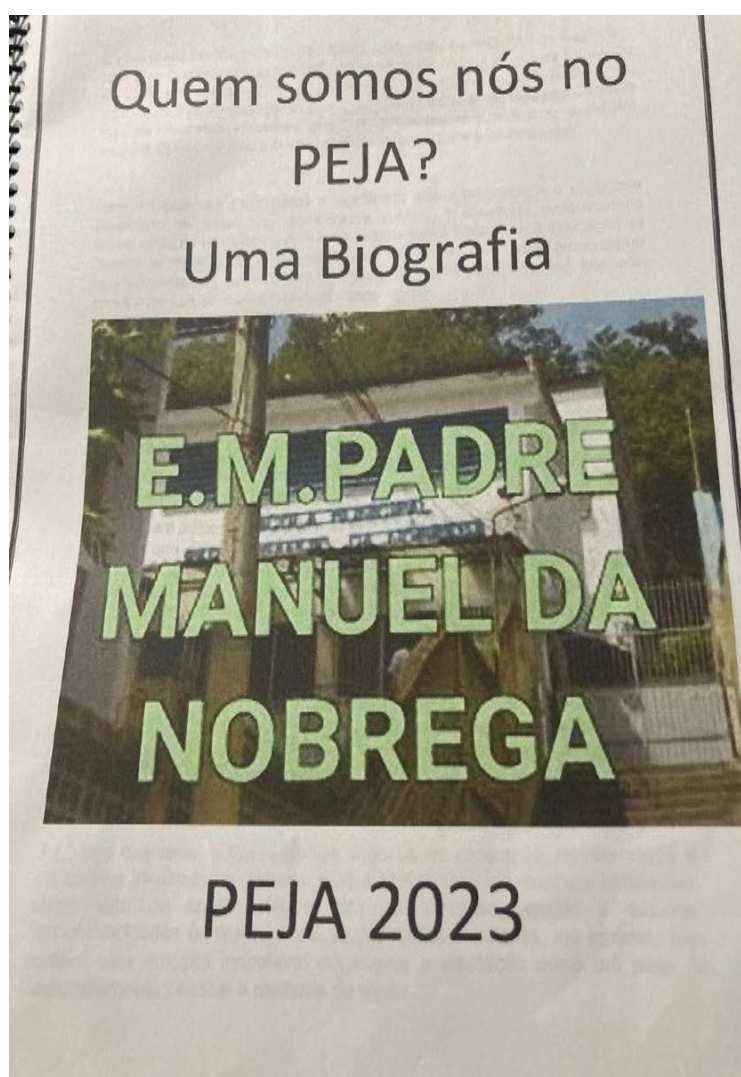
Precisamos conhecer a pluralidade de passados, os diferentes passados em diversos tempo e espaços, para que possamos vislumbrar uma pluralidade de futuros. Especialmente em tempos difíceis como os que vivenciamos atualmente, é importante conhecer como, em diferentes culturas, as pessoas se relacionavam entre si e com outros povos ou como se relacionavam com o planeta, por exemplo. Esse tipo de conhecimento nos permite, por um lado, entender como a história, e consequentemente a vida social, é sempre um processo resultado da ação humana, não é algo natural, está sempre em movimento com mudanças e permanências possíveis



através de lutas sociais e disputas políticas, e, por outro, como a ação humana é determinante para a história; se houve diferentes passados, podemos construir com nossas ações, os diferentes futuros (Pereira, 2021, p. 49).

Essas pluralidades de passado são vivas no PEJA, criando espaços para pluralidade de futuros e sonhos realizados. Ao longo das semanas seguintes, a partir do trabalho desenvolvido durante a Semana da Mulher, por meio das oficinas, os discentes começaram a compartilhar suas histórias de vida e os motivos que os levaram a retornar à escola. A partir dessas narrativas, surgiu a ideia de um pequeno livro de autobiografias dos estudantes da EJA, que acabou sendo intitulado: *Quem somos nós no PEJA?*

Figura 25 - Capa do livro de autobiografias da EJA



Fonte: O autor, 2023.

Esse projeto surgiu como o objetivo de destacar as histórias únicas e valiosas daqueles indivíduos que, por diferentes circunstâncias, decidiram empreender os estudos e buscar o

conhecimento que transforma vidas. Cada página revela uma trajetória de lutas, resiliência, dedicação e muito esforço.

São experiências de vida que retratam a realidade da EJA e a busca por uma cidadania plena e democrática. Ao todo, são 75 pequenas histórias, pequenas autobiografias de vida, que nos inspiram e nos tornam mais humanos, enquanto docentes. Trajetórias marcadas por violência, pelo desprezo, pela carência, pela pobreza e pelo abandono. Mas também, por resiliência, resistência, insistência e esperança.

#### **4.2 Qual seria o papel do (a) (s) professor (a) (s) da EJA dentro da diversidade do PEJA e das dificuldades que ela possui?**

Apesar de todos os avanços alcançados nas últimas décadas, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda permanece em uma posição marginal dentro do sistema educacional brasileiro, sendo percebida enquanto dimensão residual e, portanto, destinada à extinção. Isso é visível no fechamento de diversos PEJAs (Programa de Educação de Jovens e Adultos) na cidade do Rio de Janeiro.

Todo ano vivenciamos essa insegurança no PEJA: não sabemos se o programa estará aberto no próximo ano. Isso gera insegurança tanto para nós, docentes, quanto para os discentes, que muitas vezes se veem obrigados abandonar os estudos ou a frequentar escolas mais distantes de suas residências.

Um exemplo disso foi o fechamento da EJA onde o professor 1 atuava. Apesar dos esforços dele e dos colegas, inclusive durante as férias de janeiro, para divulgar a existência da EJA nas proximidades da escola, esses esforços não foram suficientes para evitar o fechamento. A impressão que fica é que a Secretaria Municipal de Educação (SME RJ) age como se fosse uma empresa em busca de lucro, quando, na verdade, desde a Constituição Federal de 1988, a legislação prevê o direito à educação para toda a população, inclusive para aquelas pessoas que não tiveram acesso à escola em idade apropriada, como é o caso da EJA. Assim, é dever do governo federal, bem como de estados e municípios assegurar a oferta pública e gratuita de educação escolar para jovens e adultos.

Portanto, nos deparamos com um quadro de retrocessos em um contexto de ausência de políticas e recrudescimento das desigualdades, agravadas pela pandemia da covid-19. O fechamento ocorreu de maneira abrupta, na primeira semana de aulas, sem respeitar os

princípios fundamentais da EJA: empatia e afeto. Foi aberta uma matrícula online que se somou a outras já existentes da escola do ano anterior, mas isso não foi suficiente para alcançar o número mínimo de alunos em sala determinada pela SME (15 alunos por turma). Assim, a educação foi reduzida a números, sem considerar o acolhimento e as necessidades dos discentes que se matricularam por vários motivos, como proximidade de casa ou do trabalho.

No primeiro dia de aulas, os docentes foram convocados e informados pela representante da CRE (Coordenadoria Regional de Educação) sobre o fechamento do PEJA e o remanejamento dos discentes, sem qualquer consulta aos docentes ou aos próprios discentes. Seguiu-se a lógica do capital: não gerou lucro, então fecha.

No entanto, esse não deveria ser o papel do poder público. O que deveria ser feito é criar políticas públicas de divulgação da EJA, utilizando diferentes meios de comunicação, assim como ocorre com o ensino regular e o ensino médio. Isso vai contra a proposta de Paulo Freire, que defende:

Um processo ensino/aprendizagem baseado no dialogismo, na afetividade e no respeito à bagagem de vida que o aluno carrega consigo. Nessa perspectiva de educação os alunos ejianos não são percebidos enquanto trabalhadores poucos qualificados, mas como cidadãos a quem o Estado deve oferecer uma educação plena, que lhes foi negada em alguma fase de sua vida (Freire, 2015).

Uma pergunta que deve ser feita: se esses alunos fossem filhos de brancos da classe média ou da classe mais abastada, será que a Prefeitura tomaria a mesma decisão? Certamente não! A desigualdade racial, econômica e de gênero se reflete também no perfil das turmas de EJA, que são majoritariamente compostas por pessoas negras e trabalhadoras. Nesse sentido, a EJA apresenta especificidades, problemáticas e metodologias próprias, que não só precisam ser visibilizadas, mas também podem inspirar práticas pedagógicas e estratégias de gestão em todo o sistema de ensino, especialmente no atual contexto de crise econômica e sanitária.

Muitas vezes vista como não prioritária, a EJA foi considerada obsoleta durante as décadas de 80 e 90, com a expectativa de que, ao se investir em uma educação primária eficiente, sua necessidade seria eliminada ao longo do tempo. O fato é que, mais de trinta anos depois, a desigualdade social e a ausência de políticas públicas efetivas para promover a equidade racial e de gênero ainda resultam em números alarmantes de analfabetismo entre adultos, evasão e abandono escolar. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, 20,2% dos jovens de 14 a 29 anos não haviam concluído a Educação Básica, sendo 71,7% negros (pretos e pardos). Além disso, apesar da redução das



taxas de analfabetismo desde 2016, o país ainda tem 11 milhões de pessoas que não dominam plenamente a leitura e a escrita.

Dados mais recentes do Censo Escolar (2020)<sup>41</sup> mostram os efeitos da pandemia de covid-19, agravados pela violação de direitos subjacentes no país. A EJA foi a modalidade que registrou a maior queda no número de matriculados entre todas as modalidades de educação, com uma redução de 8,3% em relação a 2019, o que equivale a quase 270 mil estudantes a menos. Além disso, o Censo revela que 1,5 milhão de jovens entre 14 e 17 anos não frequentam mais a escola.

Esses dados demonstram que o direito à educação continua sendo violado, e sua restauração é ainda mais urgente diante das crises sanitária e econômica. É necessário o desenvolvimento de políticas públicas que atendam ao público da EJA de maneira diferenciada, compreendendo suas especificidades.

A EJA foi criada para atender aqueles que não tiveram condições de concluir seus estudos devido à necessidade de ajudar no sustento da família, mas hoje buscam a conclusão do ensino para melhorar suas condições de emprego e inserção na sociedade. Esses indivíduos muitas vezes são considerados incapazes por não saberem ler e escrever, sendo alvo de estereótipos e preconceitos associados ao "analfabetismo", como se fossem os principais responsáveis por sua condição.

Os discentes dessa modalidade têm em comum a violação de um direito fundamental, que ocorreu ainda na infância ou adolescência. Por isso, o perfil demográfico desses alunos está entrelaçado com o de outros grupos historicamente discriminados, como negros, pessoas com deficiência e trans e travestis. As turmas de EJA são heterogêneas e a proposta pedagógica deve ser igualmente diversificada, capaz de atender às diferentes demandas sociais, étnicas e culturais.

É fundamental que os docentes conheçam os saberes e as habilidades que os alunos desenvolvem em função do seu trabalho no diário e da sua experiência de vida. Os docentes da EJA lidam com questões como a especificidade socioeconômica dos discentes, a baixa autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, questões geracionais, diversidade cultural e étnico-racial, e diferentes perspectivas em relação à escola.

O docente da EJA deve ajudar os alunos a se perceberem como indivíduos importantes na sociedade, exercendo seu papel de cidadania. Como vimos nas oficinas, mesmo em situações

---

<sup>41</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - **Censo da educação básica | 2020** Resumo técnico [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf) (p. 28).

de vulnerabilidade, os alunos buscam soluções para problemas e, apesar das dificuldades, conseguem encontrar alegria nas pequenas coisas, como aconteceu durante o Café Literário, organizado pela professora de leitura. Nesse evento, os alunos puderam conhecer a arte e a história dos estados do Nordeste, o que refletiu positivamente na autoestima deles, desenvolvendo seu senso crítico e reflexivo.

## CONCLUSÃO: POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Vivemos no Brasil tempos difíceis e tenebrosos, como o crescimento de grupos de extrema direita que negam o racismo, o diálogo e surgem construindo apenas um tipo de história. Assim, mais uma vez, é preciso escuta, diálogo e, fazendo uso das sábias palavras de Conceição Evaristo, *é tempo de nos aquilombar*<sup>42</sup>.

Entendendo que em nossa sociedade há desigualdade social, privilégio branco e preconceito em relação à população negra, estando fragmentado por cor/raça, o que torna esse espaço predominantemente branco e, portanto, de desigualdades raciais que comprometem a garantia do direito pleno à educação, especialmente para a população mais vulnerável. O estudo da branquitude não deve ser encarado como um processo de culpabilização, mas como uma responsabilização, além de ser um campo de combate ao racismo. Conscientizar-se de que o racismo não um problema apenas de quem é negro, da negritude, mas também dos brancos, é essencial. Como nos menciona Grada Kilomba:

Reconhecimento segue a vergonha; no momento em que o sujeito branco reconhece sua própria branquitude e/ou racismo. Esse é, portanto, o processo de reconhecimento. O indivíduo finalmente reconhece a realidade de seu racismo ao aceitar a percepção e a realidade de “Outras/os”. Reconhecimento é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade – já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser vista/o, mas sim de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/os “Outras/os” fossem, mas sim quem elas/eles realmente são (Kilomba, 2019, p. 45-46).

Enfim, é fundamental trazer à tona a necessidade de desconstrução dos significados da branquitude silenciosa e presente nas instituições e práticas sociais. Por isso, sublinha-se que as políticas educacionais antirracistas precisam focar a atenção na invisibilidade e neutralidade da branquitude nas políticas públicas educacionais, a fim de revelar e confrontar o processo continuado e silenciado de diferenciação e hierarquização racial. Os regimes racializados de representação ressaltam a necessidade da reeducação das relações étnico-raciais, conforme propõem as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, na construção de uma igualdade de oportunidades para todos e todas.

Além disso, é necessária uma educação para a valorização das relações étnico-raciais não apenas no papel das leis, mas também nas práticas cotidianas da ação pedagógica em sala

<sup>42</sup> EVARISTO, Conceição. **Tempo de nos aquilombar**. Disponível em: <http://culturadorn.blogspot.com/2021/07/tempo-de-nos-aquilombar-conceicao.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

de aula. O papel do(a) professor(a) deve afetar a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, a relação com a comunidade e as relações entre os próprios professores e professoras etc. Uma educação orientada à construção de uma sociedade democrática, plural e humana.

Trabalhar a pluralidade ainda é difícil em muitas unidades escolares, há resistência em abordar diversos temas, mas precisamos *transgredir* como nos traz a professora e escritora bell hooks<sup>43</sup>: *Transgredir para transformar*. Além disso, a importância de não se ter uma *história única*, como nos escreve a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie<sup>44</sup>, deve ser constantemente lembrada.

A educação é um direito fundamental de todos, independentemente da idade. No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel crucial na inclusão e no desenvolvimento social. A Educação de Jovens e Adultos é de suma importância para a promoção da igualdade de oportunidades e a redução das desigualdades sociais.

Muitas pessoas enfrentam dificuldades para concluir sua formação escolar na idade regular, seja por questões sociais, econômicas ou pessoais. A EJA oferece a elas a chance de retomar seus estudos, adquirir conhecimentos e habilidades, e ampliar suas perspectivas de inserção no mercado de trabalho.

Além disso, a educação ao longo da vida contribui para o desenvolvimento pessoal, a participação cidadã e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos. O(a) professor(a), neste ir e vir entre teoria e prática, promove reflexões importantes, debate com seus pares e amplia seu repertório de conhecimentos, aprimorando sua prática e proporcionar aos discentes, um ensino público e de qualidade. Isso possibilita ao professor aprender e transformar-se, como foi o caso aqui trago, tanto por mim quanto para os professores entrevistados.

Diante dessas discussões, a profissão docente abrange singularidades que a diferencia dos demais profissionais. Não é suficiente apenas carregar um título acadêmico, é preciso dedicação. Esse degrau que não se alcança apenas pelo simples querer, mas está disponível quando há compromisso deste profissional consigo mesmo, pautado por ética e pelo compromisso de crescer tanto no plano profissional quanto pessoal.

---

<sup>43</sup> hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

<sup>44</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

Percebeu-se, ao longo dos estudos e da análise desta pesquisa, que, assim como racismo é uma construção social, também é uma construção ensinada. O antirracismo, por sua vez, também pode e deve ser ensinado.

Através da análise da ficha de matrícula, observou-se que a marcação da cor, na maioria das vezes, tende ao embranquecimento, com a marcação da cor parda. No entanto, após atividade voltadas para a discussão do racismo, realizadas em diferentes momentos de aprendizado, seja na Semana da Mulher, seja no FALAPEJA, percebeu-se uma mudança significativa. Os discentes, ao discutirem o racismo em suas vidas nas rodas de conversa, passaram a marcar a cor preta nos questionários subsequentes, após as atividades das oficinas. Isso sinaliza a importância da criação da Lei 10639/03 e da Gerência das Relações Étnico Raciais (GERER), que contribuem para o incentivo desses estudos e para a implementação, nas salas de aula, de espaços de diálogo, como os diversos encontros feitos anualmente: Festa Junina, FALAPEJA, Encontro de Alunos, EXPOEJA, que, já antes da criação da GERER, demonstraram eficácia no processo de conhecimento histórico e na lembrança das histórias apagadas.

Esse trabalho foi de extrema importância para nós, docentes de diversas disciplinas, especialmente da disciplina de História, como forma de capacitação e incentivo aos estudos, permitindo que, como educadores, tomássemos consciência histórica e transformássemos nossa prática pedagógica, tanto nas aulas da EJA quanto nas aulas regulares do ensino fundamental.

As oficinas foram espaços de fala e escuta, proporcionando aos discentes a oportunidade de contar suas histórias e serem ouvidos. Mostrando que a partir do conhecimento e dos debates, os discentes passaram a elaborar novas formas de visão de mundo e de si mesmos, assim com os docentes, não necessariamente da disciplina de História, também mudaram suas percepções de aprendizagem e de conhecimento, transformando-se junto com seus discentes.

Os encontros anuais, as capacitações realizadas e os diálogos com os discentes permitiram que eu os ouvisse (não só eu, mas também meus colegas entrevistados), ouvindo suas histórias, suas vivências e saberes, o que me permitiu olhar minha prática com mais crítica em relação à branquitude e me tornar mais consciente historicamente sobre a problemática em relação ao estudo do racismo.

Superar os desafios da EJA e investir em ações que promovam a qualidade e a igualdade de oportunidades é essencial para construir uma sociedade mais justa e democrática. Ainda há um critério que deve ser observado no ensino da EJA, identificando e garantindo um processo adequado de ensino-aprendizagem. Não adianta nada ter políticas públicas voltadas para garantir essa modalidade se, de fato, elas existam apenas no papel. Deve haver uma postura

diferenciada, assim como diagnósticos e compromissos com o processo de escolarização dos jovens e adultos.

Portanto, é fundamental valorizar e fortalecer a Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo seu potencial transformador na vida das pessoas e na sociedade como um todo. Para isso, é preciso coragem, como nos legou o eterno professor Paulo Freire: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 2015, p. 92).

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; FONTENELLE, Inambê Sales; FREITAS, Ana Célia Sousa. **Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v.2, n.1. p. 1-11. 2021.

ANDRADE, Máira Pires. **A branquitude e a colonialidade na prática docente na educação básica (2000-2015)**. Revista da ABPN • v. 10, Ed. Especial - *Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira – lei 10.639/03 na escola*, maio de 2018, p.238-264.

ARAÚJO, Helena Maria Marques; LONGO, Monique Marques. **Enfrentando preconceito(s) na escola: educar a partir do pensamento e da memória**. Cadernos de Educação, Dossiê, p. 45-60, 2017.

ARRUDA, Maria Auxiliadora de Almeida. **Privilégio branco e a (im)possibilidade de implementação de políticas antirracistas: o caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso**. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12688>.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 147-162. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/branquitude-o-lado-oculto-discurso-sobre-o-negro-cida-bento/>> Acesso em: 21 jun. 2024.

BERNARDINO, Adair José; GISI, Maria Lourdes. **Concepção de cultura trabalho e tempo dos professores de EJA**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1170](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1170)>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BRASIL. **Lei 9394, de 24 de dezembro de 1996**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação.

BRASIL. **Lei 10639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União, 10 de janeiro de 2003. Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Disponível em

<<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11645&ano=2008&ato=dc6QTS61UNRpWTcd2>. Acesso em: 24 ago. 2024.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade**: tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37, jan./abr.2008.

CARDOSO, L. **O branco “invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre relações raciais no Brasil. (Período: 1957-2007). 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CATROGA, Fernando. **Memória, história, historiografia**. Coimbra. Quarteto, 2001.

DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista, sejamos antirracistas**. São Paulo: Faro Editorial, 2018, 192 p.

DUBOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Tempo de nos aquilombar**. Disponível em: <http://culturadorn.blogspot.com/2021/07/tempo-de-nos-aquilombar-conceicao.html>. Acesso em: 15 jul. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed.; São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Por uma Pedagogia da Pergunta** / Paulo Freire, Antonio Faundez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Temas e problemas da população negra no Brasil. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223-244.

HADDAD, Sergio; SIQUEIRA, Filomena. **Analfabetismo entre Jovens e Adultos**. Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf, Vitória, ES, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul./dez. 2015.

HOEPERS, Altair. **Ensino de História em EJA/EAD**: uma investigação com professores para uma proposta de formação / Altair Hoepers – Dissertação Mestrado – ProfHistória - Florianópolis – 2018. Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431525>. Acesso em: 10 fev. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - **Censo escolar 2020**: Divulgação dos resultados:<[https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2020/apresentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_coletiva.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2024.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA**. São Paulo: Cortez, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019, p. 45-46.

MIRANDA, Claudia; RIASCOS, Fanny Milena Quiñones. **Pedagogias decolonias e interculturalidade**: desafios para uma agenda educacional antirracista. Revista Educa. FOCO, Juiz de Fora, v. 21, n.3, p. 545-572, set./dez. 2016.

MUNANGA, Kabengele. **“Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?”**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, dezembro, 2015, p. 20-31.

\_\_\_\_\_. **Negritude**: Usos e Sentidos, 2. ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 14.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: 1 edições, 2018. 80 p.

NICODEMOS, Alessandra Oliveira Silva. **O Trabalho Docente de História no PEJA/RJ**: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico. Tese de Doutorado, UFF, 2013.

NOVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **Narrativas de (re)existência: antirracismo, história e educação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

RIBEIRO, V. M. (org.) **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

SCHUCMAN, Lia Vainer. V. **Entre o “branco”, o “encardido” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Racismo e Antirracismo**: a categoria raça em questão Psicologia Política, Psicologia Política. Vol. 10, nº 19, Jan. – Jun. 2010, p. 41-55.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O Pensar Educação em Paulo Freire**: Para uma Pedagogia de mudanças, Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

SILVA, Laila Cristine Ribeiro da. **A formação continuada de professores na educação de jovens e adultos em Araguaína-TO: espaço reflexivo e vivências históricas**. 2020.156f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Araguaína, 2020. Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574483>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SILVA, Vanessa de Almeida da. **20 anos da Lei nº 10.639: a obrigatoriedade de ouvirmos outras histórias**. Conexão UFRJ, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2023/11/20-anos-da-lei-no-10-639-a-obrigatoriedade-de-ouvirmos-outras-historias/>. Acesso em: 10 set. 2024.

TORRES, A. R.; ALMEIDA, M. I. de. **Formação de professores e suas relações com a pedagogia para a educação superior**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 5, n. 9, p. 11–22, 2018. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/92>. Acesso em: 19 set. 2024.

## SITES VISITADOS

**A Educação em números:** <https://educacao.prefeitura.rio/educacao-em-numeros-x/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

**Banco de dissertações do ProfHistória.** Disponível em: <https://www.profhistoria.com.br/articles>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BERNARDINO, Adair José; GISI, Maria Lourdes. **Concepção de cultura trabalho e tempo dos professores de EJA**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008 Disponível em: [http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1170](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1170). Acesso em: 24 ago. 2024.

**Censo escolar 2020:** Divulgação dos resultados:<[https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2020/apresentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_coletiva.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2024.

**Conheça o Brasil – População Alfabetização:** <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/22321-alfabetizacao.html>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

**Conheça o Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja):** <http://multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/13298-conhe%C3%A7a-o-programa-de-educacao-de-jovens-e-adultos-peja>. Acesso em: 10 jul. 2024.

HOEPERS, Altair. **Ensino de história em EJA/EAD: uma investigação com professores para uma proposta de formação** – Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431525>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - **Censo escolar 2020:** Divulgação dos resultados:<[https://download.inep.gov.br/censo\\_escolar/resultados/2020/apresentacao\\_coletiva.pdf](https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_coletiva.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SILVA, Laila Cristine Ribeiro da. **A formação continuada de professores na educação de jovens e adultos em Araguaína-TO: espaço reflexivo e vivências históricas**. Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/574483>. Acesso em: 10 fev. 2024.

## **XVII ExpoPeja – Cartas a Paulo Freire.**

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/series/serie/17401-xxii-expopeja-cartas-a-paulo-freire>. Acesso em: 10 out. 2024.

## **FILMES E VÍDEOS CITADOS**

**Escritores da liberdade** (Freedom Writers, 2007). Direção e Roteiro de Richard LaGravenese, baseado no livro de Erin Gruwell. Distribuidora Paramount Pictures. Alemanha/Estados Unidos: 2007. Colorido. Legendado. 123 min.

**Vista Minha Pele** (2003). Direção de Joel Zito Araújo e tem roteiro de Dandara e Joel Zito Araújo. Filme brasileiro de 2003, produzido pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CeeRt). 27 min.

**OLHOS que condenam.** Direção de Ava DuVernay. Produção de Ava DuVernay. Netflix, 2019. Minissérie. Tradução de: When they see us.

Canal Thyago Mourão. **Projeto Pixaim 1.** YouTube, 09 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TL1IMqQGuMM>. Acesso em: 6 mar.2023.

Canal Thyago Mourão. **Projeto Pixaim 2.** YouTube, 09 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AffBe8q6LDg>. Acesso em: 6 mar.2023.

Canal Thyago Mourão. **Projeto Pixaim 3.** YouTube, 09 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U57jMiADBzE>. Acesso em: 6 mar.2023.

Canal BBC News Brasil. **Muhammad Ali fala sobre representatividade negra em 1971.** YouTube, 10 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GryqqaJMvDY>. Acesso em: 6 mar.2023.

Canal Baco Exu do Blues. **Blueman.** YouTube, 23 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw>. Acesso em: 6 mar.2023.

Canal Futura. **Negros e negras esquecidos pela história.** YouTube, 23 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dd08x-ne8iw>. Acesso em: 6 mar.2023.

## APÊNDICE – Roteiro das entrevistas semiestruturadas

### 1. IDENTIFICAÇÃO

#### 1.1 IDENTIFICAÇÃO ACADÊMICA

Nome do(a) mestrando(a):

Curso:

Disciplina:

Nome do Orientador:

#### 1.2 DADOS RELACIONADOS À ENTREVISTA

Escola selecionada: noturno

Entrevistado (nome/assinatura):

Função do entrevistado:

Data:

### 2. ROTEIRO DE ENTREVISTA

**QUESTÃO 1: Qual seu nome e em que é formado?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 2: Há quanto tempo você é formado?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 3: Há quanto tempo trabalha em sala de aula?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 4: Você pode contar um pouco de sua trajetória, no início das primeiras aulas até hoje,**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 5: Hoje você trabalha em quantas escolas Públicas e particulares?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 6: Há quanto tempo está no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 7: Você percebe alguma diferença entre o PEJA e o regular?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 8: O que foi para você entrar no PEJA? Você já tinha tido alguma experiência em trabalhar com jovens e adultos?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 9: O que você esperava ao entrar no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 10: Por que você procurou o PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 11: Quais foram seus primeiros impactos ao entrar no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 12: Como você se vê hoje no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 13: Alguma coisa mudou em você desde que entrou no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 14: Qual sua forma de trabalhar os conteúdos no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 15: Você sabe o que é decolonialidade?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 16: Você se sente um professor decolonial?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 17: Você acha que o PEJA mudou algo em sua vida?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 18: O PEJA fez você ter um olhar diferenciado para os alunos e os conteúdos?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 19: O que você acha de Paulo Freire sobre o aluno trazer sua vivência de mundo?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 20: Você aplica a metodologia dialógica de Paulo Freire nas suas aulas no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 21: Qual o impacto do PEJA na sua vida profissional?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 22: Você pensa em sair do PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 23: O que você diria para um(a) professor(a) que estivesse entrando agora no PEJA?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 24: Na sua prática em sala, você tem liberdade de trabalhar temas tidos conflituosos como racismo, por exemplo?**



**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 25:** Em uma discussão sobre racismo, se você levasse para fora da sala de aula, você teria apoio da parte gestora da escola?

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 26:** Você já ouviu falar em branquitude?

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 27:** Do que você entende sobre branquitude, esta tem um impacto na sala de aula?

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 28:** A branquitude te atrapalha em uma discussão sobre branquitude?

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 29:** Como você se identifica na sua cor e identidade?

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 30: Você consegue trabalhar bem temas como o racismo a partir da sua identidade e de como você se vê?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 31: Você acha que temas como o racismo deveriam ser trabalhadas nas aulas de história ou por todos os professores?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 32: Pela sua experiência no PEJA, estes temas são fáceis de trabalhar?**

**RESPOSTA:**

**QUESTÃO 33: De tudo que conversamos, como você se vê hoje como professor do PEJA?**

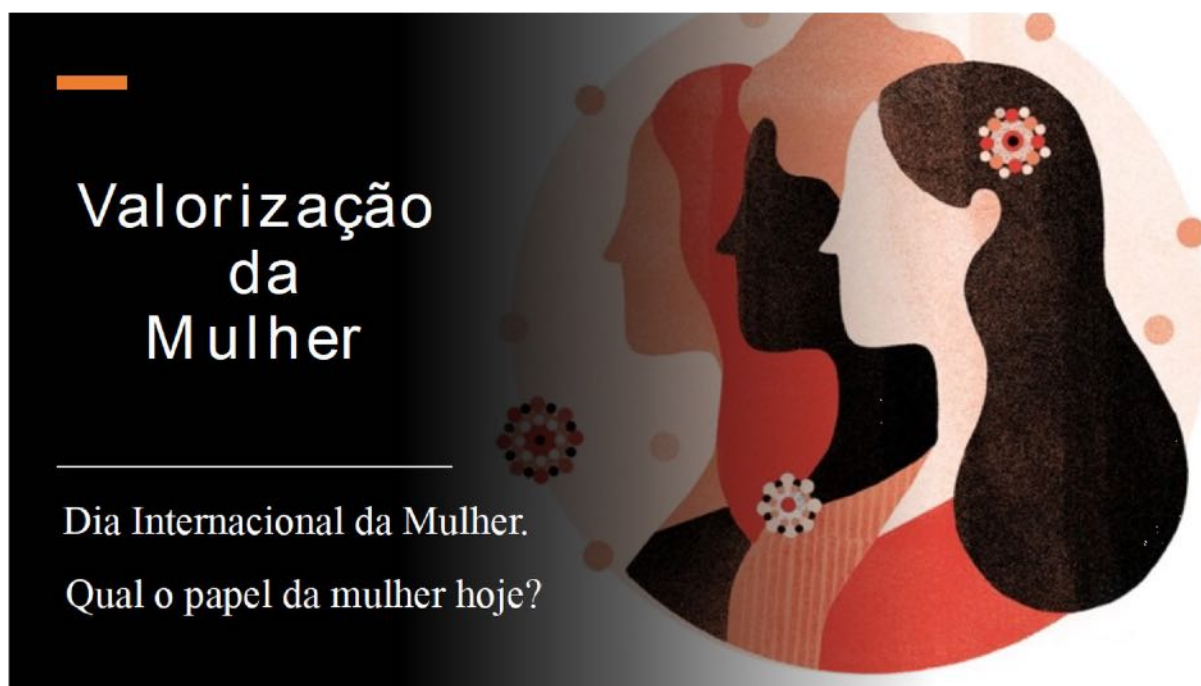
**RESPOSTA:**

## ANEXO A – Lâminas dos trabalhos

Lâminas apresentadas por meio do edital nº 1/2023 de Cartografias de Boas Práticas da Rede da Educação de Jovens e Adultos EJA Rio.

Link de acesso à Cartografia:

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/cartografias-de-boas-praticas-da-rede>



### 4 Encontros

#### 1º Encontro

- ☐ Dia Internacional da Mulher – dia de luta, reflexão e celebração das conquistas. Pensar nos avanços e retrocessos para o avanço da sociedade para acontecer. A equidade de gênero. Dia de se discutir e se mobilizar.
- ☐ Vídeos sobre o porquê do Dia Internacional das Mulheres: greve geral e incêndio em uma fábrica.
- ☐ Palavras de incentivo a equidade, respeito as escolhas e engajamento na luta.
- ☐ Distribuição de uma lembrancinha.



## 4 Encontros

### 2º e 3º Encontros (2 turmas)

Professoras A. e L. (171 E 191)

Atividades desenvolvidas:

- Vídeos motivadores: mulheres que fizeram história no passado deixando seu legado para as gerações futuras.
- Escolha de algumas personagens femininas que fizeram história: alfabeto móvel, pesquisa sobre a contribuição de cada uma, confecção de cartazes no estilo fichamento.
- Pesquisa do significado de algumas palavras relativas ao mundo feminino.
- Roda de conversa.







## 4 Encontros

### 2° e 3° Encontros (2 turmas)

Professoras K. e T. (161 e 151)

Diante da história de grandes personalidades femininas brasileiras criamos as nossas próprias, assim como a dessas mulheres, de acordo com a identidade de cada uma.

- Mulheres que fizeram história.
- História das alunas – Redação.
- Pesquisa de outras mulheres que fizeram história – alunos.
- Cartazes.





## 4 Encontros

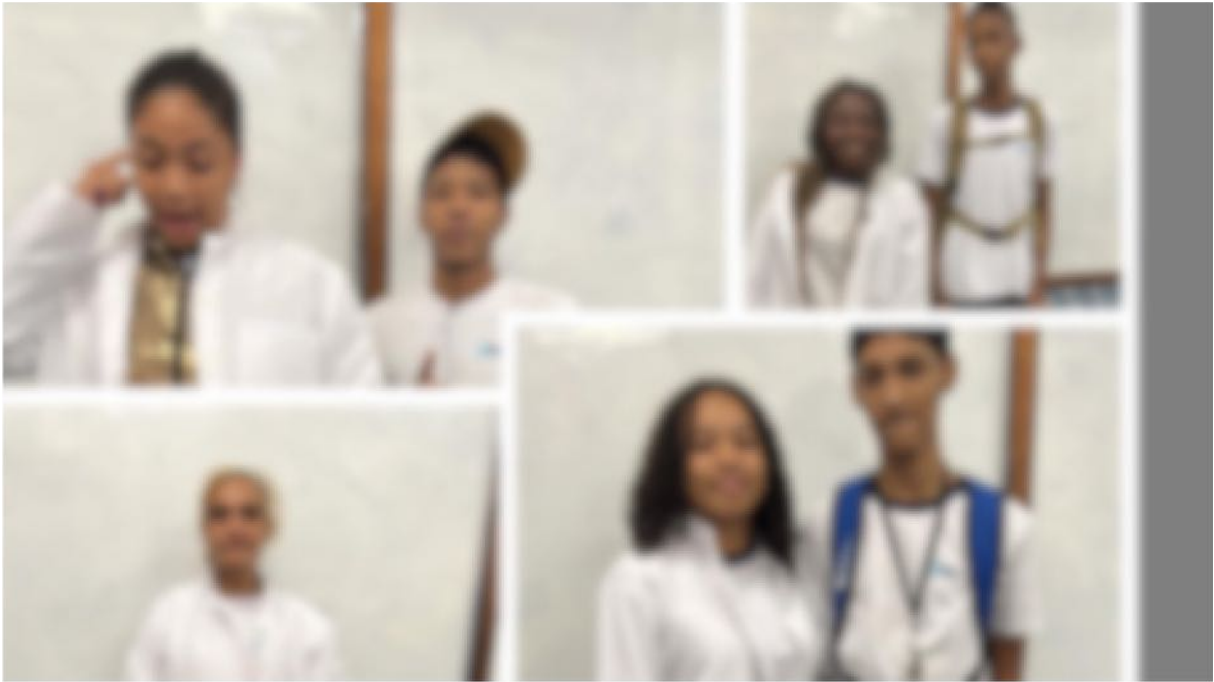
### 2° e 3° Encontros (2 turmas)

Professoras K. e T. (161 e 151)

- Mulheres que fazem história. Mulheres negras. Quantas somos?
- Estatística de mulheres na ciência.
- Como fazer ciência?
- O que você inventaria, como cientista, que seria bom para a humanidade?
- Fotos das cientistas.







## 4 Encontros

### 2º e 3º Encontros (2 turmas)

Professores M. e V. (162 e 152)

- A questão do racismo e da mulher

1º momento: Representações simbólicas a partir do corpo e da cor da pele

Material: Vídeo – Vista a minha pele

<https://youtu.be/LWBodKwuHCM>

Atividade 1.



## 4 Encontros

### 2º e 3º Encontros (em grupos de 2 turmas)

Professores M. e V. (162 e 152)

- A questão do racismo e da mulher

2º momento: Padrões de beleza instituídos na sociedade

Material: Vídeos do Projeto Pixaim

<https://www.youtube.com/watch?v=TL1IMqQGuMM>

<https://www.youtube.com/watch?v=AffBe8q6LDg>

<https://www.youtube.com/watch?v=U57jMiADBzE>

Atividade 2.



## 4 Encontros

### 2° e 3° Encontros (2 turmas)

Professores M. e V. (162 e 152)

- A questão do racismo e da mulher

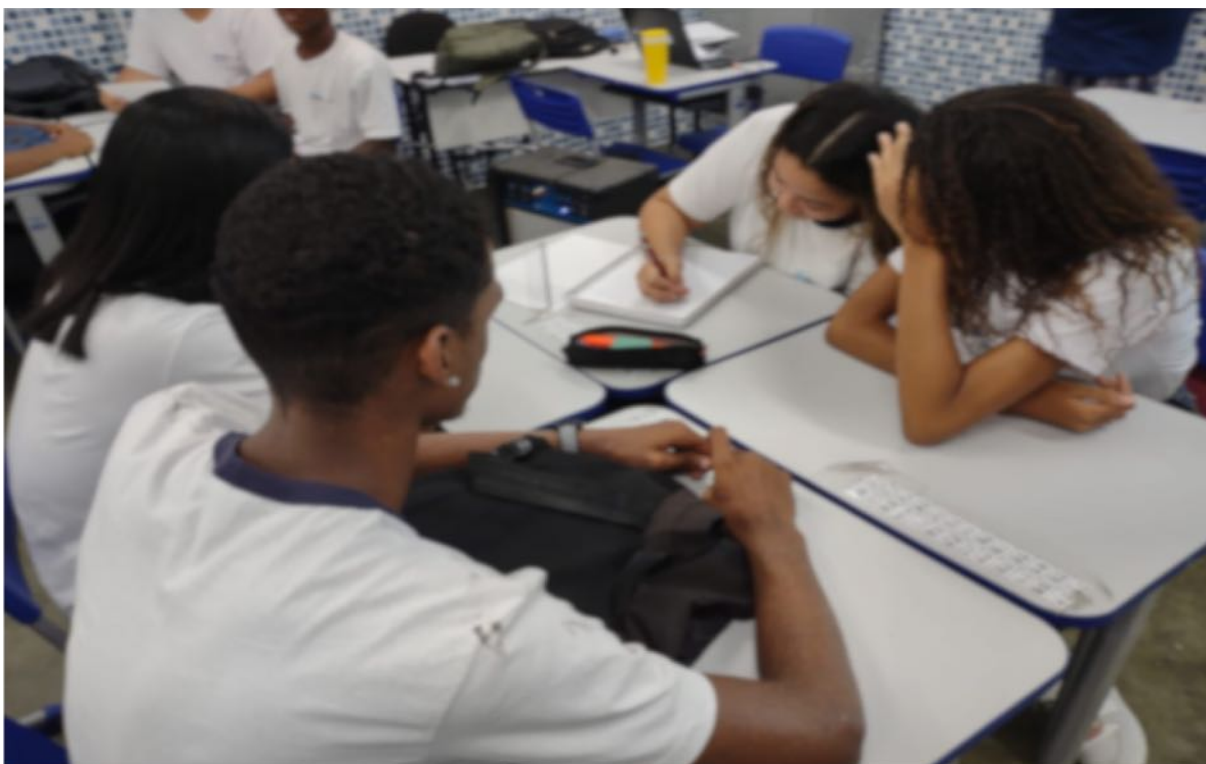
3° momento: 83% dos presos injustamente por reconhecimento fotográfico no Brasil são negros e negras

Material: vídeos George Floyd e Prisão de inocente  
GT de combate ao racismo

<https://www.youtube.com/watch?v=pRoHCXaRtso>

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_MjjvqeiGvI](https://www.youtube.com/watch?v=_MjjvqeiGvI)

Atividade 3.





## 4 Encontros

### 2º e 3º Encontros (de 2 turmas)

Professores M. e V. (162 e 152)

- A questão do racismo e da mulher

4º momento: Discussão sobre os vídeos:

**Muhammad Ali fala sobre representatividade negra em 1971**

(disponível em: <https://youtu.be/GryqqaJMvDY>)

**Bluesman** (filme oficial) – Baco Exu do Blues

(disponível em: <https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw>)




## 4 Encontros

### 2º e 3º Encontros (de 2 turmas)

Professores M. e V. (162 e 152)

- A questão do racismo e da mulher

5º momento: Debate sobre os vídeos:

Negros e negras esquecidos pela história - Jornal Futura - Canal Futura

<https://www.youtube.com/watch?v=dd08x-ne8iw&t=>





## 4 Encontros

### 2° e 3° Encontros (2 turmas)

Professores M. e V. (162 e 152)

Mulheres cientistas que marcaram o mundo.

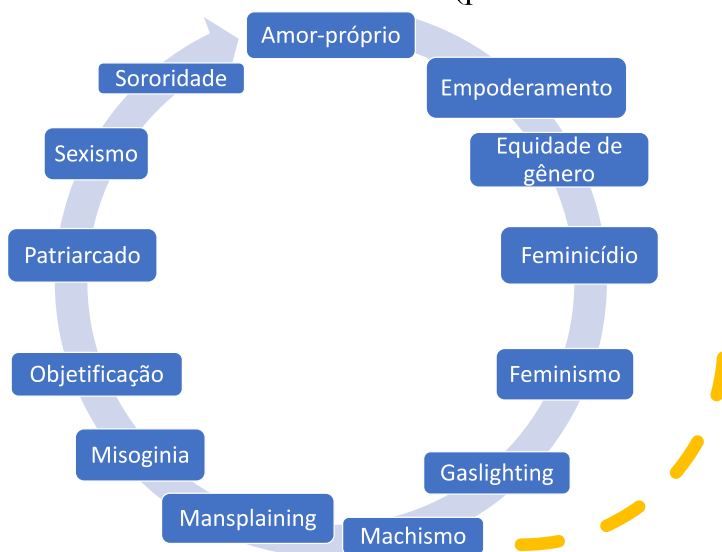
- Apresentação, debate e vídeos curtos sobre o aumento do número de mulheres em diversas esferas da sociedade (Recorde de mulheres em ministérios).
- Elaboração de um pequeno texto sobre uma figura feminina importante na vida dos alunos.



## 4 Encontros

**4º Encontro**

- Roda de conversa – mulheres: (professoras e alunas).








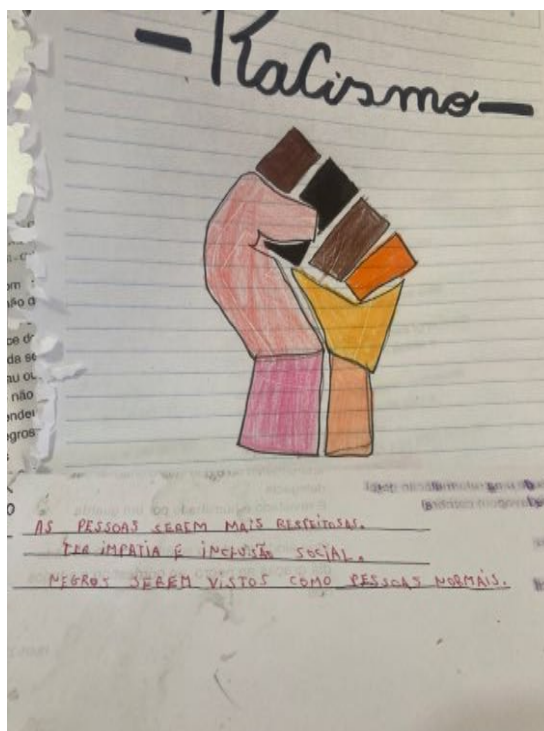
## 4 Encontros

### 4º Encontro

- Filme “Olhos que condenam” – homens
  - Olhos que Condenam é uma minissérie americana do gênero drama, baseada em uma história real, que conta a história dos Cinco do Central Park. A série foi criada por Ava DuVernay e distribuída pela Netflix, estreando em 31 de maio de 2019.
- 

## ANEXO B – Trabalhos realizados

Trabalhos apresentados após a realização das oficinas





## ANEXO C – Apostila das autobiografias dos discentes

Autobiografias dos alunos e alunas do Programa de Educação de Jovens e Adultos – PEJA 1 e PEJA 2 que culminou no livro de biografias do PEJA da Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega.



# PEJA 2023

É com grande entusiasmo e alegria que apresentamos este livro de biografias, uma obra que representa a jornada inspiradora de nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega, situada no Rio de Janeiro. Este projeto busca destacar as histórias únicas e valiosas daqueles indivíduos que, por diferentes circunstâncias, decidiram empreender os estudos e buscar o conhecimento que transforma vidas.

Para compreender plenamente o significado desse programa e o progresso alcançado ao longo dos anos nesta escola, é essencial mergulharmos brevemente no histórico da EJA e na

história desta instituição. A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que visa proporcionar oportunidades de aprendizado e desenvolvimento para pessoas que não concluíram sua educação básica na idade regular.

O programa de Educação de Jovens e Adultos teve início no Brasil na década de 1940, com o objetivo de reduzir o analfabetismo e oferecer acesso à educação para todos os cidadãos. Desde então, esse programa tem evoluído e se adaptado às necessidades e desafios de cada contexto educacional, buscando garantir o direito à educação de forma inclusiva e equitativa.

Na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega, a modalidade EJA foi integrada em 2012 com a missão de abrir as portas do conhecimento a jovens e adultos que desejavam concluir seus estudos e transformar suas vidas por meio da educação. Ao longo desses anos, testemunhamos a perseverança, o comprometimento e a luta de nossos alunos, que enfrentaram inúmeros problemas para continuarem na jornada dos estudos.

Desde o seu início, a EJA na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega tem sido um espaço de acolhimento, respeito e valorização da trajetória de cada estudante. Reconhecemos que cada aluno traz consigo experiências de vida, saberes e desafios individuais que enriquecem o ambiente educacional e fortalecem o aprendizado coletivo.

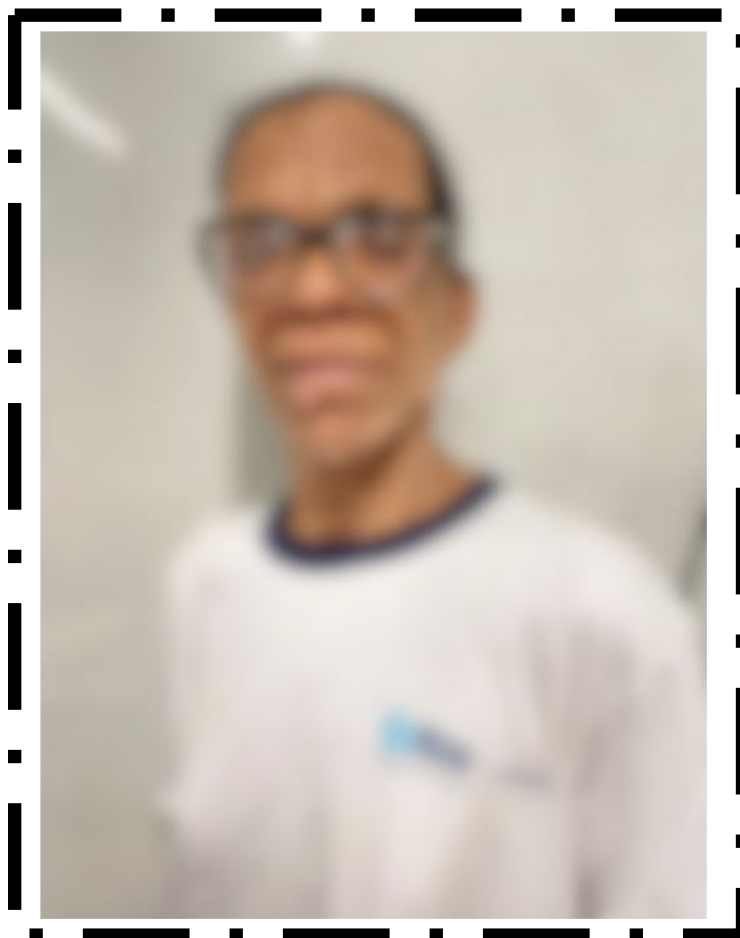
Ao longo dos anos, testemunhamos histórias de superação, transformação e conquistas inspiradoras. Nossos alunos têm enfrentado diversos obstáculos, como falta de tempo, necessidade de conciliar trabalho e estudos, responsabilidades familiares e outras demandas cotidianas. No entanto, eles sentem uma emoção inabalável em buscar a educação como um meio de empoderamento pessoal e melhoria de vida.

A escola tem se dedicado a oferecer um ambiente de aprendizado inclusivo e de qualidade, com professores comprometidos, metodologias pedagógicas adequadas e recursos educacionais relevantes. Além disso, buscamos promover uma cultura de valorização do aprendizado contínuo, incentivando a participação ativa dos alunos, a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades indispensáveis para o mundo atual.

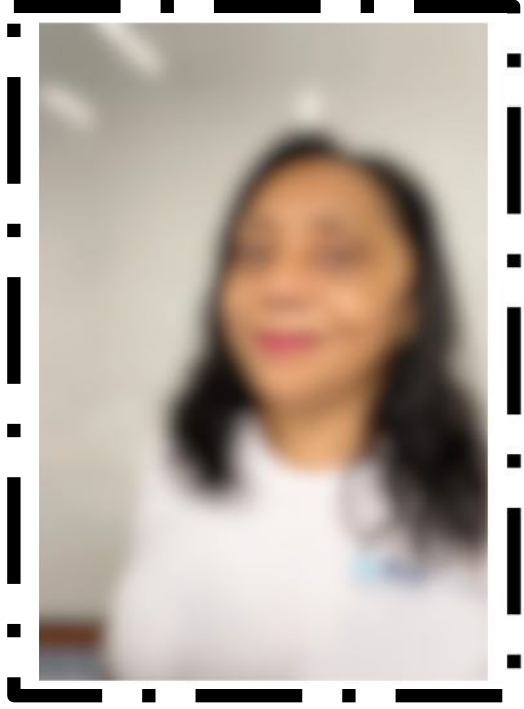
Este livro de biografias é uma maneira de celebrar as conquistas de nossos alunos da EJA. Cada página revelará as histórias singulares de indivíduos que, através da dedicação, do esforço e da resiliência, alcançaram grandes realizações acadêmicas e pessoais. Espero que essas narrativas sirvam de inspiração para outros que possam trilhar caminhos semelhantes, mostrando que nunca é tarde para buscar o conhecimento e transformar o futuro.

Agradecemos a todos os envolvidos nesse projeto, desde os alunos que compartilharam suas histórias até os professores, funcionários e comunidade escolar que apoiam e incentivam

a EJA na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega. Que este livro seja uma fonte de motivação e um testemunho do poder transformador da educação ao longo da vida.



Meu nome é A. Nasci em um hospital no Rio de Janeiro no dia 16 de junho. Minha infância foi muito boa. Ajudava meu pai no trabalho de forrar sofá. Brincava muito com meu pai. Minha adolescência não foi muito boa porque eu não tinha festa de aniversário, minha irmã dizia que eu não gostava de bolo por isso não devia ter festa. Na minha família tem uma irmã que não fala com outra, mas quando éramos pequenos brincávamos todos juntos. Às vezes me encontro irmão, que quando vivo cantava hino. E o sofrimento quando ele ficou doente. Também quando perdi meu outro irmão. Minha trajetória escolar não foi muito boa, eu frequentei explicadora e não aprendi muito. Quando criança eu ia para a escola. Procurei a escola à noite através da minha sobrinha que me inscreveu pela internet. Hoje sou uma garota que não conversa muito. Mas agora na escola tenho vários amigos. Para o futuro espero conseguir a minha cirurgia e aprender a ler. Sonho em melhorar e ser respeitada como ser humano. Gostaria de ser professora.

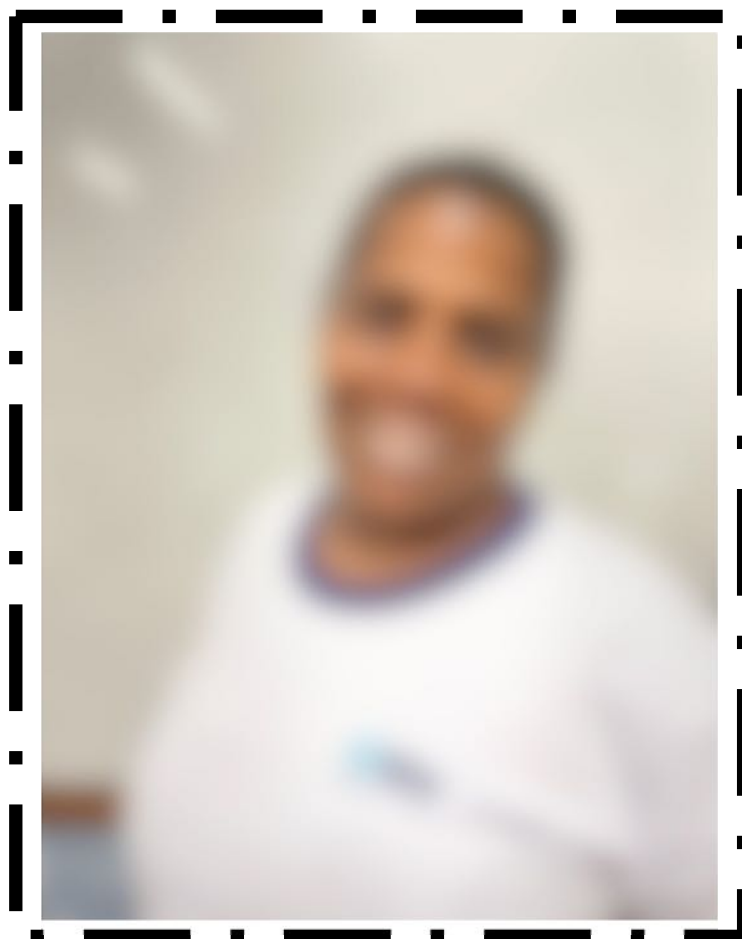


Meu nome é A. Nasci em um hospital no município de Varjota no Estado do Ceará no dia 30 do mês de junho do ano de 1972. Na minha infância brincava de carrinho na terra e pique bandeira. Aos 10 anos, após perder os meus avós, comecei a trabalhar na roça e na pesca. Na minha adolescência eu morava com os meus irmãos. Vivíamos da pensão dos nossos pais e trabalhávamos na pesca e na roça. Minha família é grande e unida todos trabalham e moram próximos, em sua maioria. Nos encontramos com frequência e gostamos de conversar, ver as crianças brincarem, fazer churrasco etc. As coisas mais importantes que marcaram a minha vida foram os meus filhos, ver minha família livre de perigos como drogas e bandidos. Também a perda dos meus pais aos 9 anos de idade. Eu estudei pouco, só enquanto meu avô era vivo. Aos 10 anos não estudei mais. Só agora voltei a estudar. Hoje sou um vencedor pois sobrevivi a tudo que o mundo poderia oferecer de ruim. Para o meu futuro eu espero terminar os estudos e oferecer um futuro melhor para os meus netos. Os meus principais sonhos são ver os meus filhos crescerem longe de tudo que é ruim. Tendo futuro melhor, fazer uma faculdade e abrir o meu negócio.



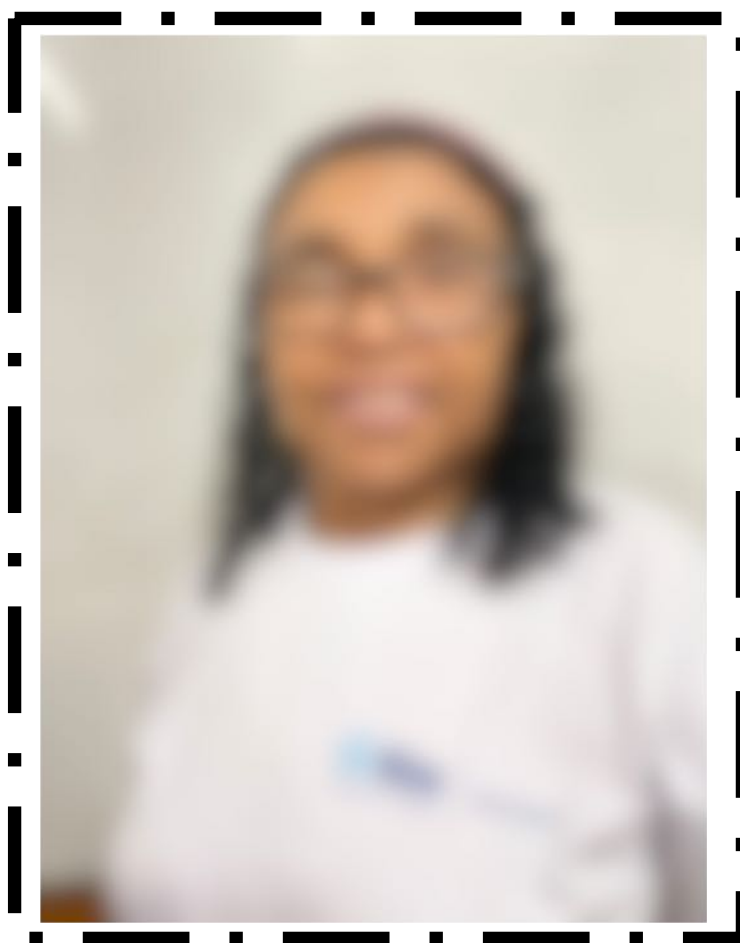


Meu nome é E. Nasci em um hospital no Rio de Janeiro no dia 17 do mês de fevereiro do ano de 1980. Minha infância foi difícil porque eu não brincava com ninguém. Minha adolescência eu pintei e bordei um pouco, namorei bastante. Mas não tive sorte pois engravidei e o pai da criança não quis assumir. Minha família é pequena, não é unida e moram distantes. Eu apenas me encontro com minha tia para passear. As coisas que mais marcaram a minha vida foram apanhar da irmã da minha tia, nascimento do meu filho e aprender a ler e escrever. Eu nunca tinha estudado antes. Vim parar aqui na escola com incentivo de duas colegas. Hoje sou uma pessoa mais madura paciente e calma. No meu futuro espero crescer na vida, ler bastante e ser mais atenta. Os meus principais sonhos são abrir um comércio de comida e me casar na igreja.



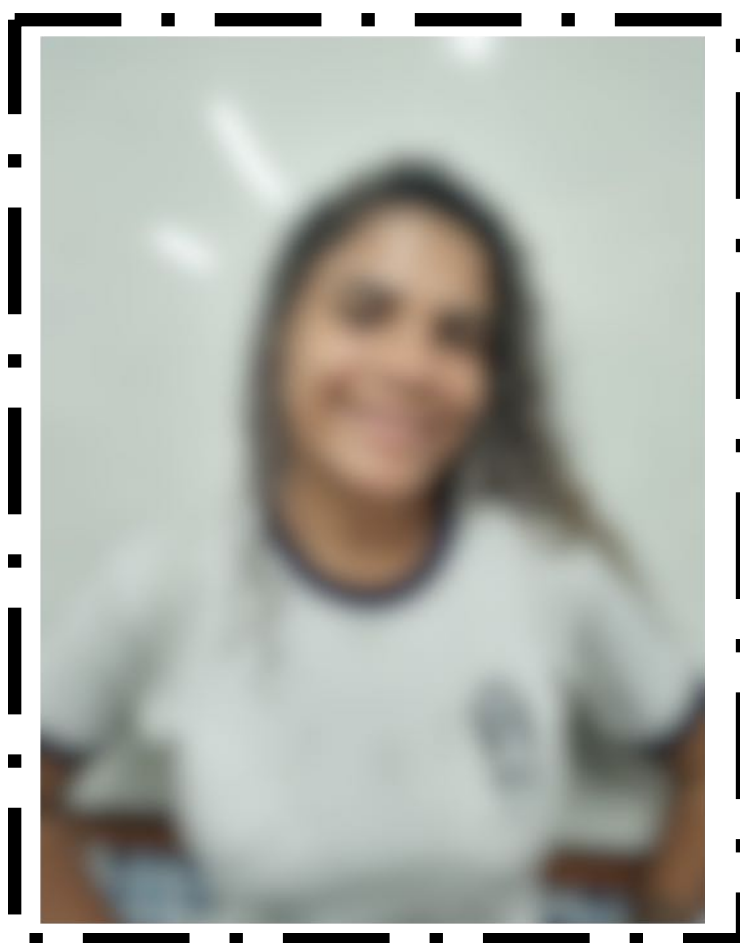
Meu nome é F. Nasci de parto normal no Rio de Janeiro no dia 24 de junho do ano de 1975. Minha infância foi boa, pois brinquei muito, joguei muita pedra na casa do vizinho, brinquei muito de boneca e comidinha. Minha adolescência foi boa também, tive uma festa de 15 anos, namorei muito, beijei muito, era muito tranquila. Minha mãe sempre cobrou muito de mim. Minha família é muito grande, mas não é muito unida. Nós nos encontramos com

frequência aos domingos para beber uma cerveja e comer um churrasquinho. O que mais marcou minha vida foi o nascimento dos meus netos. Eu saí da escola muito cedo porque gostava de bagunça, me lembro que quando criança, passei para a segunda série, mas esqueci de tudo. Hoje eu estou na escola novamente para me ocupar. Hoje me sinto mais forte, pois já passei por muitos momentos difíceis. E ainda passo, mas sigo firme em Deus. Espero um futuro bom e ser feliz. Os meus principais sonhos são arrumar um trabalho e ter a minha casa própria. Quero ser cozinheira pois amo cozinhar.



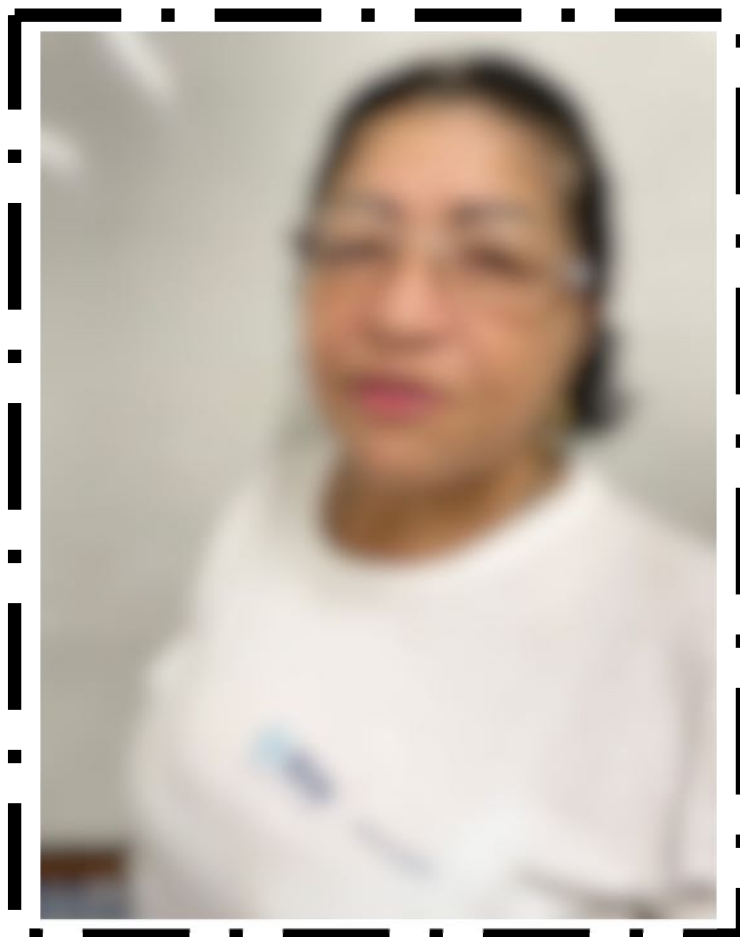
Meu nome é J. Nasci no município de Lagoa Grande no Estado da Paraíba, no dia primeiro do mês de dezembro do ano de 1957. Nasci com ajuda de uma parteira e o meu nascimento aconteceu no mato. Meu nome foi escolhido pela minha mãe. Minha infância foi catando lenha para fazer comida no fogão a lenha, pegando água no rio para beber e fazer comida. Minha adolescência foi utilizando luz de lamparina, pescando, caçando para comer. Sou de uma família de 20 irmãos onde 15 morreram de desnutrição, sobraram apenas 5. Eu tive 5 filhos, mas um morreu assassinado. Tenho 10 netos e 5 bisnetos. Minha família é unida e todos moram próximo da comunidade. Nos encontramos com frequência. Gostamos de almoçar

em família e passear. Algumas coisas importantes que marcaram minha vida até hoje foram: o nascimento do meu primeiro filho no dia 7 de março de 1977, o meu casamento e a minha aposentadoria por idade. No passado passei pelo MOBRAL (1969) na Paraíba, depois parei e voltei agora para sala de aula. Hoje me defino como uma pessoa decidida naquilo que quero. Sou dona de casa, estudante e guerreira. Para o meu futuro eu espero ter uma formação escolar, coisa que sempre desejei, mas sempre me foi negado o direito de frequentar a sala de aula. O meu principal sonho é me formar em Psicologia, comprar uma casa própria e sair da comunidade.

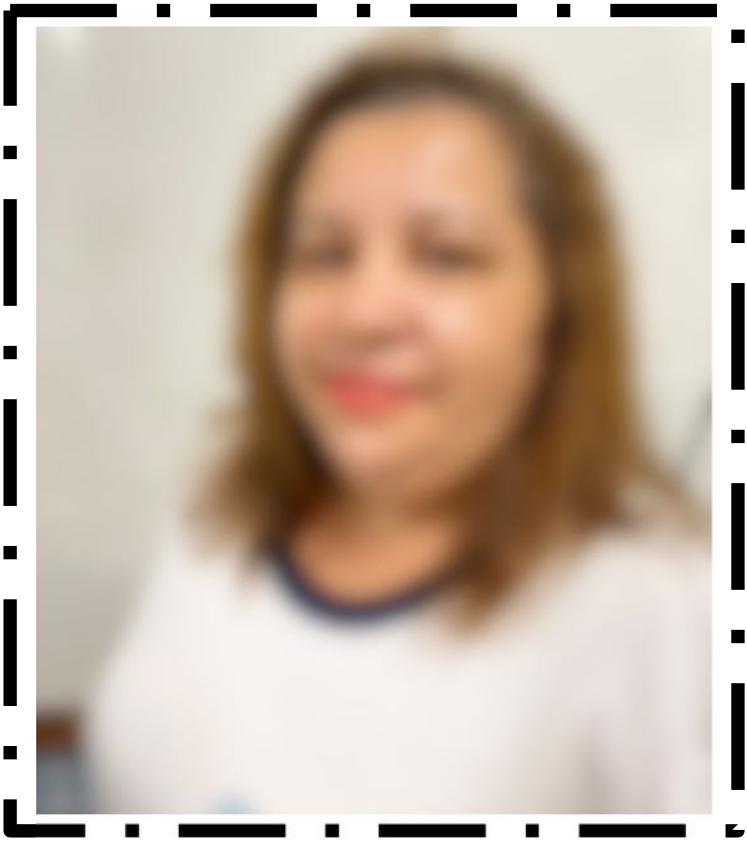


Meu nome é L. Nasci em um carro no Rio de Janeiro porque não deu tempo de chegar no hospital. Minha infância foi boa porque brincava de pique garrafão, brincava de escolinha e boneca e gostava de ir para escola. Minha adolescência foi ruim porque eu namorei uma pessoa que eu gostava muito, mas que não me valorizava. Minha família é pequena e moramos perto. Nos encontramos quando tem visita da minha tia, juntos gostamos de zoar. A coisa que mais marcou minha vida foi perder a minha avó. Quando eu era pequena não frequentei a escola. Aos 12 anos minha irmã me colocou na escola, mas parei de estudar quando quebrei a perna.

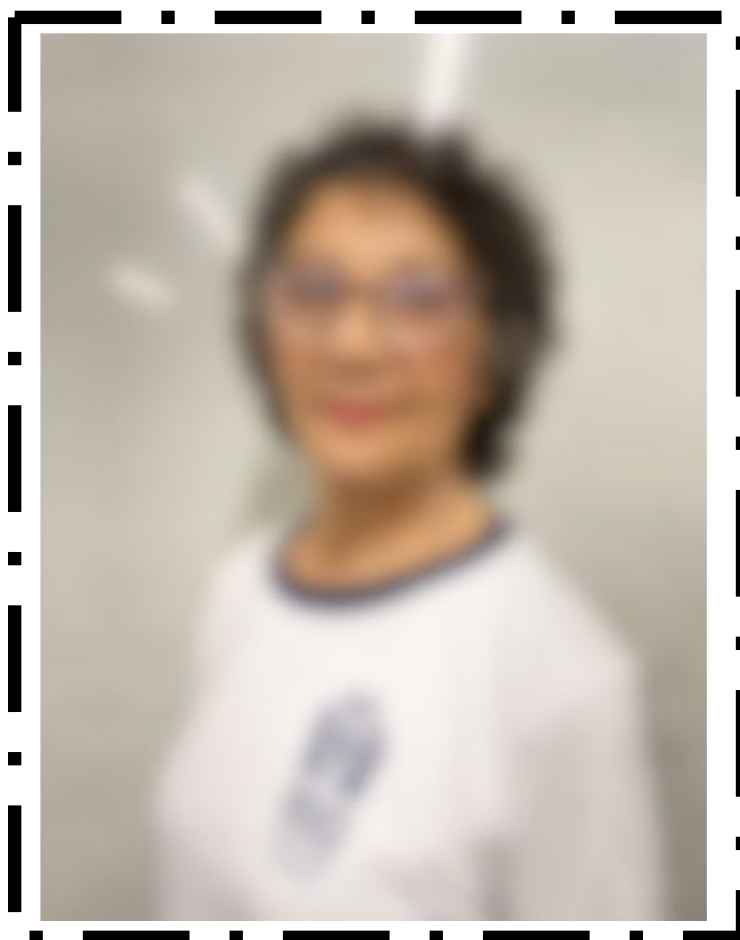
Com 20 anos resolvi voltar a estudar e procurei a escola novamente. Sou muito brincalhona, maneira e quieta. Gostaria, no meu futuro, de trabalhar. Meu sonho é ter uma casa. Minha meta é aprender a ler e a dar troco para trabalhar como caixa em mercados.



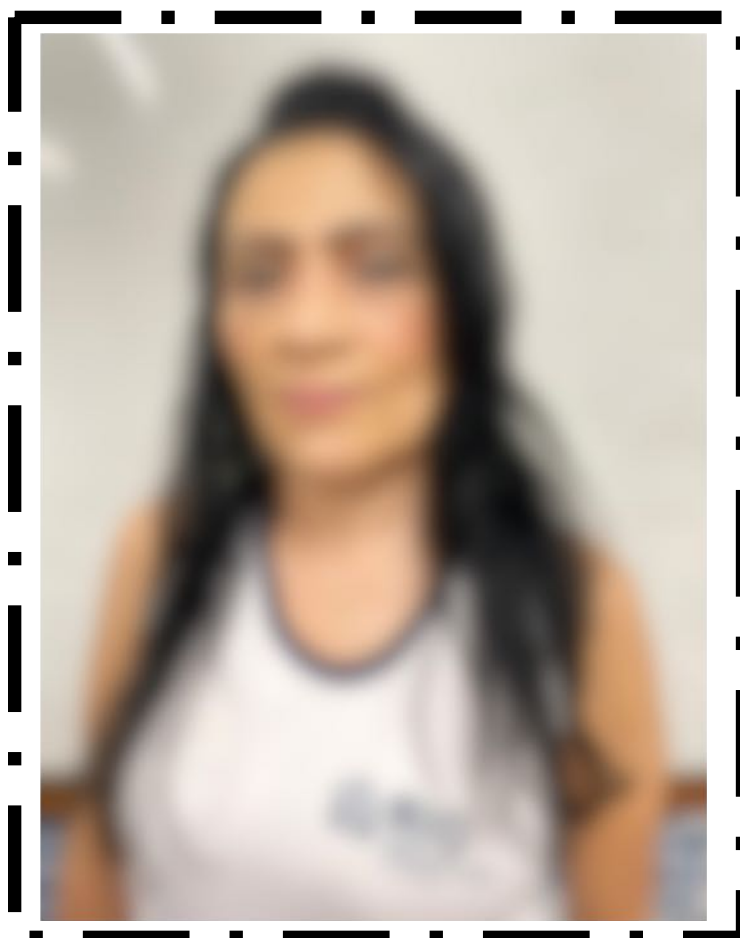
Meu nome é M. Nasci na roça no município de Recife no Estado de Pernambuco no dia 16 do mês de outubro do ano de 1964. Minha infância foi difícil pois fui criada sem pai e nem mãe. Fui criada pela madrasta da minha mãe. Tive que trabalhar desde cedo nas casas de família. Minha adolescência foi trabalhando para sobreviver. Minha família é pequena e unida moramos próximo e não nos encontramos com frequência, só em festas quando convidam. As coisas que marcaram a minha vida foram o nascimento do meu filho e da minha filha. Minha trajetória escolar foi com muita dificuldade pois não tinha horário para continuar. Agora está mais fácil, pois consigo conciliar o trabalho com os estudos. Hoje me defino como uma guerreira. Porque lutei para chegar até aqui e continuo lutando. Para o meu futuro espero ser uma pessoa melhor, ter mais conhecimento e ter uma vida melhor. Meu sonho é ler e escrever melhor e vencer na vida profissionalmente.



Meu nome é M. Nasci no município Sítio Lagoa de Dentro no Estado da Paraíba no dia 21 do mês de agosto de 1970. Nasci de parto normal. Eu estava quase morrendo e minha mãe colocou uma vela e eu sobrevivi. Minha infância foi muito boa. Brincava bastante, mas aos 8 anos comecei a trabalhar em casa de família e aos 10 eu vim para o Rio de Janeiro para trabalhar também em casa de família. Na minha adolescência eu trabalhava em casa de família e saía com as minhas colegas nos finais de semana. Aos 17 anos me casei e tive minha família aos 18 anos. Minha família é grande pois tenho três filhos e cinco netos. Graças a Deus a minha família é bem unida, moramos perto uns dos outros. Com a correria do dia a dia, minha família se encontra em datas comemorativas e aniversários. Nós gostamos de dançar, cantar, beber e conversar. As coisas mais importantes que marcaram a minha vida foram os meus filhos, minha casa própria e quando dei uma casa para cada filho com meu trabalho. E a chegada dos meus netos. Eu nunca tinha estudado pois não tinha tempo. Comecei porque meu filho que mora comigo me incentivou. Sou uma mulher vitoriosa por ter saúde e estar de pé até hoje. Para o meu futuro espero ter bastante saúde para poder ver meus filhos e netos bem encaminhados. Meu maior sonho é aprender a ler e escrever.



Meu nome é M. Nasci no município de Olho d'Água no Estado da Paraíba. Nasci no dia 25 do mês de maio de 1952. Quem fez o meu parto foi a minha avó, a parteira da cidade. Minha infância foi bem difícil porque trabalhei muito nova na lavoura e carreguei água. Aos nove anos vim para o Rio de Janeiro com a minha mãe. Mas 3 anos depois voltamos para Paraíba. Na minha adolescência eu voltei para o Rio de Janeiro trabalhando em casa de família. Aos 16 anos minha patroa me colocou na escola, mas eu não tive maturidade e nem interesse em estudar então sai. Aos 20 anos engravidei e me casei. Minha família é grande e unida, moramos próximo e nos encontramos todos os dias. Gostamos de almoçar e comemorar as datas comemorativas. As coisas mais importantes que marcaram a minha vida foram a separação do meu pai e da minha mãe, quando me perdi em Madureira com poucos dias no Rio de Janeiro e o nascimento dos meus filhos. Minha trajetória escolar no início foi muito desinteressada, depois com trabalho fiquei pouco tempo pelo cansaço. Hoje sou uma vencedora pois conseguiu chegar até aqui! Consegui criar os meus filhos com bastante dificuldade, mas venci. Para o meu futuro eu espero me formar. Os meus principais sonhos são os ver os meus filhos bem, casados, felizes e com saúde.

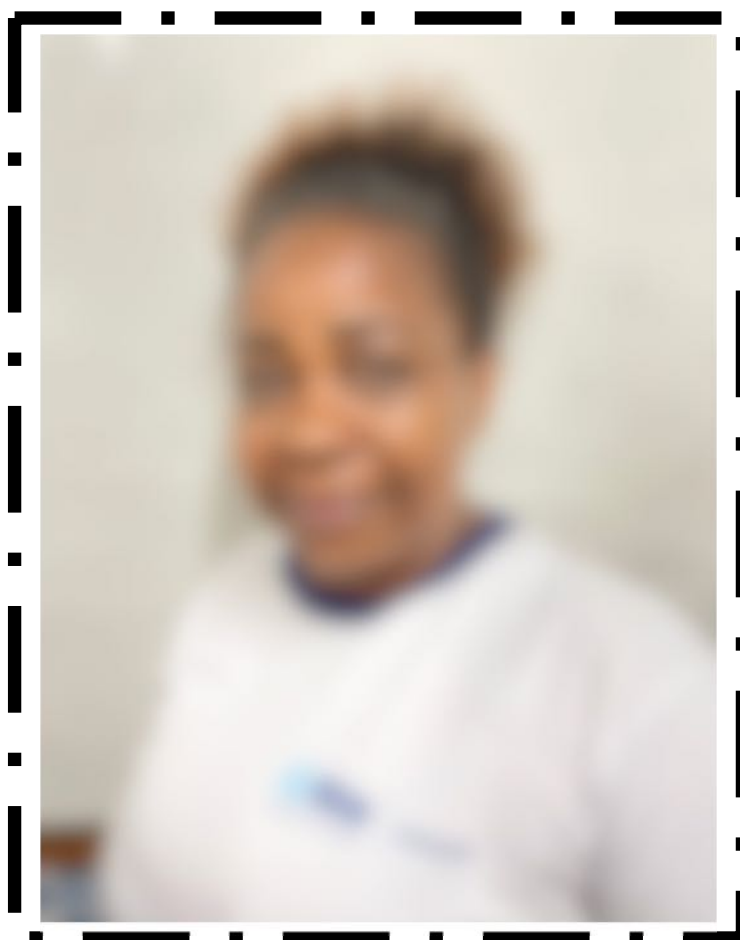


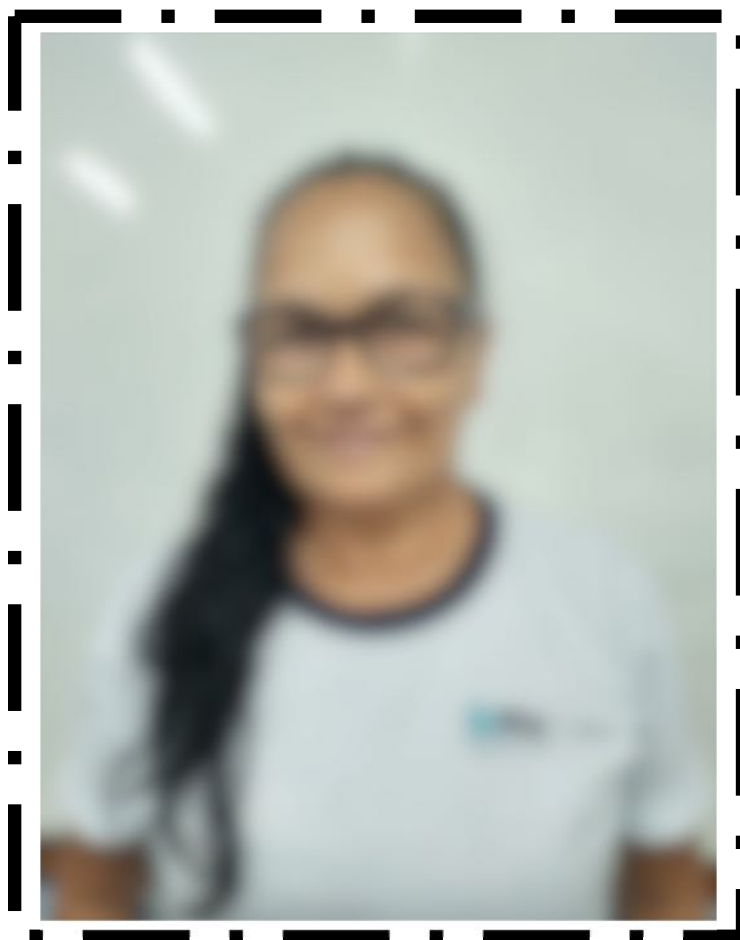
Meu nome é M. Nasci no município de Nova Cruz no Estado do Rio Grande do Norte no dia 5 do mês de junho de 1954. Nasci no interior com ajuda de uma parteira. Minha infância não foi muito boa pois eu tinha que ajudar minha família e estudava numa escolinha de roça, em uma fazenda que o meu pai trabalhava. Na minha adolescência eu vim para o Rio de Janeiro trabalhar em casa de família com meu irmão para ajudar os meus pais. Me casei com 21 anos onde fui conhecer o meu verdadeiro nome. Minha família é grande e unida moramos uns próximos, outros em Nova Iguaçu. Criei dois filhos e uma neta que está com 23 anos. Nós gostamos de nos encontrar em festas comemorativas e almoços em família. As coisas mais importantes que marcaram a minha vida foi voltar a estudar e ter meus filhos. Eu estudei até a quarta série na Paraíba na escola da roça e agora estudo na Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega. Hoje estou realizada e consegui voltar a estudar. Para o meu futuro espero muitas coisas boas e uma vida melhor. Meus principais sonhos são viver bem com muita tranquilidade.



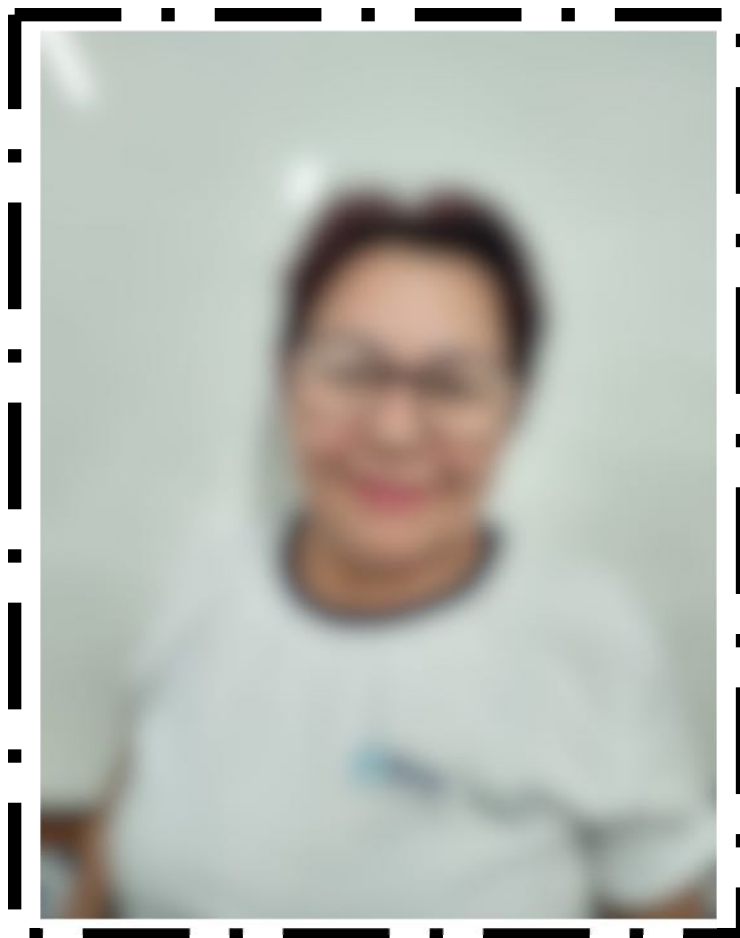


Meu nome é M. Nasci no Rio de Janeiro no dia 2 de junho de 1976. Me contam que nasci em casa e depois minha mãe foi levada para o hospital. Fui criado pela minha avó. Morei com minha avó até os 17 anos. Trabalhei desde os 8 anos. Minha infância foi com muita luta. Meu avô batia na minha avó e isso me deixava muito triste. Na minha adolescência só me lembro de trabalhar, mas às vezes conseguia soltar pipa escondido. Minha família é grande, porém cada um foi para o seu lado. Minha mãe faleceu há 8 anos. Sou casado há 27 anos a coisa que mais marcou minha vida foi a partida da minha mãe.

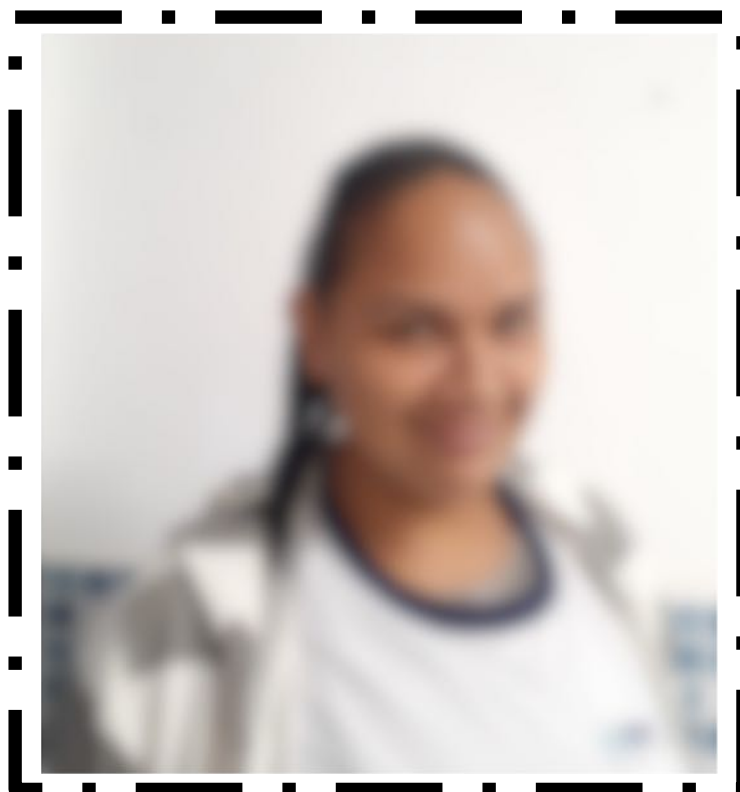




Meu nome é S. Nasci no interior da Paraíba no ano de 1965, numa sexta-feira. Tive uma infância onde brincava muito pouco, trabalhava no roçado com meu pai e durante o dia ia para escola. Minha mãe ficava em casa fazendo a comida e na hora do almoço nos levava para comer. Durante a adolescência não foi muito diferente, éramos seis filhos e todos tínhamos que trabalhar para ajudar o meu pai. Porque naquele tempo era tudo mais difícil. Tenho três filhos, um menino e duas meninas. Moramos mais ou menos próximos. Nos encontramos quase todos os dias. Eu ajudo a cuidar dos meus netos. Quando nos reunimos é uma alegria só! Colocamos os papos em dia, brincamos, eles dançam e é uma felicidade! Coisas importantes que marcaram a minha vida foram: o nascimento dos meus filhos, o meu pai e a minha mãe. Estudei muito pouco na Paraíba e vim voltar aos estudos aqui com a ajuda da minha filha, que achou que eu ficava muito só sem nada para fazer. Ela então fez a minha matrícula.

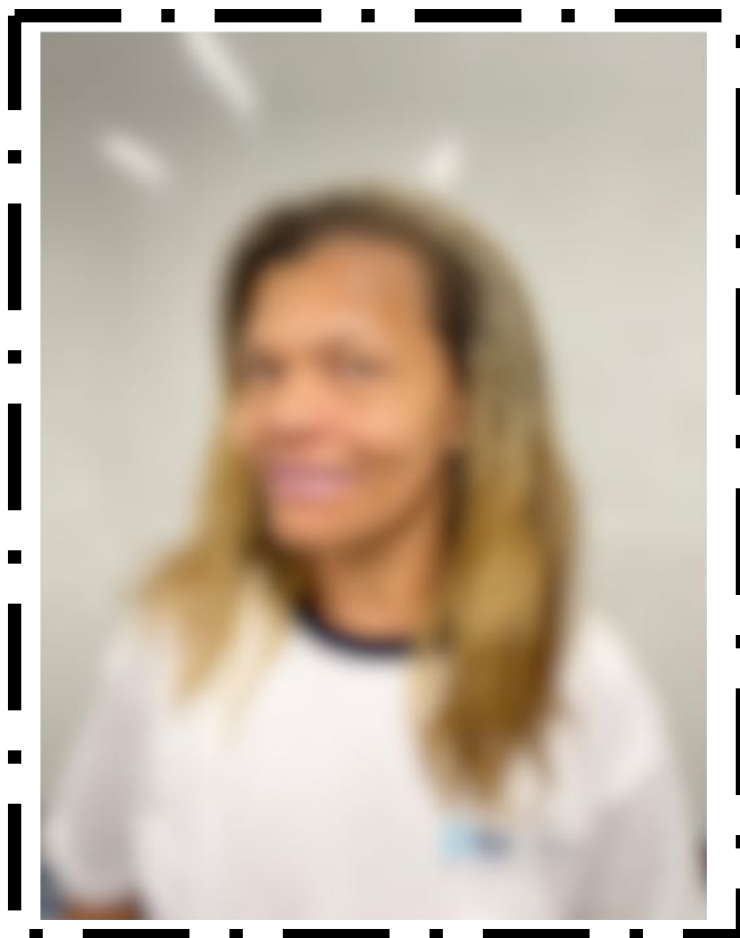


Meu nome é S. Nasci no município de Araçagi no Estado da Paraíba no dia 4 do mês de fevereiro do ano de 1957. Minha infância foi brincar de boneca, de bola de gude, andava muito de pés descalços. Minha adolescência foi dura, não podia sair de casa, não podia estudar, ninguém podia namorar. Só podia sair para trabalhar na roça. Aos 18 anos eu fugi com um rapaz para o Rio e me casei no civil e tive dois filhos. Minha família é grande e unida, moramos perto e nos encontramos com frequência. Conversamos, brincamos, fazemos um churrasco e nos divertimos bastante. As coisas mais importantes que marcaram a minha vida foi o meu segundo marido que me aterrorizava, a minha liberdade após o falecimento do meu marido que me prendia e meus filhos. Eu nunca tinha estudado e uma amiga me chamou para estudar. No dia da matrícula eu até chorei de emoção pois não acreditei que iria estudar. Hoje eu me defino como uma pessoa guerreira que não para nunca de lutar. Para o meu futuro espero continuar estudando, vencer na vida e ser professora de crochê. Meus principais sonhos são viajar para Portugal para visitar a minha patroa e aprender a fazer tricô.



Meu nome é T. Nasci no hospital no Rio de Janeiro no dia primeiro do mês de dezembro do ano de 1993. Minha infância foi difícil, sempre fiquei em casa, cuidando da minha irmã enquanto minha mãe trabalhava. Minha adolescência não foi muito diferente da infância. Casei-me aos 18 anos e fui mãe aos 19 anos. Minha família é grande, mas não muito unida. Moramos próximos e nos encontramos com frequência. Nós gostamos muito de conversar, rir, brincar e curtir os sobrinhos. As coisas importantes que marcaram a minha vida foram: trabalhar com material reciclável, o nascimento dos meus filhos e o meu primeiro namoro. Estudei pouco pois tive que ficar tomando conta da minha irmã para minha mãe trabalhar. Cheguei aqui na escola através de uma irmã da igreja que me incentivou a estudar. Hoje eu me defino como uma pessoa melhor após entrar na escola. Para o meu futuro espero terminar de estudar e fazer o ensino médio e até a faculdade. Os meus principais sonhos são ser dentista de criança ser advogada e trabalhar.





Meu nome é M. Nasci no município de Feira de Santana no Estado da Bahia no dia 6 do mês de setembro do ano de 1972. Minha infância foi muito dura. Brinquei pouco, trabalhei desde os nove na roça. Aos 13 anos, em Feira de Santana, comecei a trabalhar em casa de família. Aos 20 anos vim para o Rio de Janeiro com a minha irmã, já com emprego certo. Minha família é grande e unida, moramos distantes e por isso não nos encontramos com frequência, mas quando nos encontramos gostamos de colocar a conversa em dia e relembrar o passado. As coisas importantes que marcaram minha vida até hoje foram: meus filhos, minha família e minha vinda para o Rio, pois tive que deixar o meu filho com minha irmã e isso me doeu muito. Eu estudei muito pouco em Feira de Santana e só retornei agora para escola após tantos anos afastada. Hoje sou uma guerreira porque eu praticamente criei meu filho sozinha. Conquistei várias coisas, como a minha casa própria, formei uma família e sou feliz. Para o meu futuro eu espero me formar e ser contadora.



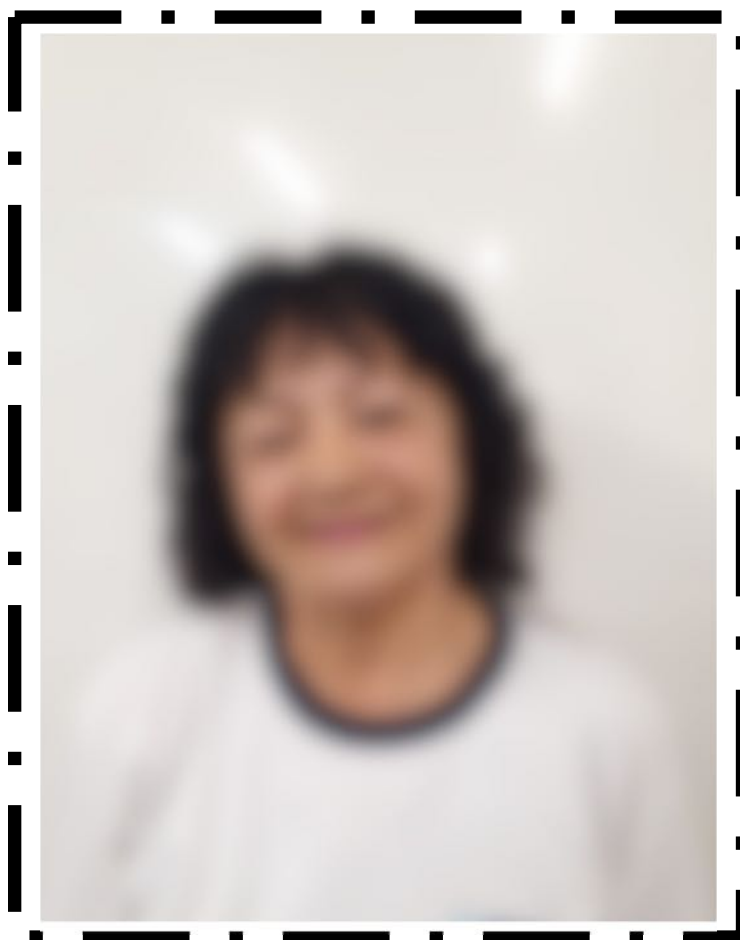
Meu nome é P. Nasci no dia 15 de agosto do ano de 1996 no hospital Getúlio Vargas que fica no Rio de Janeiro. Minha infância foi boa porque brincava de bola, pião, bola de gude e pique esconde. Minha adolescência foi boa porque eu continuava brincando muito. Minha família é grande e unida e nos encontramos com frequência para beber. As coisas que mais marcaram a minha vida foram as viagens que fiz para o Espírito Santo, Guarapari e Pedra Azul. Até 2013 estava estudando, mas precisei parar de estudar por conta da necessidade de viajar. 3 anos depois voltei para o Rio e voltei a estudar. Estudava à tarde. Mas precisei voltar para o Espírito Santo e novamente parei de estudar. Esse ano meu primo me convidou para estudar no PEJA então eu voltei para escola. Eu sou uma pessoa boa sou tranquilo. Hoje eu escuto mais. No futuro penso em terminar meus estudos e trabalhar embarcado.



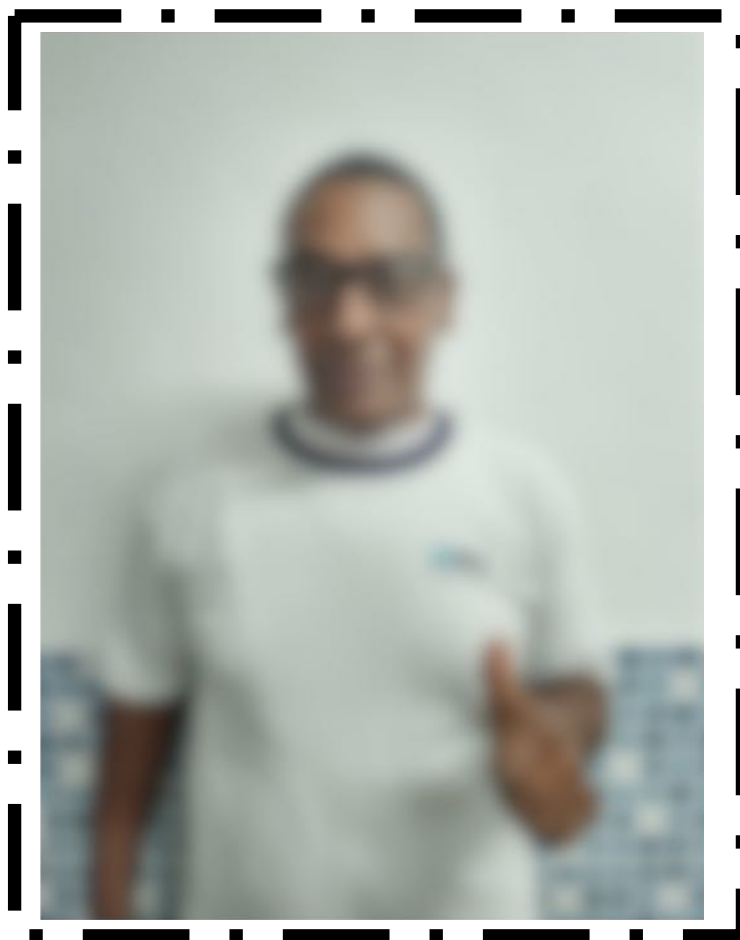
Meu nome é L. Nasci no município de João Pessoa no Estado da Paraíba no dia 5 do mês de fevereiro do ano de 1950. Nasci no interior e perdi minha mãe aos 5 anos em um parto. Não tive infância, trabalhei na roça desde os 8 anos. Fui criada por meu pai e minha madrasta que me batiam. Minha adolescência foi só capinar mato na roça. Vim para o Rio de Janeiro, onde tive que tirar os documentos quando fiquei maior de 18 anos. Trabalhei em casa de família.



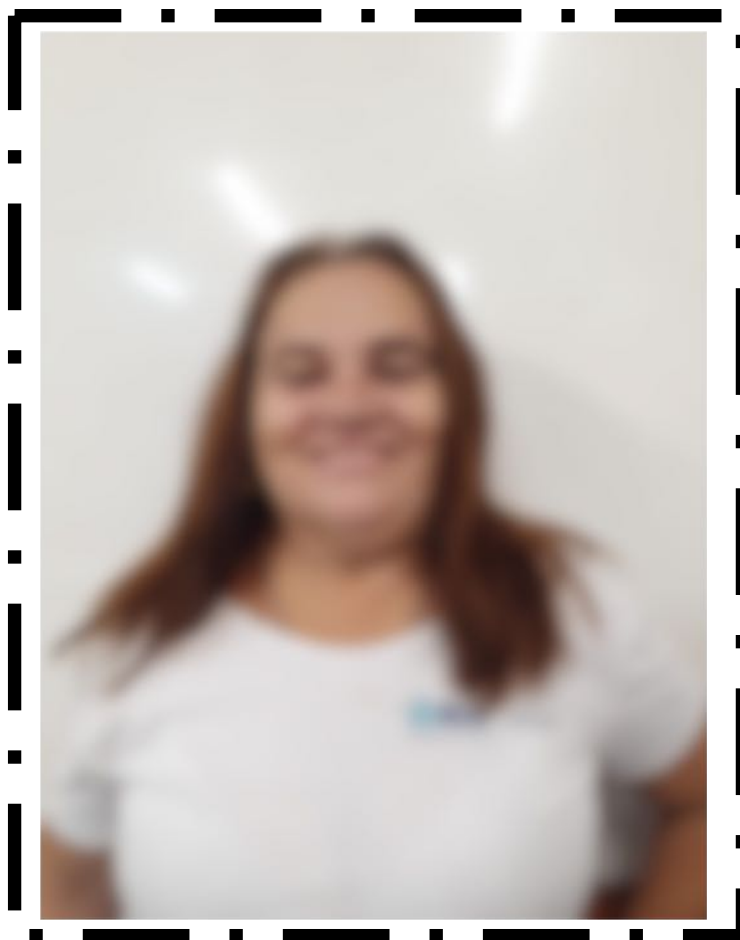
Eu tive dois filhos e dois netos. Meu filho mais velho faleceu. Uma vez no mês visito minha filha e meus netos. Almoçamos juntos e comemoramos datas importantes. A coisa mais importante que marcou minha vida foi o nascimento dos meus filhos e dos meus netos. Entrei na escola quando criança, mas meu pai me tirou para trabalhar na roça. Hoje me defino com a inteligência que Deus me deu. Para o meu futuro espero estudar e aprender a ler e ter saúde. O sonho que eu tinha já realizei, trabalhei como camelô e consegui me aposentar. Meus principais sonhos são sair da comunidade, ter um custo de vida melhor e ser feliz.



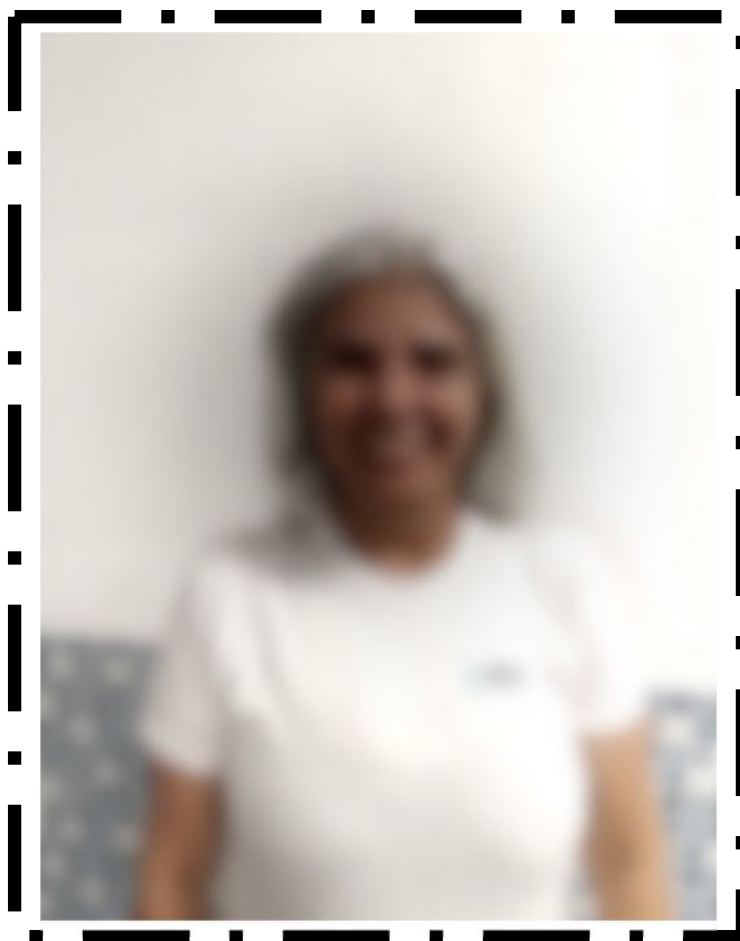
Meu nome é A. Nasci No Ceará no dia 19 do ano de 1955. A minha infância foi muito boa, eu brinquei muito com os pés descalços na terra. Na minha adolescência eu trabalhava muito pesado de Machado. A minha família é muito grande e unida. Eu me sinto muito feliz. A coisa que mais marcou a minha vida foi o nascimento da minha filha. Hoje eu agradeço a oportunidade que Deus me deu de aprender a ler.



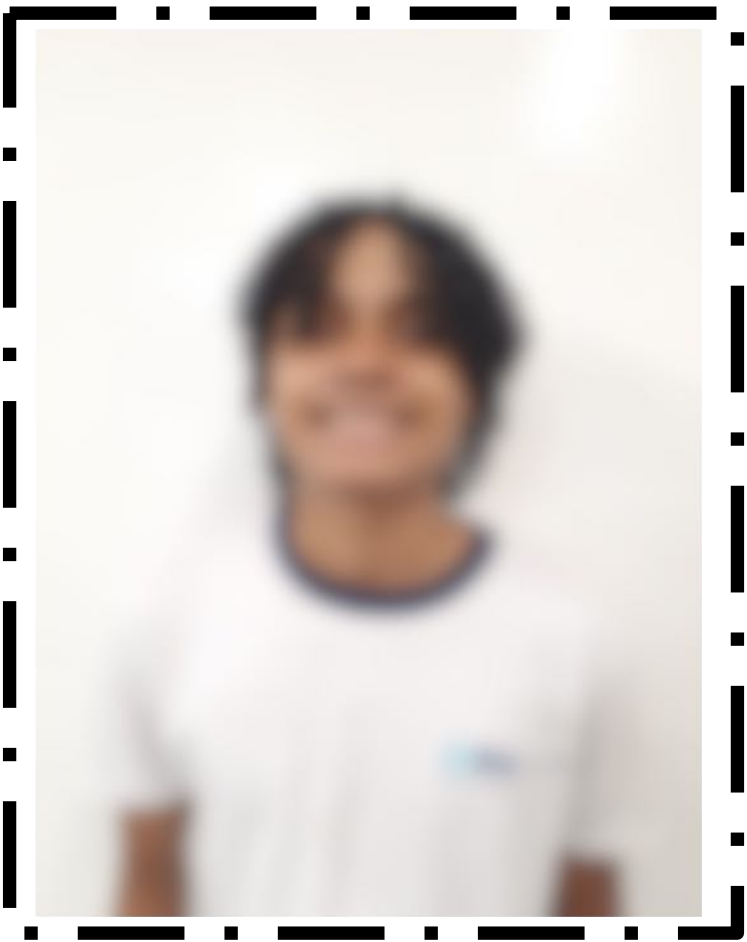
Meu nome é E. Nasci no Rio de Janeiro no dia 30 do mês de agosto do ano de 1965. Minha infância foi muito boa porque eu não tinha muitas responsabilidades. Só trabalhava na obra com meu pai aos 15 anos. Minha família é pequena, mas moramos perto um dos outros nos encontramos apenas nos momentos de dificuldade e gostamos de conversar aos domingos. As coisas que mais marcaram a minha vida até hoje foram minha família, meus filhos e as pessoas que Deus colocou na minha vida. A minha trajetória escolar foi com muita dificuldade, mas eu vou vencer com a ajuda das pessoas que participam comigo aqui juntas. Hoje vou vencendo a cada dia porque não é fácil estar nesse mundo sem luta. Para o futuro espero estar buscando o meu melhor. Os meus principais sonhos são ter uma boa saúde e viver bem. Minhas metas são ter um emprego em que eu me sinta bem de acordo com o meu problema.



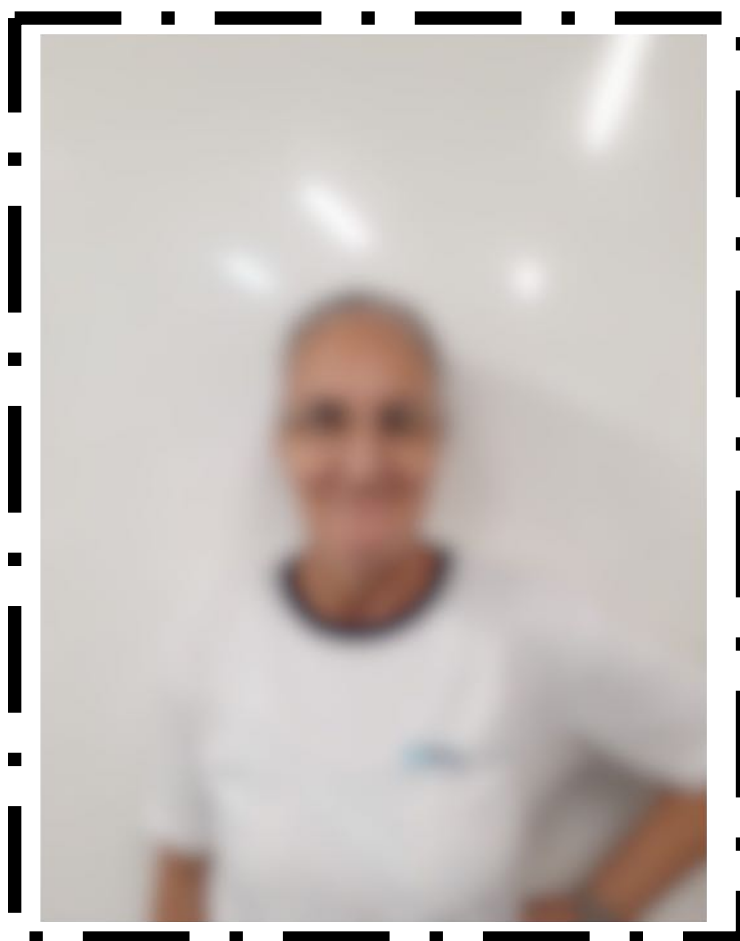
Meu nome é F. Nasci no Ceará no dia cinco de março de 1967. A minha infância foi muito feliz, morava na beira do rio. Com 12 anos perdi o meu pai e depois foi muito difícil quando ele foi para o cemitério. Eu saí para morar com a minha avó. A minha família é pequena aqui no Rio de Janeiro. As coisas que mais marcaram a minha vida foram meus netos, os meus filhos, meu casamento e o falecimento do meu filho. Hoje eu agradeço a Deus por ter conhecido ele e quero fazer o ensino médio para aprender a escrever direito.



Meu nome é G. Nasci na Paraíba. A minha infância foi brincar de roda. Na minha adolescência trabalhava de babá dos meus sobrinhos. A minha família é grande unida. A coisa que mais marcou a minha vida foi vira a escola para aprender a ler. Hoje eu agradeço por estar na escola para estudar e ser uma cuidadora de idosos.



Meu nome é J. Nasci em um hospital no Rio de Janeiro no dia 30 do mês de abril do ano de 2006. Minha infância foi uma tranquilidade. Eu tinha muitos amigos, jogava bola e andava de bicicleta. Agora na minha adolescência estou estudando e trabalho numa empresa de telemarketing. Minha família é unida e muito próxima. Nos encontramos todos os dias, principalmente o Ano-Novo e Natal. Gostamos muito de fazer festinhas durante todo o ano. Já fiz muita coisa nessa vida que quase não sei todas, minha vida foi como um filme. Já passei por várias escolas do município até chegar aqui na escola municipal Padre Manuel da Nóbrega. Só um menino bom, trabalhador e inteligente. Espero ser um bom técnico em TI. Meu sonho é ser um cantor de rock, um artista. Mas vinha a meta profissional mesmo é ser técnico em TI.



Meu nome é L. Nasci no Rio de Janeiro no dia 14 de junho de 1973. A minha infância foi tomar conta do meu irmão. A minha família é grande. A coisa que mais marcou a minha vida foi o nascimento do meu neto. Hoje eu agradeço a Deus por estar na escola e por fazer costura.

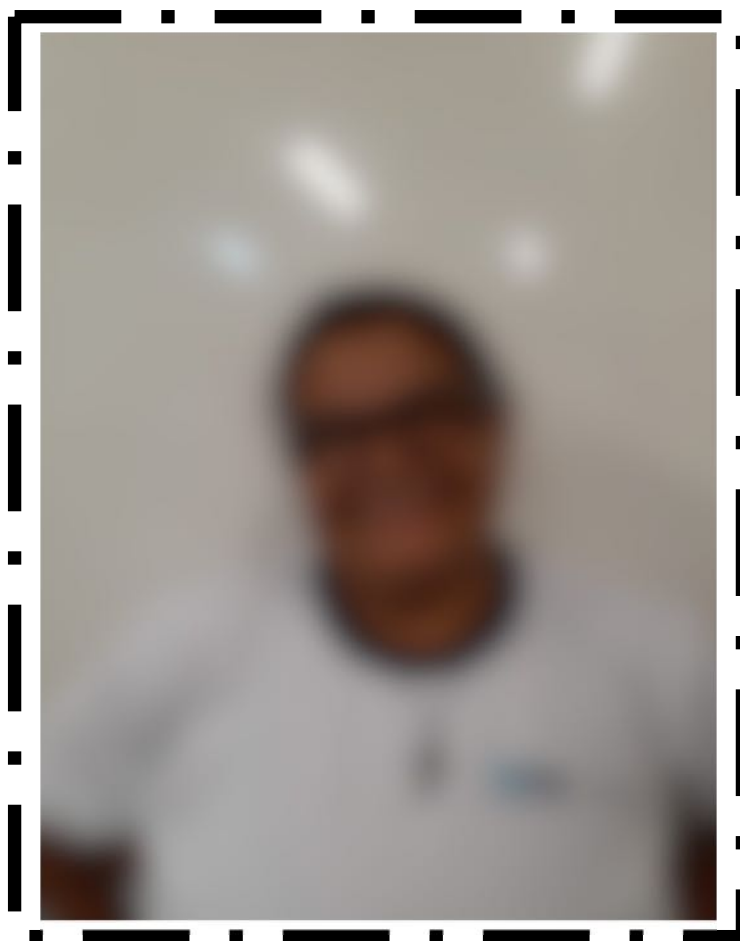


Meu nome é M. Nasci em Minas gerais no dia 31 de dezembro de o ano de 1966. A minha infância foi brincar de boneca. Na minha adolescência brincava de peteca. A minha família é grande e bonita. As coisas que mais marcaram a minha vida foram o falecimento do meu pai e a minha mãe. Hoje eu agradeço e agradeço a Deus e peço a ele também.



Meu nome é M. Nasci em casa com ajuda de parteira no município de Pacujá no Estado do Ceará no dia 29 do mês de agosto do ano de 1968. Na minha infância trabalhava na roça das 7:00 da manhã às 4:00 da tarde, depois tomava banho, comia algo e ia brincar com as colegas, não estudava. Na minha adolescência continuava trabalhando na roça e foi boa porque ia ao forró e namorava. Também não estudava. Minha família é pequena, moro atualmente sozinha. Minha família está no Ceará. Não nos encontramos porque moramos longe, às vezes me encontro com meus amigos. As coisas mais importantes que marcaram a minha vida foram o falecimento da minha mãe, uma surra que minha mãe me deu e que eu até saí o dia todo de casa e a época em que eu dançava. Cheguei a estudar com uma professora chamada Rute que me ensinava em sua casa. Fiz amizade com ela e ela me ajudou um pouco. Mais ou menos uns dois meses depois eu fui para a escola Padre Manuel da Nóbrega. Hoje me vejo como uma pessoa com mais noção das coisas. Espero para o meu futuro coisas boas. Meus principais sonhos são aprender a ler e escrever para não depender dos outros, ser independente. Minhas metas são participar de cursos como artesanato, participar de passeios e excursões e visitar museus conseguindo ler as informações.

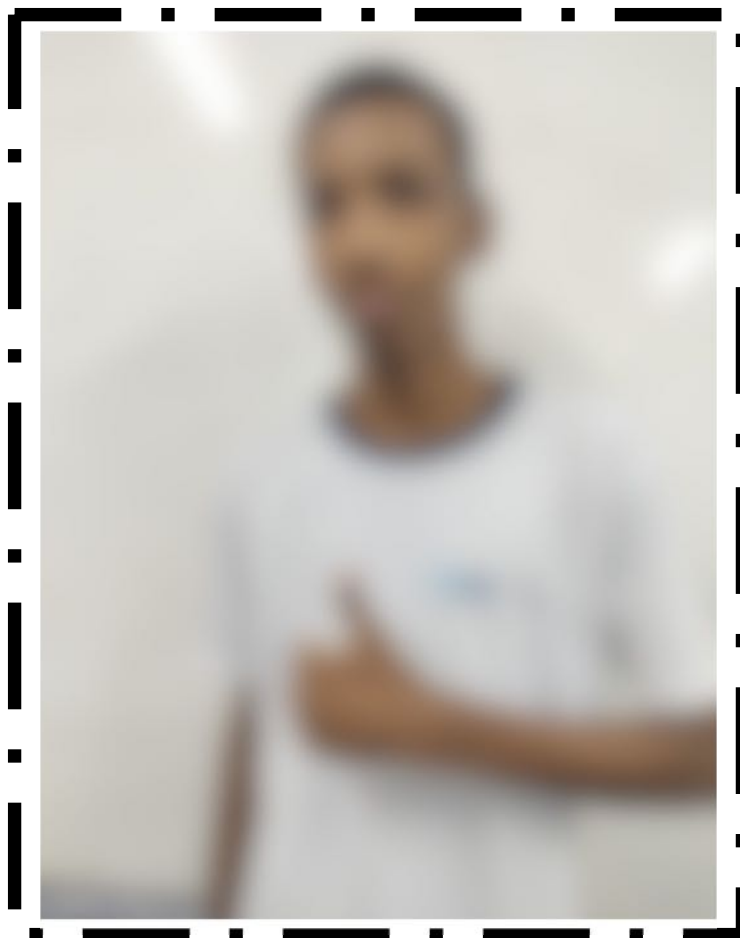




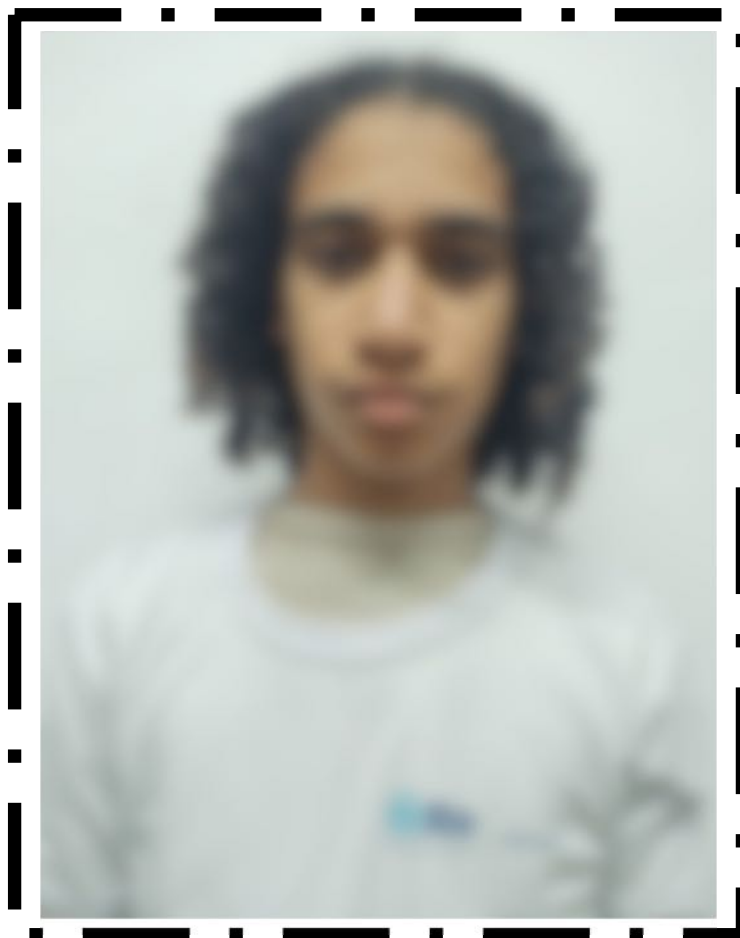
Meu nome é L. Nasci no Rio de Janeiro em 23 de setembro de 2005. A minha infância foi brincar bastante com minhas primas e colegas e me divertir bastante. Na minha adolescência eu já tinha umas responsabilidades e tanto. A minha família é bem grande, bem unida, bastante divertida e sempre nos reunimos aos finais de semana e admito que isso é bom demais e são todos vizinhos! As coisas que mais marcaram a minha vida foram a perda da minha avó, e meu sobrinho, e logo em seguida o nascimento da minha filha. Isso foi o que mais marcou minha vida. Hoje eu agradeço por ter outra oportunidade de estar estudando para poder ter um ótimo trabalho e poder dar uma vida melhor para minha filha e para minha família. E no futuro eu pretendo realizar meu maior sonho que é servir a marinha.



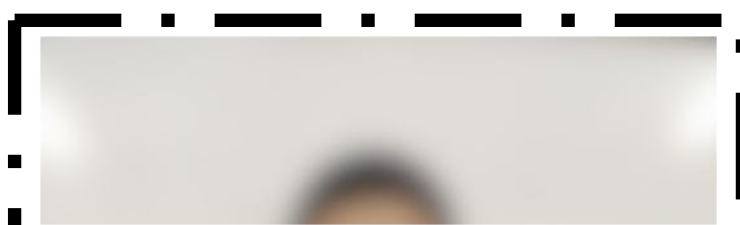
Meu nome é V. Nasci no Rio de Janeiro no dia 26 de julho do ano de 1965. Na minha infância brinquei muito. Na minha adolescência trabalhava para ajudar meus pais, tive que parar de brincar. A minha família é unida e se junta todo final de semana. As coisas que mais marcaram a minha vida foram nascimento dos meus 10 filhos e o nascimento dos meus 15 netos. Hoje eu agradeço estar estudando para aprender a escrever.



Meu nome é G. Eu tenho 19 anos. Eu nasci no Rio de Janeiro e minha família é muito boa. Eu amo a minha família de coração. Eu moro com eles. O que mais marcou minha vida foi estudar, ajudar as pessoas e jogar videogame. O que me fez chegar até aqui foi o estudo e a motivação. Para meu futuro eu espero que eu seja um bom soldado do exército brasileiro. Para poder defender o meu país. Hoje eu me definiria como uma pessoa bem tranquila e é isso.



Meu nome é K. Nasci no Rio de Janeiro no dia 4 do mês de julho do ano de 2006. Meu nome foi escolhido pela minha mãe minha avó e meu padrasto. Minha infância foi boa. Brincava bastante, jogava bola e soltava pipa. Minha adolescência está sendo boa. Continuo fazendo as mesmas coisas para me divertir, mas agora eu saio com meus amigos, com a minha mãe e a minha avó. Minha família é grande, mas não muito unida, moramos próximos e nos encontramos com frequência. Gostamos muito de assistir TV, sair e ir ao cinema. As três coisas que mais marcaram a minha vida foram meu nascimento, quando eu ganhei meu celular e quando viajei para Cabo Frio. Eu estudei na escola Vera Saback, Ruy Barbosa e vim para a escola Padre Manuel para poder levar o meu irmão para a escola. Hoje sou um rapaz mais responsável. Eu quero ser engenheiro, trabalhar e ganhar a minha vida. Os meus sonhos são a compra da minha casa e dar uma casa para minha mãe.

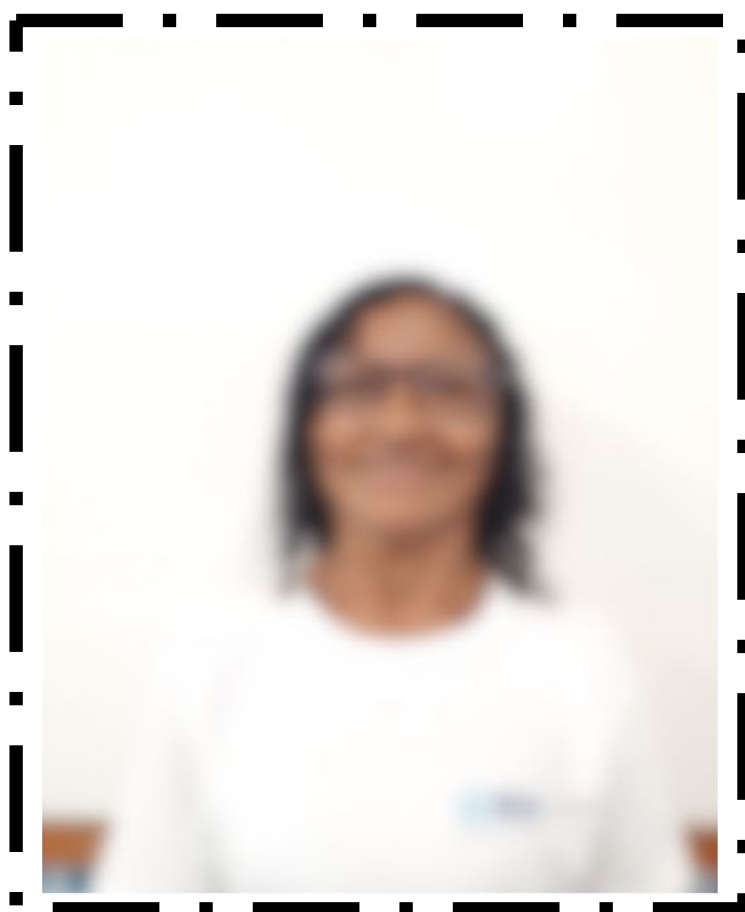


Meu nome é Y. Sou do Rio de Janeiro. Moro com a minha avó, meu avô e minha tia. Tenho 20 anos e tenho uma filha de 11 meses. Minha família é grande, mas moram longe um do outro. Minha meta é dar um futuro para minha família. Quero uma casa própria. Minhas metas são terminar meus estudos para mais à frente arrumar um trabalho. Melhor...hoje em dia trabalho como cumim em um restaurante, mas meu sonho é ser engenheiro. Até porque nunca é tarde para realizar nosso sonho.



Meu nome é A. Minha infância e adolescência não foram muito boas. Não gosto de nada que vivi. Mas apesar de tudo tenho 2 filhos maravilhosos que me dão muito orgulho. Tenho uma família grande, amo meus sobrinhos e meus irmãos. Tenho dois irmãos que moram em Recife. Sinto muita saudade deles e dos meus sobrinhos que moram lá. Mas estou pretendendo ir lá dar um passeio. Sou uma pessoa muito alegre, nunca tenho tempo ruim para mim. Às vezes gosto muito de sair, às vezes de ficar em casa. Sou uma pessoa forte porque a vida me fez ser. Voltei para a escola agora porque sempre é bom aprender e colocar a mente para trabalhar. Essa sou eu.





Meu nome é M. Nasci em Natal no Rio grande do Norte no dia 10 de março de 1961. A minha infância foi brincar muito de pés descalços. Na minha adolescência eu vim com 14 anos

para o Rio de Janeiro trabalhar. A minha família é adotiva e mora longe. As coisas que mais marcaram a minha vida foram aprender a ler e o falecimento do meu filho. Hoje eu agradeço a Deus por ter aprendido a ler e escrever e quero me formar no ensino médio.



Meu nome é José Augusto dos Santos. Eu gosto muito de brincar com o meu filho. A melhor coisa do mundo que Deus me deu foram duas riquezas para a minha vida, e eu sou muito feliz e agradeço muito a Deus que me deu duas crianças e uma mulher linda e maravilhosa. Eu gosto muito da minha família. Minha família é tudo para mim. Eu gosto de fazer comida e muito mais. Eu me lembro muito da minha infância, dos meus amigos quando a gente ia jogar bola na praia. Eu sinto muita falta, eu era muito feliz e não sabia. Eu gosto de fazer comida brincar e jogar. Três coisas que marcaram a minha vida foram minha família, meu trabalho e minha casa.





Meu nome é Silvana Pereira tenho 46 anos. Nasci na maternidade Fernando Magalhães do Rio de Janeiro. Nasci em uma família humilde, pelo que sei são todos capixabas, mas nasci no Rio de Janeiro e vivo aqui até hoje. Fui morar junto com meu primeiro marido muito cedo, aos 22 anos. Mas foi uma escolha errada, pois ele era um péssimo homem e tive 3 filhos com ele, que hoje são 3 adultas e 2 delas são mães. O que marcou bastante minha vida foi a conquista da compra da minha primeira casa própria para honra e Glória do senhor Jesus Em segundo lugar eu abrir meu pequeno negócio em casa, pois tenho uma barraca de doces e biscoitos. Eu saí da escola na quinta série pois não tinha cabeça que tenho hoje. Eu pretendo me formar, partir para o ensino médio e me formar também. Pois quero expandir o meu negócio e juntar grana para comprar casas ou quitinetes para alugar e ter um futuro confortável para mim, meus filhos e meus netos. Pois quero dar a eles tudo o que eu não tive.



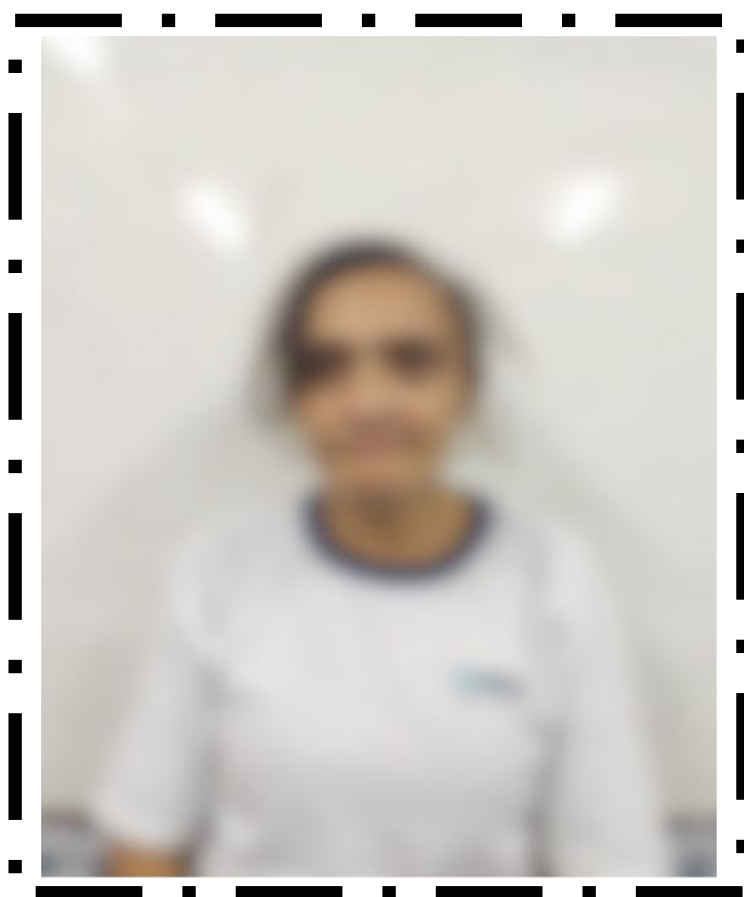
Meu nome é C. Eu quero ficar rico e comprar um carro BMW e comprar várias motos para cada um da família. Comprar um apartamento de frente para a praia e sair da favela do Alemão. Tirar os cracudos da rua e ajudar os deficientes.



Meu nome é V. Nasci no dia primeiro do mês de julho de 1999. Eu ia nascer de parto normal, mas a minha mãe queria ligar e os médicos me empurraram para dentro de novo para fazer cesariana. Minha infância foi maravilhosa por ser criada por uma mulher maravilhosa

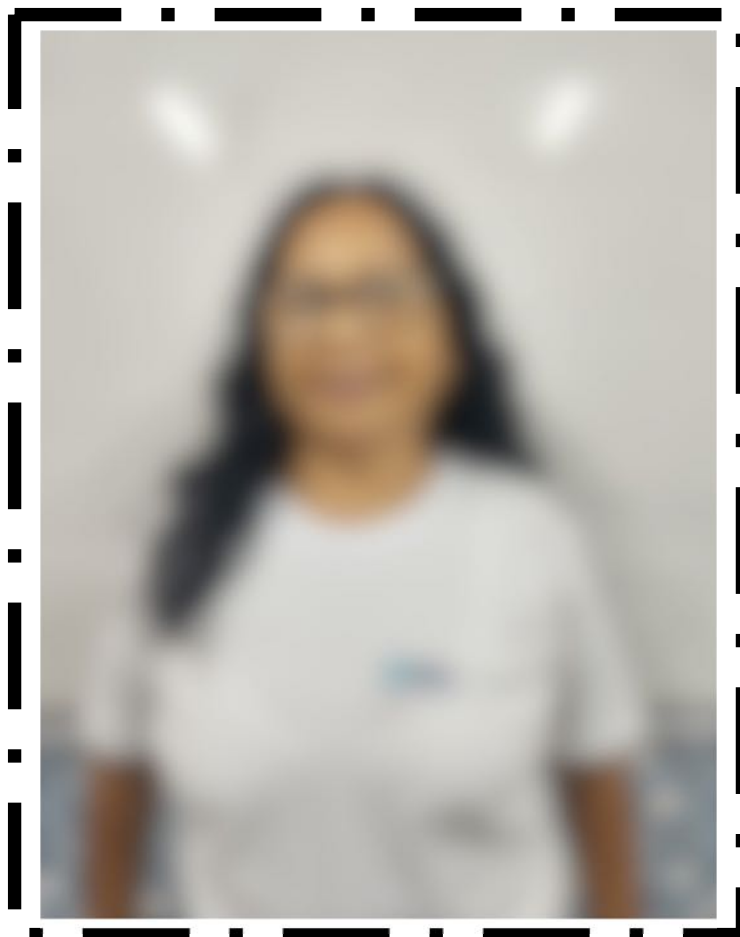
como minha mãe. Ela é tudo para mim. Minha adolescência foi boa. Minha família é grande, mas cada um é no seu canto. A gente só se encontra em casos especiais. A gente gosta de fazer festas juntos para beber e brincar. A coisa mais importante na minha vida é minha mãe que é uma guerreira e que criou 10 filhos sozinha sem a ajuda do meu pai. Isso para mim é muito importante. Minha trajetória aqui na escola está sendo maravilhosa, estou amando os professores. Eles são muito bons e legais. Hoje sou uma mulher de 23 anos com responsabilidade. Sou casada com um homem maravilhoso e cuido do bar da minha mãe. Isso é muita responsabilidade para mim. Para o meu futuro espero terminar os meus estudos e fazer minha faculdade de veterinária. Meu sonho é ter minha casa própria e ter minha família com meu marido.





Meu nome é G. A coisa que mais marcou a minha vida foi o nascimento dos meus filhos. São meu orgulho. Meu sonho é fazer uma faculdade. Minha infância foi muito feliz. Brinquei muito na rua de pular corda, jogar pião, bola de gude. Tomava banho de chuva e tomava banho

com meu irmão. Isso era minha infância. Eu nasci em Pernambuco. Minha família era grande e eu tive 4 filhos e eles são meu orgulho.



Meu nome é S. Tenho 60 anos. Eu não tenho muito para contar da minha vida. Sou solteira e tenho 2 filhos. Trabalho muito para poder pagar as minhas contas em dia. À noite vou para a escola que fica perto da minha casa. Já fui casada e me separei porque ele me batia muito. Moro sozinha. Meus filhos me visitam de vez em quando, não tenho pai não tenho mãe. Tenho 10 irmãos e eles não ligam nunca para saber da minha pessoa. Eu não sou feliz, mas a vida continua. Vamos continuar a ser feliz porque o tempo é curto.



Meu nome é V. Eu tenho 16 anos. Tenho uma família grande, porém nós não somos muito unidos. A mais próxima é a minha prima que também é minha melhor amiga. Eu gosto muito de cantar e de me maquiar. Tenho talento com essas coisas. Algumas coisas que me marcaram na minha vida foi a depressão e a ansiedade. Eu consegui me curar, mas foi difícil, mas eu consegui. Eu ainda tenho ansiedade, mas está melhor. Meu objetivo é terminar os estudos e fazer um curso que me ajude no futuro a começar a trabalhar em uma coisa boa e realizar meu sonho de viajar para fora.



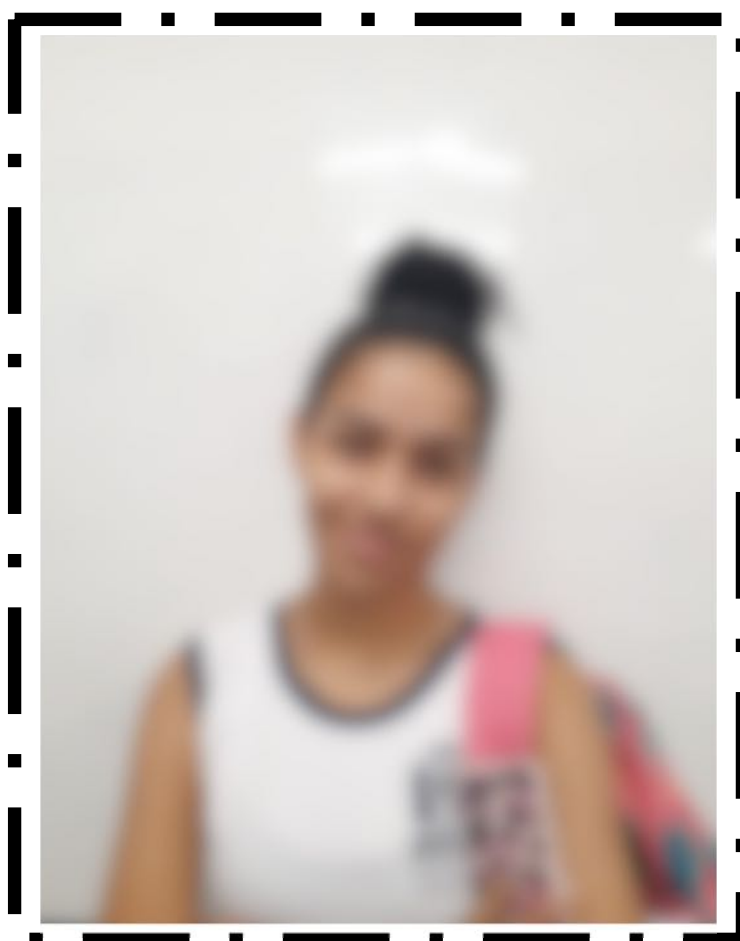
Meu nome é A. Nasci no Rio de Janeiro no dia 18 do mês de outubro do ano de 2006. Minha infância não foi muito boa. Minha adolescência está indo. Minha família é muito complicada. As coisas que mais marcaram a minha vida foram a morte da minha mãe e a morte do meu padrinho. Minha trajetória escolar também foi meio difícil. Hoje me defino como uma garota muito diferente e sempre tentando ser feliz. Para o meu futuro espero ser feliz com meu trabalho e minha família.



Meu nome é C. e tenho 20 anos. Só nascida no Rio de Janeiro. Na minha história passei por um trauma que marcou minha vida aos meus 18 anos de idade. Descobri que estava doente. Nossa, foi marcante porque foi um ano para descobrir o que eu tinha. Descobri que estava com tuberculose. Foram noites em claro porque minha tuberculose foi grave. Eu tive nove glândulas no pescoço e uma dessas glândulas estava na minha garganta. Não conseguia comer, só comia coisas líquidas. Foi um momento em que toda minha família achou que iria me perder. Pelos médicos eu não passaria de um mês de vida. Porque eu não só tive tuberculose. Eu tive derrame e eu tive água na pleura. Minha família sempre foi unida, mas foi mais unida ainda. Toda minha família fez um propósito com Deus. Foi onde meu milagre aconteceu e hoje sou grata a todos, principalmente a Deus. Hoje sou completa ao lado do meu filho. Hoje sou realizada, sou feliz ao lado da minha família. Obrigada Deus! Hoje sou completamente feliz.

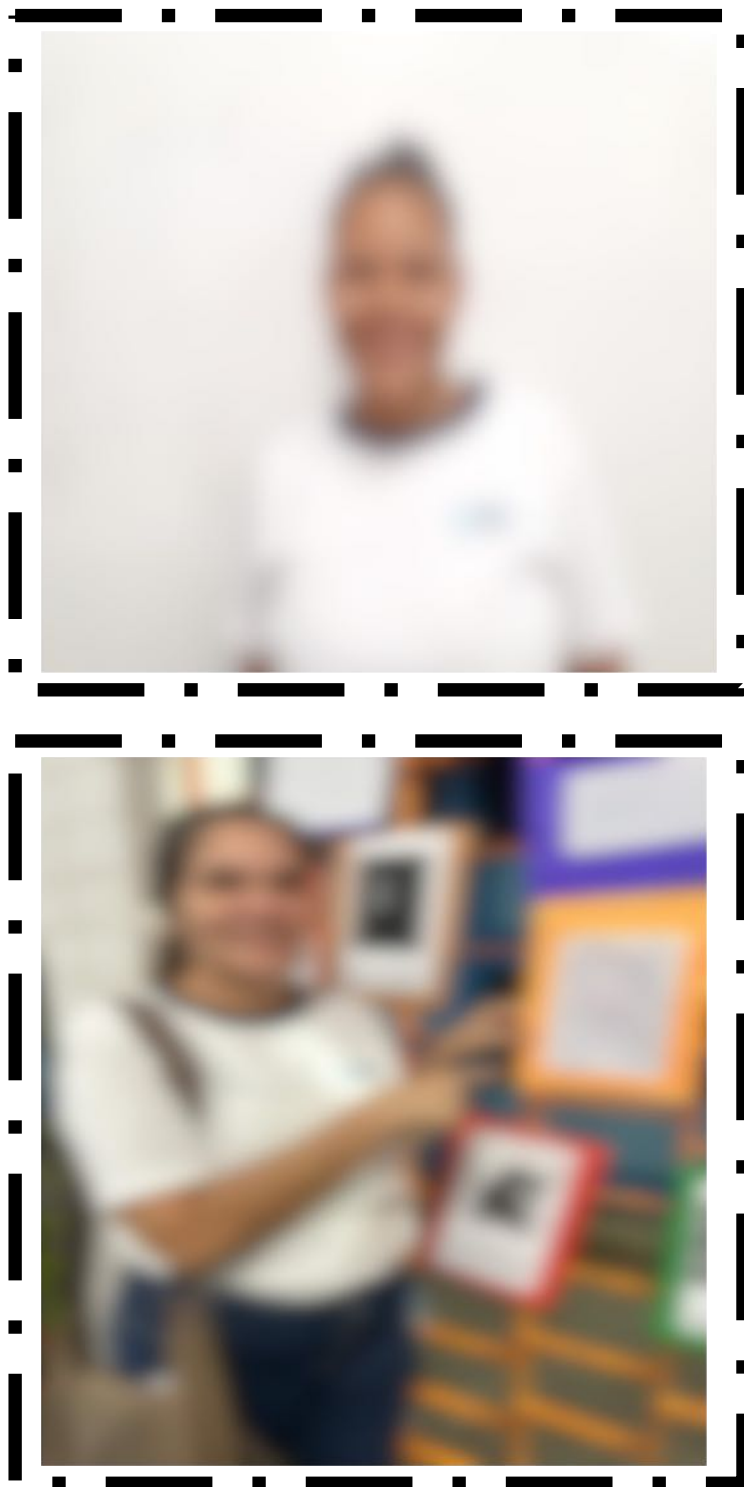






Meu nome é D. Nasci às 23:23 no hospital São Paulo que fica em Niterói no estado do Rio de Janeiro. Minha infância foi divertida, legal e amorosa. Minha adolescência foi cheia de rebeldia. Minha família é grande, mas não é unida, tem uns que moram próximo, outros não.

Quando nos encontramos gostamos de fazer churrasco. As coisas que mais marcaram a minha vida foram a minha operação e quando caí de moto na primeira vez. Minha trajetória escolar foi muito perturbada. Meu principal sonhos é me formar em gastronomia.



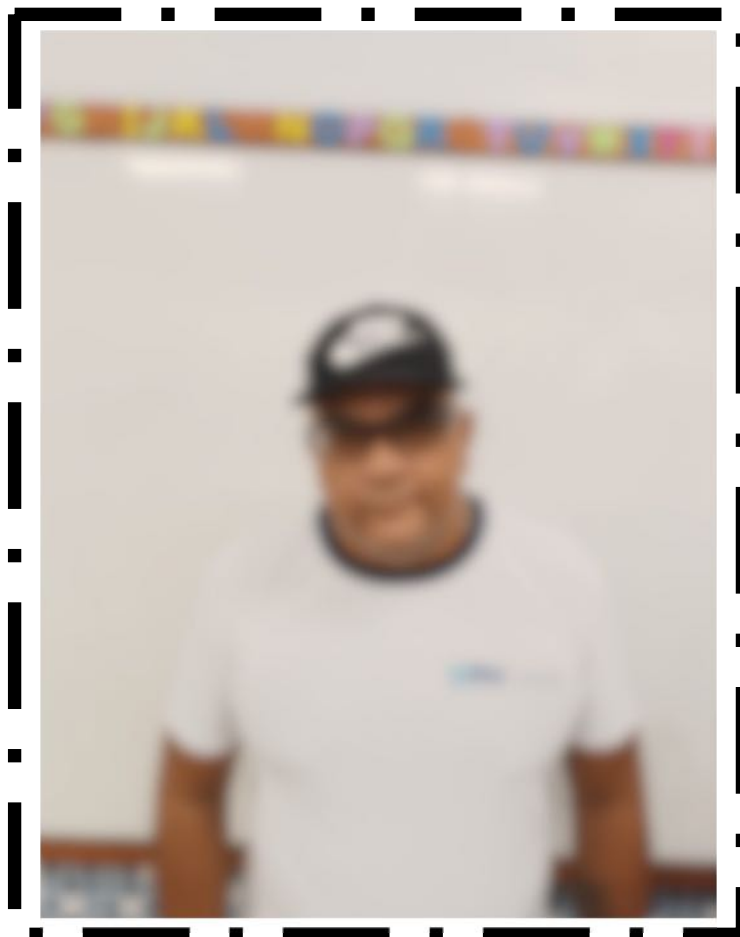
Meu nome é I. Eu tenho 52 anos. Nasci no estado do Rio Grande do Norte, Natal - RN. Meu nascimento foi uma benção de Deus. Tive uma infância muito feliz e uma curta adolescência, pois aos 18 anos me tornei mãe de 3 filhos. Com uma família feliz e meus pais

maravilhosos, que até hoje cuidam bem de mim. O que mais gosto é de viajar com minha família. O que mais marcou minha vida foi a partida da minha mãe e a minha separação dos meus filhos. Para chegar até a escola tive que renunciar ao que mais gostava de fazer para continuar meus estudos. Quem sou hoje? Uma mulher mais madura, cheia de escolhas, que espera dela uma ampla vida. Que seja curada para sarar pessoas que vivem sem mérito. Meu futuro? Depende das minhas escolhas certas para vencer e ter um futuro brilhante.



Meu nome é M. e tenho 16 anos e nasci no Rio de Janeiro. Minha mãe e meu avô nasceram tudo na Índia. Eles vieram para o Rio de Janeiro e tiveram meu irmão, depois teve minha irmã, depois teve eu e minha irmãzinha também. Eu puxei o meu avô e minha mãe. Minha família é muito grande. Alguns são unidos outros não, às vezes quando estamos juntos gostam de fazer um churrasco para unir. Alguns moram perto um do outro. Outros moram um pouco longe, por exemplo minha avó mora em Cabo Frio, minha tia mora em Paris. Às vezes eu gosto de ir treinar futebol porque meu sonho é dar um futuro melhor para minha família. Antes eu não pensava em estudar. Agora que percebi que não era futuro para eu ficar de brincadeira em sala de aula, depois que entrei para o PEJA percebi que era fácil para eu poder

chegar aonde eu queria. Agora só vou focar aonde eu quero chegar porque a minha meta é ser jogador.



Meu nome é M., mas todos me conhecem como Marcão. Tive uma infância muito conturbada pela perda da minha mãe quando eu tinha 11 anos de idade, morando com meu pai até os meus 21 anos quando ele veio a óbito devido a uma doença causada por excessos. Passei por muitos obstáculos, até abandonar a escola e perder o rumo da vida. Mas sempre fui um sonhador. Passei por muitas coisas feias e vi coisas horrorosas. Não queria me lamentar, mas não lembro de coisas boas. Nunca perdi as esperanças. Sempre sonhei com um futuro melhor. Trabalhei muito e continuo a trabalhar para mudar a minha história. Uma coisa eu te digo: o estudo é fundamental na vida de quem se aventura nela! Correr atrás de seus sonhos requer disciplina e disposição. Tem horas que por tudo que a gente passa faz às vezes batermos a cara na porta. Literalmente, sem estudos fica muito difícil, mas nunca é tarde para recomeçar. Foi quando resolvi voltar à escola. Às vezes me sinto como viajante do tempo retornando ao passado que eu abandonei e revivendo o presente para viver um futuro melhor. O que eu aprendi é que os estudos é a melhor coisa que o homem pode ter. Não desista! Siga em frente sempre!



Meu nome é M. Eu tenho 43 anos. A minha infância foi muito sofrida. Meu pai tinha que acordar muito cedo para trabalhar e minha mãe ficava em casa cuidando de nós. Levava eu e meus irmãos para a escola, depois ela cuidava dos afazeres da casa. Aí foi passando o tempo e a gente virou adolescente. Cada um foi ver a sua vida. Eu me casei muito cedo e tive que parar de estudar para trabalhar e ajudar a criar os nossos filhos. Depois de muito tempo voltei a estudar para concluir os meus estudos para ter uma vida melhor.



Meu nome é N. Nasci no dia 24 do mês de dezembro do ano de 1989 em Pernambuco. Nasci uma criança linda e com bastante cabelo. Minha infância foi muito difícil, dura, pobre, mas feliz. Minha adolescência foi muito triste, prefiro não falar o que aconteceu. Minha família é grande e moram próximos, mas não são muito unidos. Quando nos encontramos gostamos de fazer almoço em família e fofocar. As coisas que marcaram a minha vida foram a fome, o estupro e o amor de uma criança. Parei de estudar muito cedo pois precisava trabalhar para sustentar meus irmãos e minha mãe. Só voltei agora. Hoje não posso dizer que sou a melhor pessoa do mundo, mas estou cada dia vencendo meus medos e os obstáculos. No futuro pretendo me formar em enfermagem pois é um sonho e vou realizar. Os meus principais sonhos são dar uma vida melhor para as crianças do projeto, para meus filhos e me formar em técnica de enfermagem.



Meu nome é R. Tenho 17 anos e nasci no Rio de Janeiro, mas já morei em outros estados. Minha infância foi marcada por altos e baixos. Para começar minha relação com a minha mãe não era uma das melhores ficando pior aos meus 10 ou 11 anos, quando minha avó morreu. Ela era minha mãe. Fui criada na minha infância toda com ela. Foi um dos piores anos da minha vida. Minha chegada no PEJA foi um resultado da minha infância, pois minha mãe era alguém que vivia se mudando. As coisas que marcaram mais a minha vida foram a perda de pessoas muito próximas e a última foi a viagem em família. Para o meu futuro não espero muita coisa, no máximo e finalmente me formar e trabalhar com o que eu gosto. Às vezes quando eu paro para pensar vejo que a Raíssa de hoje não é a mesma de antes. Talvez certos traumas tenham que acontecer para que nossa personalidade seja feita. A pessoa alegre de antes se tornou na dela, eu tinha vários amigos e hoje evito confiar. Essa sou eu.



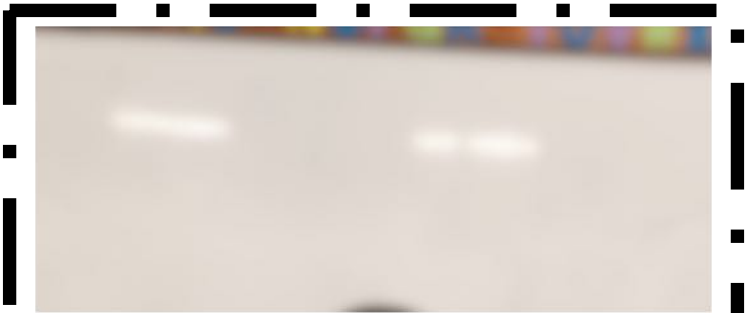
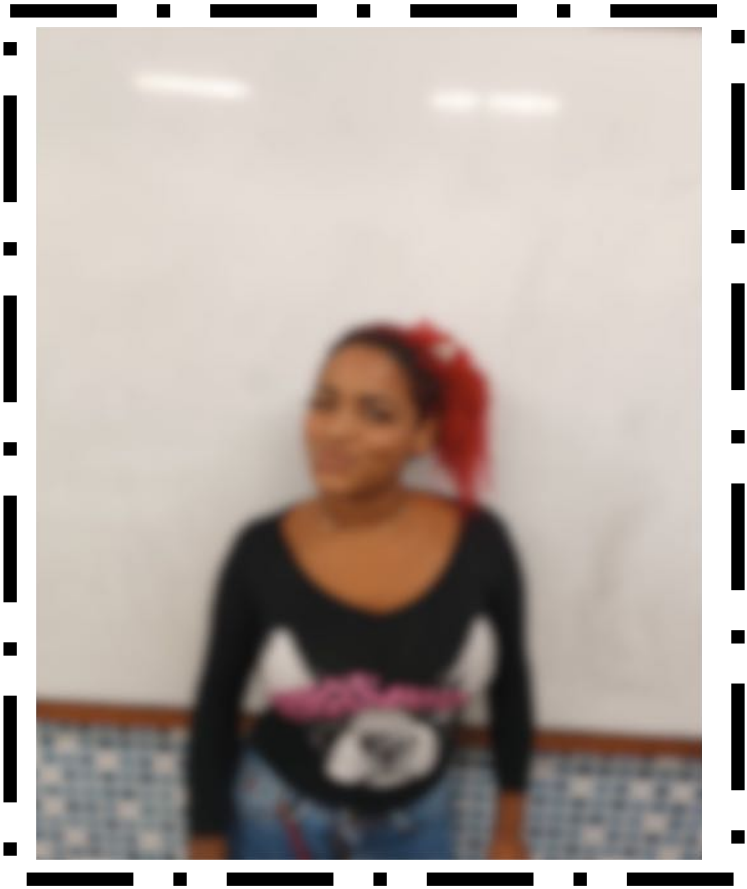
Meu nome é R. Nasci em São Paulo. Minha mãe se casou e veio morar em São Paulo e foi morar no bairro de São Miguel Paulista. Ela descobriu que estava grávida de gêmeos, e ela foi morar num quartinho bem pequeno que quase não cabia eles, meu pai não tinha condições de ter uma casa própria e fomos morar de favor. Enquanto passava o tempo, minha mãe ficava em casa cuidando das tarefas, enquanto meu pai trabalhava. Passando os meses minha mãe passou mal dentro de casa e meu pai estava trabalhando. Pelo que minha mãe contava, não tinha como avisá-lo, uma vizinha escutou seus gritos e viu que ela estava dando à luz e ali mesmo fizeram o parto normal. Nasceram duas meninas gêmeas e saudáveis. Logo foram avisar para o meu pai no trabalho, assim que ele soube correram com uma ambulância e levaram a mãe e as filhas para o hospital. Hoje nós duas moramos aqui no Rio de Janeiro e o restante da minha família em São Paulo. Somente cinco mulheres e um homem meu pai já é falecido.





Meu nome é R. Nasci no dia 5 de abril do ano de 1985 no Rio de Janeiro. Nasci e fui entregue a outra família com 2 dias de vida. Minha infância foi difícil, por não ser aceita pela “mãe” e pelo “irmão”, até hoje assim. Minha adolescência foi bem melhor pois fui casada. Minha família é pequena, desunida. Moramos próximo. O que mais marcou minha vida foi o nascimento dos três meninos, meus filhos. Hoje me defino como uma guerreira. Espero no meu futuro mudar a minha vida. Meu sonho é dar o melhor a meus filhos. Minha meta é fazer faculdade de serviço social.





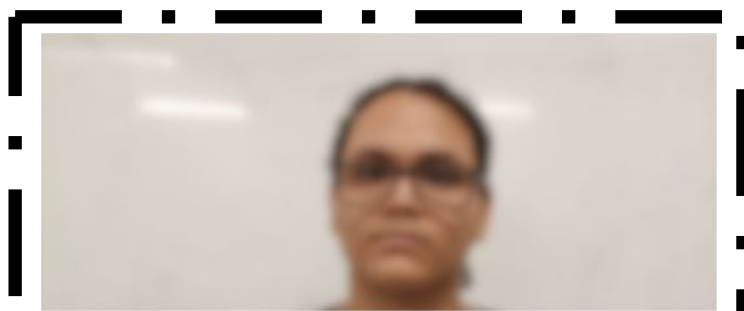
Meu nome é V. Venho de uma família humilde, que minha mãe educou seus filhos a serem pessoas de bem. Minha mãe sempre educou muito bem seus filhos. Sempre com incentivo aos seus filhos a estudarem, devido ela não ter podido estudar porque tinha que trabalhar para ajudar seus pais. Eu quis me casar cedo. Não terminei meus estudos, e hoje vejo o quanto faz falta. Agora que meus filhos cresceram, decidi voltar a estudar para me aperfeiçoar mais do meu trabalho e ter uma condição melhor para ajudar no futuro das minhas netas. Eu quero fazer faculdade de gestão de pessoas e me aperfeiçoar mais para poder até ajudar pessoas que devido às suas limitações não tem conhecimento para poder dar um ótimo rendimento no trabalho. Hoje é a falta de conhecimento em área de trabalho faz falta. Hoje eu quero ser uma pessoa com um pouco mais de conhecimento. A idade não importa porque nunca é tarde para estudar o conhecimento é fundamental para um futuro melhor.



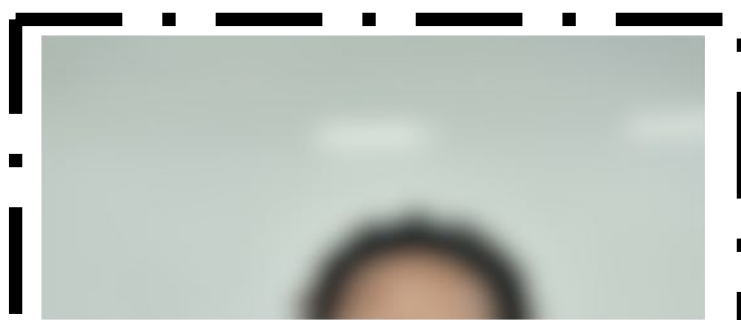
Me chamo Y. Nasci em 2016. Tenho 16 anos e faço 17 em 20 de junho. Tenho 5 irmãos, mas um faleceu quando eu ainda era criança. Ele era filho por parte de mãe. Agora sou só eu, e quem mora comigo é meu padrasto, minha avó e minha mãe. Eles trabalham e eu fico em casa tomando conta da minha avó, que é acamada. Quando dá 17:30 eu tenho que ir para a escola. Eu saio do colégio e chego em casa, janto e fico à toa. Mas parece que moro sozinho, as vezes só me tem acordado enquanto estão dormindo. Eu gosto quando minha família se reúne para um churrasco e quando vai toda à igreja. Os grandes acontecimentos que marcaram minha vida foram os melhores momentos de aniversários, quando eu ganhei meu primeiro vídeo game e chamei vários amigos para brincar comigo com meu presente que tinha ganhado. A outra foi quando eu ganhei meu primeiro dinheiro com meu esforço. Fiquei feliz porque não foi dependendo dos outros. Eu queria hoje ter um serviço com salário que podia me sustentar uns meses, queria ter minha própria casa, meu fogão, cama e uma família que possa me ajudar para também ajudar essa pessoa.



Meu nome é D. Nasci no Rio de Janeiro no dia 17 de agosto de 1992. A minha infância foi muito boa, mas eu só me arrependo de não ter estudado. Fora isso, eu não tenho que reclamar. Na minha adolescência eu já estava trabalhando e vejo que sem estudo a gente sofre porque muita gente se aproveita disso. A minha família é muito unida e mora não muito perto. As coisas que mais marcaram a minha vida foram eu não ter acabado meu estudo, mas minha filha marcou minha vida também. Hoje eu agradeço a Deus por estar estudando porque eu quero acabar meus estudos para fazer faculdade e concurso público.



Meu nome é A. Tenho 15 anos e irei falar como vim parar no PEJA 2023. Tudo começou quando eu tinha por volta de 12 a 13 anos, eu estava na sexta série no final do ano. Quase todos da sala haviam se formado e eu fui um deles. Depois de um tempo minha mãe estava indo fazer minha matrícula, mas não conseguiu. Ela ficou tentando e tentando. Isso no início da pandemia. Assim que a quarentena começou, piorou para ela conseguir me matricular em uma escola. Ela ficou 4 anos seguidos tentando me matricular no sétimo ano, mas não conseguiu. Então ainda na quarentena, as coisas haviam se complicado pois meu pai tinha pegado COVID-19. Mas graças a Deus ele se curou desta doença. Assim seguimos a vida normalmente. Voltando para 2023, minha mãe disse que ia me colocar para estudar no PEJA. Eu fiquei feliz, mas ao mesmo tempo nervoso pois haviam se passado 4 anos e eu não me lembrava de muitas coisas da escola, como matemática e ciências. Mas lembrei meu do meu pai dizendo que queria que eu terminasse meus estudos. Então aceitei estudar a noite. Achei que seria difícil entender, mas foi bem fácil voltar a aprender com os professores explicando direitinho. Assim foi seguindo a vida e não me arrependo de voltar a estudar.



Meu nome é C. Nasci no dia 29/08/1972 no Rio de Janeiro. Sou a única filha que nasceu no hospital de 5 irmãos. Minha infância foi sofrida e quase foi abusada pelo meu cunhado, mas não pude falar na época porque minha mãe não permitiu. Na minha adolescência comecei a trabalhar com 9 anos, por isso não sei se posso chamar de adolescência. Minha família é pequena e moramos próximos, mas quase não nos vemos. As coisas mais importantes que marcaram minha vida foram eu ser mãe, eu ser avó e voltar a estudar. Para chegar na escola foi difícil pois meu trabalho tinha horários que não batiam. Mas consegui e hoje estou estudando. Hoje sou uma pessoa mais confiante. Para o meu futuro espero terminar o meu estudo. Meu sonho é fazer um curso de técnico de enfermagem. Quero alcançar o meu objetivo e conseguir me tornar uma profissional na área de saúde.

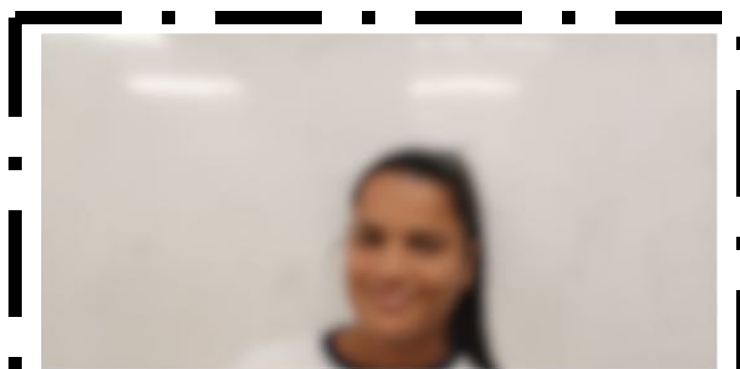


Meu nome é J. Nasci no dia 24 do mês de novembro do ano de 1989. Nasci no Rio de Janeiro, na maternidade Carmela Dutra. Minha mãe não era casada com meu pai e por isso só tenho um sobrenome. Minha infância foi maravilhosa. Pulei amarelinha, brinquei de pique bandeirinha e pulei elástico. Minha família sempre foi unida nas festas. Com 15 anos virei roqueira e minha mãe fazia minhas vontades, até que fui morar na favela e comecei a fazer amizades. Comecei a me envolver com más companhias e tudo foi mudando. Minha família já foi grande e unida. Mas cada um na sua casa. As coisas mais importantes que marcaram minha vida foram o nascimento do meu filho, a festa de 1 ano do meu filho e quando sofri violência doméstica. Estudei em várias escolas e fui ficando para trás, até que eu parei. Voltei, mas descobri que estava grávida e parei de novo. Agora estou tentando recuperar o tempo perdido. Hoje me defino como uma mulher muito forte, passei por muita coisa com o meu filho pequeno. Passei muita dificuldade depois que minha mãe morreu. Hoje em dia graças a Deus, porque sem ele não sou nada, estou lutando e me tornando uma pessoa melhor. Para o meu futuro espero ter uma profissão para poder pagar uma faculdade para o meu filho que já está com 15 anos. Meus principais sonhos são fazer cursos, montar minha casa com tudo novinho, pagar os estudos do meu filho e dar um futuro melhor para o meu filho. Minhas metas são ter minha família estabilizada e bem, e poder abrir algo meu trabalhar para mim.





Olá! me chamo A. e tenho 15 anos. Eu nasci em Londrina no Paraná. Quando eu nasci a minha mãe falou que eu virei e nasci de pé para baixo. Ela fala que eu dei muito trabalho. A família da minha mãe é grande, mas eu não gosto muito deles. Não são todos cobra, tem uns que eu gosto. Mas voltando para onde eu nasci, lá é bem bonito e tem vistas lindas. Eu adoro os lagos e os peixes. Eu tenho um sonho de ser advogada e um sonho, desde que eu tinha 9 anos, que eu também quero servir à marinha. Eu vou cursar os dois. São metas que vou cumprir, mas eu ainda tenho medo de algumas das minhas metas se não forem concluídas a tempo. O tempo é o nosso maior inimigo.



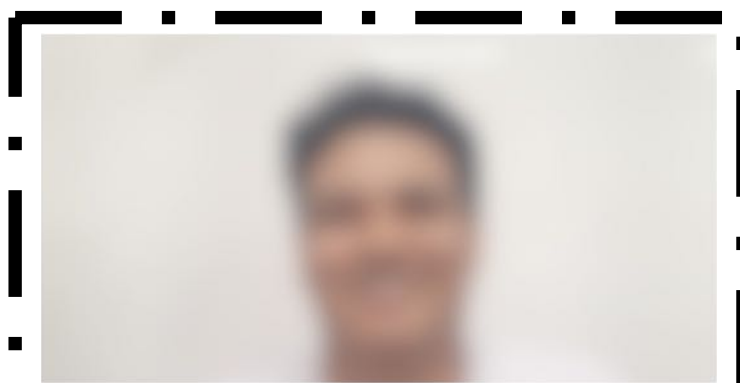
Meu nome é M. Nasci no Rio de Janeiro. No meu nascimento minha mãe esteve sozinha, mas superou tudo! A minha infância foi ruim porque foi muito curta, não tive muito tempo para brincar e foi dessa infância ruim que aprendi a me cuidar. Minha adolescência também foi ruim, fiz coisa que não era para fazer, mas superei e sobrevivi todos os males. Hoje estou com 19 anos e decidida. estou focada no meu trabalho e no meu bem mais precioso, meu filho. Estou conquistando minhas metas e cuidando de mim também porque tenho um filho que precisa de mim, eu quero terminar meus estudos arrumar um emprego bom e ser feliz cuidando do meu filho e terminar de conquistar minhas metas e mais uma vez ser feliz.



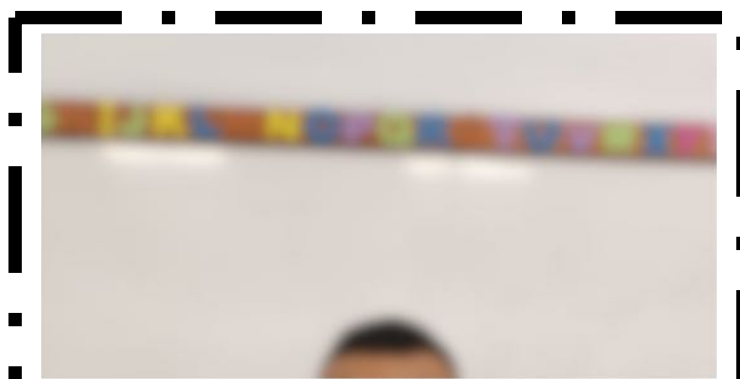
Meu nome é E. Na minha infância eu era um bom aluno. Quando adolescente fui Capitão de futebol. Minha família é unida, gostamos de jogar videogame. As coisas mais importantes que marcaram minha vida foi quando fui campeão de futebol e quando ganhei minha medalha por jogar muito bem. Minha meta é tirar boa nota e ter bons amigos.



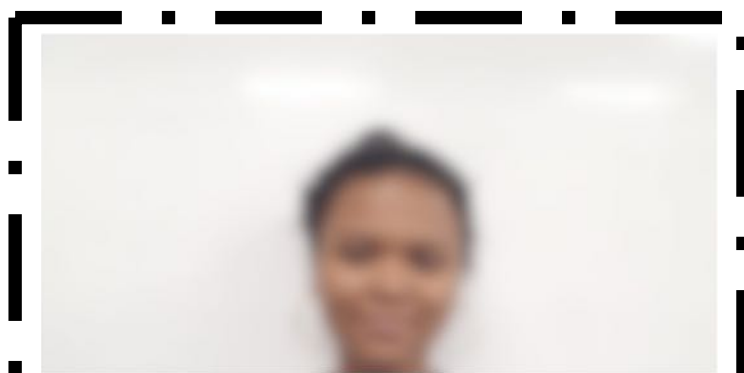
Meu nome é A, tenho 18 anos. Nasci no Ceará. Morava no interior de um lugar com mato. Desde pequena sempre morei com minha avó e com meu avô. Minha família toda é do Ceará, mas alguns moram em São Paulo, outros moram em outros lugares. Quando eu era pequena gostava muito de jogar vôlei e futebol, mas com o tempo isso foi mudando. Quando eu fiz 15 anos vim morar no Rio de Janeiro com minha tia atrás de um trabalho melhor. Mas veio a pandemia e aí fiquei sem estudar por uns anos, uns 3 anos. Depois passou a pandemia e não voltei a estudar porque estava trabalhando para ajudar minha tia em casa. Fiquei trabalhando até meus 17 anos. Fiquei desempregada e como eu estava sem fazer nada decidi voltar a estudar e me arrependi muito por ter parado de estudar, porque senão já tinha terminado. Estou até hoje morando no Rio com a minha tia. Trabalho e estudo graças a Deus, e fico muito feliz por ter voltado a estudar. Estudar é tudo.



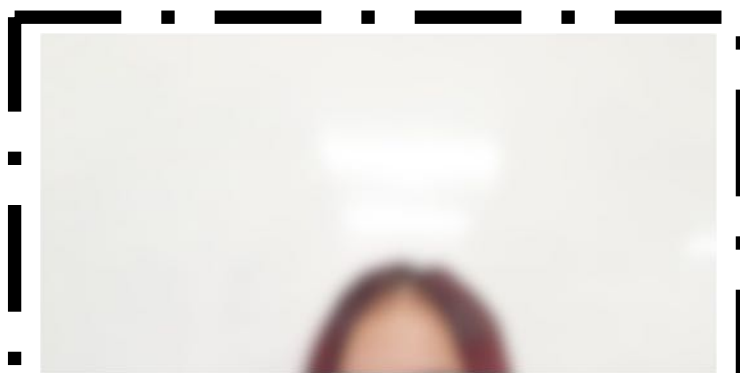
Meu nome é A. Nasci no estado do Pará no dia 21 do mês de junho de 2006. Minha infância foi muito boa. Estou na adolescência ainda e a maior parte foi na pandemia. Minha família é grande e nos encontramos com frequência não saímos para lugares juntos, mas gostamos de resenhar. Uma coisa que marcou minha vida negativamente foi a pandemia e positivamente foi ter ido à praia pela primeira vez. Nunca repeti na escola, parei de estudar em 2020 quando começou a pandemia. Hoje eu amadureci tenho mais responsabilidade. Eu quero ter muito dinheiro e tirar o meu pai do trabalho.

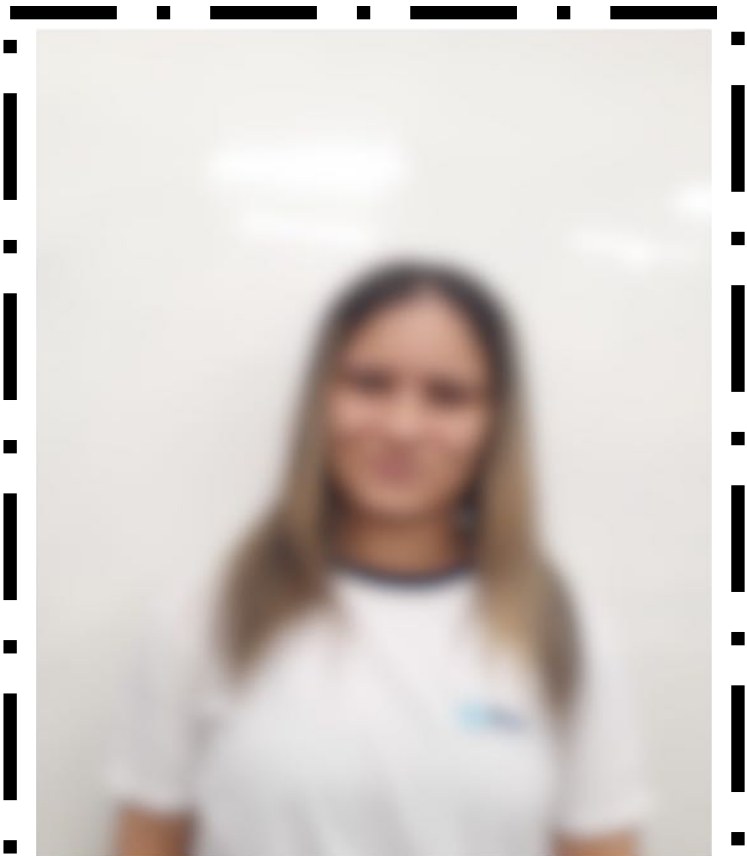


Meu nome é B., tenho 16 anos. Nasci e moro no Rio de Janeiro. Meu nascimento foi muito bom porque quando os meus pais souberam que eu iria nascer ficaram muito felizes. A minha infância teve muitos momentos bons, mas eu não tinha muito interesse com os estudos. A minha família é pequena e não se comunica muito. Porque a família por parte da minha mãe e do meu pai são separadas. Alguns familiares eu tenho contato. A minha trajetória até chegar ao PEJA, foi porque chegou uma parte da minha vida que eu tinha que avançar nos estudos para alcançar minhas metas no futuro. Hoje eu me vejo mais interessado do que antes, com mais expectativas de alcançar as minhas metas.



Meu nome é J., tenho 16 anos. Nasci aqui no morro do Complexo do Alemão. Minha família é muito pequena, mas bastante unida. Nós gostamos de passear juntos. Nosso lugar preferido, que nós saímos bastante, é no parque de Madureira. Uma coisa que mais marcou minha vida foi o nascimento do meu afilhado. Só de eu estar perto dele eu já sinto paz. Eu comecei a estudar no PEJA porque me mudei para Baiana no final do ano passado e não tinha uma vaga em nenhuma escola. Eu tenho muito orgulho de mim mesmo porque eu continuar tentando e não ter desistido, mesmo passando por maus bocados. Deus me fortalece e me torna forte. Minha meta de vida é pegar o meu diploma, me formar, completar meus cursos e conquistar minhas coisinhas.



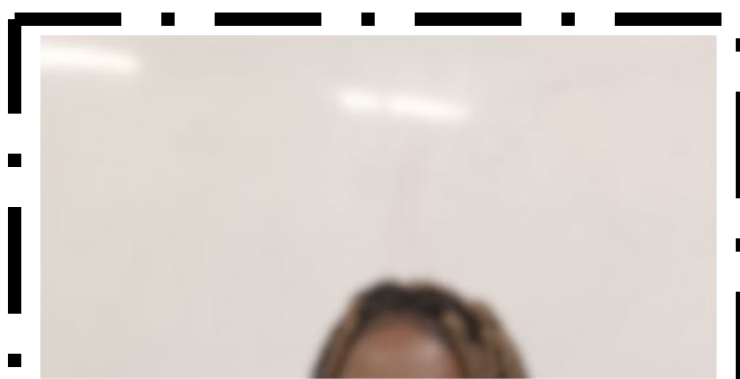


Meu nome é P. e tenho 16 anos de idade. Nasci em Duque de Caxias. O que eu fiquei sabendo pela minha mãe quando eu nasci foi que eu nasci de parto cesariano e fui uma criança muito desejada pelos outros da família. Tenho alguns traumas de ansiedade porque perdi uma pessoa muito importante, mas tirando isso, minha família é muito boa. Falando nisso minha família é muito grande e não é muito unida porque a maioria mora longe. Às vezes todos nós nos reunimos e fazemos almoço e algumas brincadeiras. As coisas que eu não me esqueço até hoje são quando eu fui campeão mundial de jiu-jitsu e quando fui chamado para o Clube de Futebol do Vasco. Minha trajetória escolar não foi muito boa, mas sigo em frente, e essa é a minha história.





Meu nome é K. Tenho 16 anos. Eu nasci em Cavalcante e tenho 12 irmãos. Minha família é grande, unida e esforçada. Eu gosto muito dos meus irmãos. Nós gostamos muito de fazer churrasco quando estamos juntos. Eu estudo e levo meu sobrinho na creche. Gosto de trabalhar quando tenho alguma coisa para eu ajudar na loja da minha tia. Minha meta é ser piloto de jato e seguir carreira e ter patentes na aeronáutica. Na minha vida eu quero construir uma casa, arrumar uma pessoa para a minha vida, ter filhos e conhecer o Brasil. Eu lembro na minha infância que eu queria ser da marinha, mas o que eu gosto mesmo é da aeronáutica. As coisas que marcaram minha vida até hoje foi quando eu fui para Porto Alegre e quando viajei para Minas. Fiquei em uma fazenda bem bonita e quando fui morar com a minha tia.



Meu nome é E. Hoje vou contar um pouco da minha vida. Tenho 22 anos, tenho 2 filhas lindas e um companheiro. Decidi voltar a estudar para terminar meus estudos. Sonho em fazer faculdade de enfermagem. Sinceramente, se antigamente eu tivesse esses pensamentos eu terminava meus estudos e ia realizar meu sonho que era ser da marinha. Mas enfim, nunca é tarde para recomeçar. Hoje em dia quem me ajuda é a minha mãe. E eu vou falar que ela é mulher batalhadora e guerreira, muito minha amiga. Já errei muito. Hoje em dia tento recompensar, mas tenho fé que vou conseguir conquistar tudo o que eu quero. Porque eu posso, porque eu consigo.



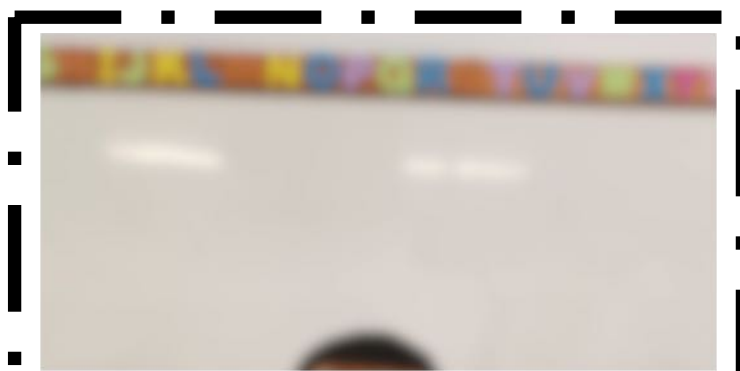
Meu nome é S. Tenho 23 anos e sou do Rio de Janeiro. Nasci no dia 15 de agosto do ano de 1999. Não tenho filho ainda mas pretendo mais para a frente. Voltei a estudar porque pretendo trabalhar e ter um futuro digno. Sou uma menina de grandes sonhos. Um deles era ser chefe de cozinha. Amo cozinhar! Sou casada com meu amado e posso dizer que ele faz parte de mim e da minha família. Meus pais são separados, minha mãe mora em Niterói, mas a gente sempre tenta se encontrar. Já meu pai, moro com ele graças a Deus. Minha família é unida e feliz e são engraçados também. Enfim, acho que hoje em dia eu perdi muito tempo e quero recuperá-lo e com fé em Deus eu vou. Porque estou disposta em nada para Deus é difícil.



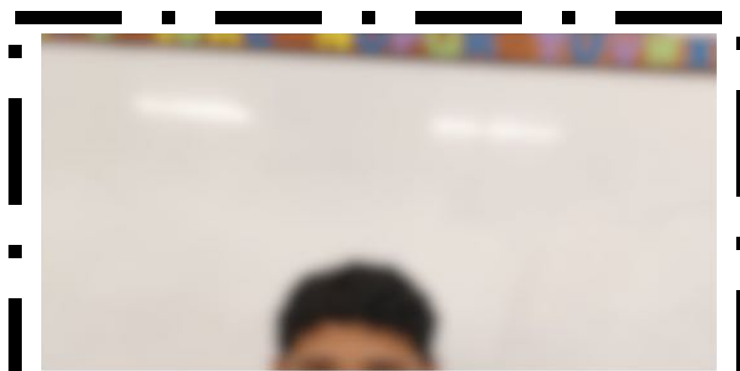
Meu nome é V. Tenho 20 anos e nasci em Caxias. Hoje moro em Ramos, no Complexo do Alemão. Minha infância foi muito boa, brinquei com as garotas do prédio da minha avó falecida, que morreu há pouco tempo. Meu sonho quando era criança era ser veterinária portanto que eu pegava todos os gatos e cachorros da rua do. Minha avó ficava louca. Fui crescendo então deixei essa loucura de lado, mas se deixar eu sigo essa a carreira. Vai depender de mim mesmo estudar muito para ser alguém. Na minha família a mais velha sou eu dos meus irmãos. Na minha família somos 6, moramos todos na mesma casa. Na época em que minha avó era viva a gente saía muito para o parque, pois minha avó tinha muita condição. Hoje em dia sinto muita saudade dela porque ela que me criou. Eu estudei até o sexto ano e parei de estudar. Aí estudei em mais 3 escolas antes de vir para cá. Quem me vê sorrir não sabe o quanto eu chorei. Eu espero que um dia eu possa realizar todos os meus objetivos e metas e que eu possa dar para minha família condições melhores.

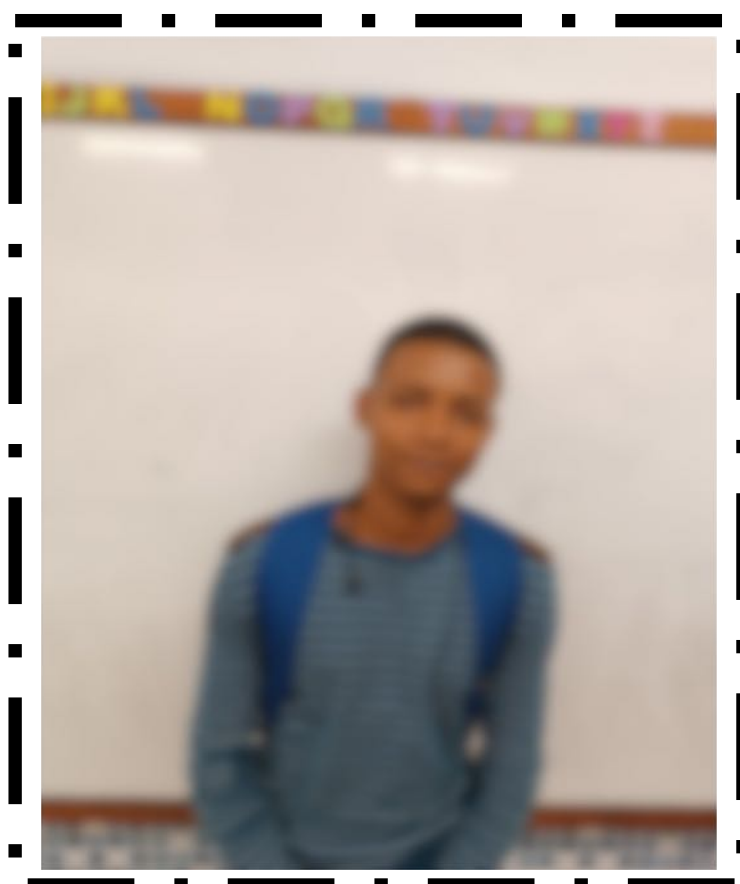


Meu nome é F. Nasci no hospital Fernando Magalhães às 23:45 de parto normal no dia primeiro do mês de julho do ano de 1999 no Rio de Janeiro. Minha infância foi maravilhosa com 3 irmãos perfeitos. Fomos criados no Complexo do Alemão. Tive uma adolescência tranquila e boa. Minha família é pequena, unida e moramos próximos. Nos encontramos com frequência para festas churrascos e viagens. As coisas mais importantes que marcaram a minha vida foram o nascimento dos meus filhos e minhas conquistas. Fui uma aluna terrível e agora quero recuperar o tempo perdido. Hoje sou uma mulher linda, forte e cheia de sonhos e sede de viver. Para o meu futuro só quero coisas boas. Meu sonho é trabalhar por conta própria, trocar de carro e moto. Minha meta pessoal já está praticamente alcançada, desejo fazer mais cursos e continuar focada em design de sobrancelhas.



Meu nome é G. Nasci no dia 25 do mês de março do ano de 1965 no município de Mendes Pimentel no estado de Minas Gerais. Minha infância não foi boa por não ter tido um pai presente. Minha adolescência também não foi boa por ter passado muita necessidade. Minha família é grande e moram longe, em Rondônia, Mato Grosso e Minas Gerais. Nos vemos geralmente de 3 em 3 anos ou até de 5 em 5 anos, gostamos de fazer almoço com churrasco e pescar no rio. As coisas mais importantes que marcaram minha vida foram os meus 3 filhos, principalmente João Lucas de 1 ano e 4 meses. Eu moro em Tomás Coelho e não encontrei vagas nas escolas por lá porque lá só oferece de primeiro ano em diante. Hoje sou um homem que prefere ficar em casa trabalhando e cuidando da família do que ficar na rua jogando conversa fora. Para o meu futuro espero ter mais conhecimento para educar melhor meu filho. Meus principais sonhos são administrar melhor os meus negócios e minhas metas profissionais e pessoais são ter mais conhecimento e entendimento.





]

Meu nome é K. Moro no morro da Baiana no Complexo do Alemão. Eu tenho 17 anos e nasci no Rio de Janeiro. O meu sonho é ser jogador de futebol, mas eu vou ter que estudar muito porque não é só jogar bola, tenho que estudar também. Eu gosto de mexer no celular. A minha família gosta de mim. Eu moro com a minha mãe e minhas duas irmãs. Minha família

grande e unida e muito boa. Penso no meu futuro e ano que vem vou entrar para o quartel. Quero ser PQD. Esses são meus maiores sonhos da minha vida, para ter mais experiência e conhecer pessoas novas. As coisas que eu mais gosto são comer, jogar bola, sair com meus amigos ir à praia com a minha família. Minha família é tudo para mim. Adoro minha vida e minha família.

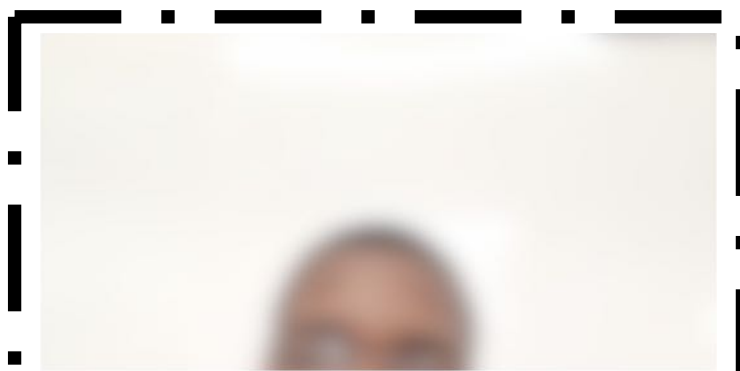


Me chamo L. Tenho 33 anos e sou morador da Grotá. Faço parte de um grupo chamado PEJA da escola Padre Manuel da Nóbrega para jovens e adultos. Estou no Peja II Bloco II, que seria o nono ano. E penso em me formar em uma profissão para o mercado de trabalho e até ser concursado, ser bastante produtivo e ter qualidades. Sou filho e tenho 3 irmãos, comigo somos 4. Somos comunicativos. Tenho mãe, mas não tenho pai. Solto pipa, jogo bola e trabalho. Perdi minha irmã mais velha há menos de 1 ano e minha avó que me criou desde pequeno. Hoje luto pela vida que acho certa para mim. Só peço a Deus força a cada dia para morar em um lugar bacana com a minha família.



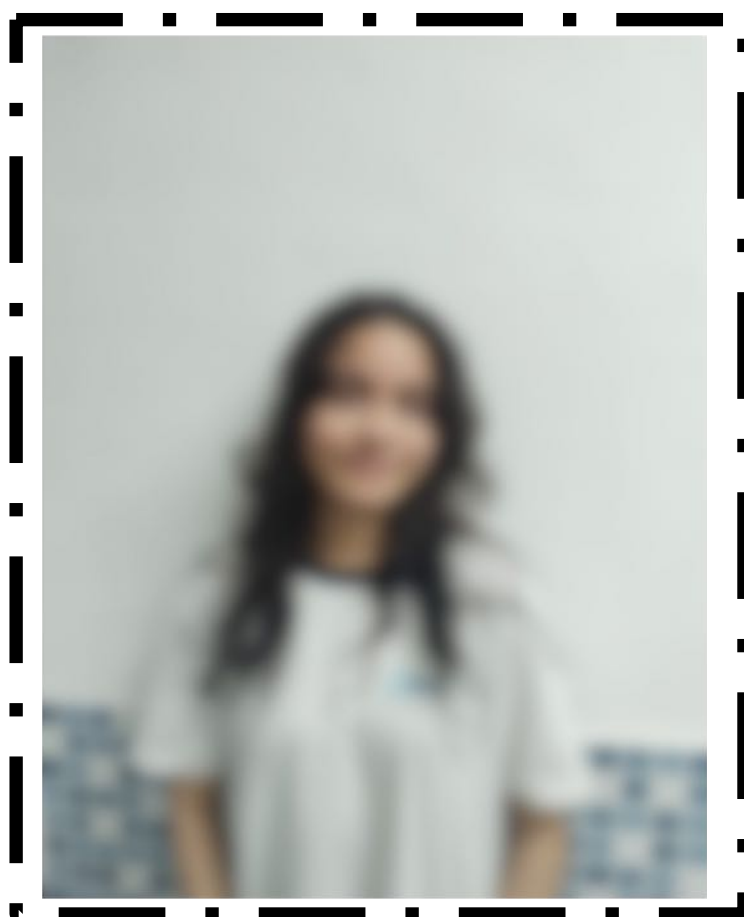


Meu nome é M. Tenho 57 anos e nasci em Campina Grande na Paraíba. Quando minha mãe ficou gestante de mim, ela disse que foi muito desejada por todos da família. Uma família sempre querida por todos e unida. Na minha adolescência eu tive que parar com os estudos para ajudar meus pais que tinham mais 4 filhos. As coisas foram ficando muito difíceis. Minha família não é muito grande, mas graças a Deus é unida. Moramos próximos e estamos sempre juntos ao final de semana. O que mais gostamos de fazer juntos é churrasco. A maior coisa que marcou minha vida foi ser mãe. A segunda foi realizar meu sonho de terminar meus estudos e futuramente fazer uma faculdade de direito.



Meu nome é N. Eu tenho 18 anos e nasci no Rio de Janeiro. Gosto de sair com meus amigos. Passei por um momento muito difícil da minha vida quando perdi minha mãe e fui morar com o meu pai muito novo. Tenho sonho de ser bombeiro, nesse meio tempo parei de estudar e voltei para a casa da minha mãe para morar com meu irmão. Com a ajuda da minha família voltei a estudar, mesmo com a família muito distante voltei e quero terminar os estudos. Para poder ter um emprego bom e ganhar bem, mas no momento estou querendo servir o exército brasileiro. Tenho um sonho muito grande em ser PQD do exército brasileiro e vou terminar os estudos para tentar fazer um concurso para caso não consiga entrar normal. Eu vou terminar o peso é porque eu fiquei 2 anos sem estudar e estou voltando atrás dos meus objetivos e tempos perdidos.





Meu nome é S. Tenho 16 anos e nasci no Maranhão e sou nordestina. Bom, não vou contar sobre agora porque não estou passando por um momento bom. Mas vou contar um pouco sobre minha infância. Minha mãe é macumbeira e sempre que ela ia para o terreiro do pai de Santo dela eu podia ir junto porque eu achava legal, interessante e muito bonito. Achava os

pontos lindos eu realmente me sentia em casa quando estava lá. Isso acontecia quando eu tinha uns 6 ou 7 anos. Meu último festejo foi na festa de caboclo roxo que é uma entidade maravilhosa que não tem medo de ajudar aqueles que precisam. Sinto bastante saudade e fico triste quando lembro desse momento especial. Sobre minha família gosto muito quando fica todo mundo Unido contando coisas sobre o passado deles. Minha meta para agora é mudar e encontrar uma pessoa que eu amo e ver minha mãe realizar o sonho dela. Espero para o meu futuro algo que meus pais possam se orgulhar.

Questionário feito durante a realização da OBMEP (Olimpia Brasileira de Matemática das Escolas Públicas) em 2023.

**QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO PARA ESTUDANTES DA EJA RIO**

**Prezado(a) estudante,** este questionário tem por objetivo conhecer melhor você e sua escola. As respostas fornecidas são importantes para compreendermos melhor sua realidade. Não existem respostas certas ou erradas, assinale a alternativa que mais representa a sua realidade. Todas são muito importantes para nós!  
Para responder ao questionário você vai precisar de aproximadamente 20 minutos.

1. Nome: [REDACTED] V

2. Em quem local da cidade do Rio de Janeiro você reside?

☒ (A) Zona Norte.  
☐ (B) Zona Oeste.  
☐ (C) Zona Sul.  
☐ (D) Centro.  
☐ (E) Fora da cidade do Rio de Janeiro.

3. Qual é a sua nacionalidade?

☒ (A) Brasileiro(a).  
☐ (B) Estrangeiro(a).

4. Qual é a sua idade?

☐ (A) 15 a 17 anos.  
☐ (B) 18 a 29 anos.  
☐ (C) 30 a 59 anos.  
☒ (D) 60 a 79 anos.  
☐ (E) 80 anos em diante.

5. De acordo com as categorias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como você se considera com relação à sua cor?

☐ (A) Preto(a)  
☒ (B) Pardo(a)  
☐ (C) Indígena  
☐ (D) Branco(a)  
☐ (E) Amarelo(a)

6. Qual foi o sexo atribuído em seu nascimento?


☒ (A) Feminino.  
☐ (B) Masculino.

7. Com qual gênero você se identifica?

☐ (A) Feminino.  
☒ (B) Masculino.  
☐ (C) Prefiro não dizer.  
☐ (D) Outros.


Questionário Socioeconômico EJA Rio | página 01

Questionário realizado quando o discente entra no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA).

 **PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
Secretaria Municipal de Educação  
Secretaria Municipal Padre Manuel da Nóbrega

**Complete as informações:**

- Nome: \_\_\_\_\_
- Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ anos
- Endereço: \_\_\_\_\_
- Qual a melhor forma de entrar em contato com você? \_\_\_\_\_
- Em relação ao gênero, como você se define?  
( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro: \_\_\_\_\_
- Em relação a raça, como você se define?  
( ) Branco ( ) Preto ( ) Pardo ( ) Amarelo ( ) Indígena ( ) Outro: \_\_\_\_\_
- Você tem religião? ( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_
- Você tem filhos? ( ) Sim ( ) Não
- Caso tenha filhos... Quantos filhos? \_\_\_\_\_ Qual idade deles? \_\_\_\_\_
- Você tem problema de saúde? ( ) Sim ( ) Não Qual? \_\_\_\_\_
- Esse problema já te impediu de fazer alguma coisa importante para você?  
( ) Sim ( ) Não
- Você trabalha? ( ) Sim ( ) Não Qual seu trabalho? \_\_\_\_\_
- Tem carteira assinada? ( ) Sim ( ) Não
- Você gosta de seu trabalho? ( ) Sim ( ) Não
- Onde fica seu trabalho? \_\_\_\_\_
- Qual seu horário de trabalho? \_\_\_\_\_
- Você pensa em trabalhar em outra coisa? Em que você gostaria de trabalhar? \_\_\_\_\_
- O que precisa para trabalhar com o que você gostaria? \_\_\_\_\_

 **PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
Secretaria Municipal de Educação  
Escola Municipal Padre Manuel da Nóbrega

• **Você fez ou faz algum curso?** ( ) Sim ( ) Não **Qual?** \_\_\_\_\_

• **Quantas pessoas moram com você?** \_\_\_\_\_ **Quem?** \_\_\_\_\_

• **Você tem parentes que estudam aqui na escola a noite também? Quem são?**  
( ) Sim ( ) Não \_\_\_\_\_

• **Você tem amigos ou conhecidos que estudam aqui na escola a noite também? Quem são?** ( ) Sim ( ) Não \_\_\_\_\_

• **Marque as opções:**

**Você está estudando este ano porque:**

( ) Precisa do diploma  
( ) Precisa aprender novas coisas  
( ) Alguém te cobrou de estudar  
( ) Outro: \_\_\_\_\_

**Seu caminho de ida para escola:**

( ) É perto e consegue ir andando.  
( ) É perto, mas precisa de transporte público  
( ) É longe, mesmo assim vem andando  
( ) É longe e precisa de transporte público  
( ) Você vem pra escola de carro

**Antes desse ano como era sua vida escolar?**

( ) Nunca estudei em escola.  
( ) Estava sem estudar. Quanto tempo? \_\_\_\_\_  
( ) Estudava em outra escola. Onde? \_\_\_\_\_  
( ) Estudava nessa mesma escola.

**Como é seu caminho de volta para casa ao sair da escola?**

( ) É perto e consegue ir andando  
( ) É perto, mas precisa de transporte público  
( ) É longe, mesmo assim vai andando  
( ) É longe e precisa de transporte público  
( ) Você vai pra casa de carro

• **Você já parou de estudar alguma vez? Por quê?**  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

• **Você tem celular?** ( ) Sim ( ) Não

• **Você tem computador?** ( ) Sim ( ) Não

• **Você tem acesso à internet?** ( ) Sim ( ) Não

